



CRB

Quadro Programático da CRB 2010-2013

HORIZONTE

Em meio aos grandes desafios do mundo complexo e plural, da realidade da Igreja e da Vida Religiosa Consagrada, a Palavra de Deus nos impulsiona a avançar com os “olhos fixos em Jesus” (Hb 12,1-3), movidos/as pelo Espírito que o consagrou e enviou a anunciar a Boa-Nova (Lc 4,18). Provocados/as por uma nuvem de testemunhas (Hb 12,1), reafirmamos nossa identidade místico-profética e reavivamos a paixão pelo Reino, defendendo e promovendo a vida, assumindo a causa dos empobrecidos e construindo relações humanas, fraternas e solidárias.

PRIORIDADES

1. Redescobrir o sentido profundo da VRC, revitalizando a paixão por Jesus e seu Reino mediante a escuta da Palavra de Deus, a oração encarnada, a contemplação sapiencial da realidade, o compromisso discipular-missionário, a convivência como irmãos e irmãs e a comunhão com toda a criação.
2. Avivar a dimensão profético-missionária da VRC, atuando nas novas periferias e fronteiras, intensificando a opção pelos empobrecidos, e fortalecendo o compromisso com as grandes causas sociais, econômicas, políticas e ambientais.
3. Qualificar as relações na VRC e em seu espaço de inserção, em diálogo com as diferenças pessoais, culturais, étnicas, religiosas, geracionais e de gênero.
4. Ampliar o diálogo com as novas gerações em seus anseios e inquietações, e buscar novas metodologias para a animação vocacional.
5. Aprofundar o conhecimento da realidade juvenil e intensificar a presença e ação junto às juventudes.
6. Buscar maior leveza e agilidade institucional da VRC e ampliar as fronteiras congregacionais por meio da intercongregacionalidade, da partilha do carisma com outras pessoas e grupos de redes e parcerias.

CONVERGÊNCIA



- Os Camilianos na foz do rio Amazonas
- Sobre os padres na mídia e da mídia
- Diferentes gerações na Vida Consagrada
- Principais conflitos da estrutura homossexual e outros conflitos heterossexuais
- A importância da Pastoral na formação

JANEIRO/FEVEREIRO 2012 • XLVII • nº 448

JANEIRO/FEVEREIRO 2012 • XLVII • nº 448

CONVERGÊNCIA

Sumário

Editorial

Saúde e paz para toda a Vida Religiosa Consagrada em 2012!..... 1

Mensagem à Vida Religiosa Consagrada

De olhos fixos em Jesus!
MÁRIAN AMBROSIO 5

Informes

Os Camilianos na foz do Amazonas
LÉO PESSINI 9

Alcoolismo na Vida Religiosa: Comunidade Vida Nova salvando vidas
GUILHERME TRACY E TEREZINHA DIAS 31

O rosto da Convergência 2012
ANDERSON AUGUSTO DE SOUZA PEREIRA 37

Arte e Cultura

Sobre os padres na mídia e da mídia
JOSÉ FERNANDES OLIVEIRA (PE. ZEZINHO) 38

Artigos

Diferentes gerações na Vida Consagrada: desafios e perspectivas
J. B. LIBANIO 49

Principais conflitos da estrutura homossexual e outros conflitos heterossexuais
PAULO DULLIUS 63

A importância da Pastoral na formação
ROMERO JOSÉ DA SILVA E MANOEL GODOY 84



CONVERGÊNCIA

Revista mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil – CRB
ISSN 0010-8162

DIRETORA RESPONSÁVEL

Ir. Márian Ambrosio, dp

REDATOR RESPONSÁVEL

Pe. Plutarco Almeida, sj
MTb 2122

CONSELHO EDITORIAL:

Ir. Helena Teresinha Rech, sst
Ir. Vera Ivanise Bombonato, fsp
Pe. Cleto Caliman, sdb
Pe. Jaldemir Vitória, sj
Pe. Roberto Duarte Rosalino, cmf

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

SDS, Bloco H, n. 26, sala 507
Ed. Venâncio II
70393-900 - Brasília - DF
Tel.: (61) 3226-5540
Fax: (61) 3225-3409
E-mail: crb@crbnacional.org.br
www.crbnacional.org.br
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas
do PDF sob o n. P. 209/73

Projeto gráfico:
Manuel Rebelato Miramontes

Revisão:
Cirano Dias Pelin e Sandra Sinzato

Impressão:
Gráfica de Paulinas Editora

Ilustração da capa:
Pe. José Maria Fernandes Machado, sj

Os artigos assinados são de responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Assinatura anual para 2012: Brasil: R\$ 89,00
Exterior: US\$ 89,00 ou correspondente em R\$ (reais)
Números avulsos: R\$ 8,90 ou US\$ 8,90

ASSINATURAS 2012

1) Novo preço: Brasil: R\$ 89,00 – Exterior: US\$ 89

Um pouco depois do início de 2011 os nossos custos (gráfica, transporte, correios etc.) tiveram um expressivo aumento. Contudo, a CRB resolveu não aumentar o preço da revista e assumiu o impacto desses custos.

Para 2012, entretanto, faz-se necessário um reajuste mínimo a fim de que possamos, por um lado, continuar a merecer o apoio dos nossos assinantes e, por outro, cobrir as despesas da Convergência.

2) Quando e como renovar a assinatura?

A maioria das assinaturas vence em 31 de dezembro. Caso haja dúvida, por favor, entre logo em contato conosco, se possível antes do vencimento, pelo e-mail <convergencia@crbnacional.org.br>.

A renovação pode ser feita de dois modos:

- Através do site <crbnacional.org.br>, no link “Revista Convergência”, colocando o CNPJ ou CPF, imprimindo o boleto e pagando no banco.
- Via depósito bancário direto (BANCO DO BRASIL, AG 1230-0, C/C 306.934-6). É necessário depois passar por fax ou e-mail o comprovante devidamente identificado.

Atenção!

Ao acessar a nossa página na internet, se a sua Congregação/Ordem/Instituto possui várias casas/obras com o mesmo CNPJ, é necessário conhecer o código de assinante. Este código vem impresso todo mês na etiqueta do envelope da revista.

Por favor, GRAVE-O! Isto vai facilitar o nosso relacionamento depois.

3) Novas assinaturas

Envie os dados completos (Congregação/Ordem/Instituto, endereço, CNPJ ou CPF, telefone etc.) para o e-mail <convergencia@crbnacional.org.br>. Em seguida, mandaremos o boleto para pagamento.

Observação: para adiantar o processo, faça o depósito na conta-corrente mencionada acima e mande, via fax ou e-mail, o comprovante juntamente com os dados completos.

Saúde e paz para toda a Vida Religiosa Consagrada em 2012!

Estamos iniciando uma nova etapa no caminho da vida. Sempre *de olhos fixos em Jesus* (Hb 12,1-3) e querendo deixar-nos conduzir pelo Espírito Santo que o consagrou e enviou a anunciar uma Boa-Notícia aos empobrecidos deste mundo (Lc 4,18), pretendemos caminhar com você, querido(a) leitor(a) da *Convergência*, ao longo deste ano de 2012.

A revista chega às suas mãos de cara nova, ilustrada pela sensibilidade artística do nosso Irmão Anderson. Ele mesmo vai falar sobre a sua obra nas páginas desta edição. E vamos seguir fazendo, com a graça de Deus e o apoio dos(as) nossos(as) leitores(as), uma *Convergência* sempre mais rica em conteúdos provocantes/proféticos, leve no formato e na linguagem e também aberta às críticas e sugestões dos religiosos e religiosas, pois são eles(as), afinal, a razão de ser deste nosso humilde veículo de comunicação.

Como em 2011, logo na abertura do primeiro número do ano de 2012 a Irmã Márian Ambrosio, dp, presidente da Conferência dos Religiosos do Brasil, dirige-se à Vida Religiosa Consagrada em tom de esperança, declarando que “cada dia deste promissor ano de 2012 representa uma chance de conversão, de crescimento, de audácia profética, de coerência, de fé! A certeza de que as forças de ‘nosso quatro’ são cotidianamente multiplicadas pela infinita grandeza do ‘três de Deus’ será nossa bandeira!”.

Depois da palavra da Irmã Márian, a seção Informes chega trazendo dois relatos de experiências pastorais muito interessantes, uma no sul e outra no norte do Brasil. Essas experiências estão relacionadas à saúde, tema da Campanha da

Fraternidade 2012. Ao longo da Quaresma, de modo particular e mais intenso, toda a Igreja no Brasil estará refletindo sobre “Fraternidade e saúde pública”. O lema da CF 2012 é: “Que a saúde se difunda sobre a terra” (Eclo 38,8). Como direito de todo cidadão e de toda cidadã, ao atendimento de saúde proporcionado pelo Poder Público sempre foi um grande e, parece que até agora é, insolúvel problema.

E já que o assunto é saúde, em 2012 os Padres e Irmãos Camilianos, cujo carisma é justamente este, comemoram noventa anos da chegada dos seus primeiros religiosos (1922-2012) e também quarenta anos de sua presença missionária na foz do Amazonas, mais precisamente em Macapá, capital do estado do Amapá. Depois de lermos “Os Camilianos na foz do Amazonas: missão a serviço da vida e da saúde em meio aos mais pobres e doentes”, texto escrito pelo Padre Léo Pessini, provincial dos Camilianos do Brasil, com certeza teremos uma visão mais realista de como está a saúde pública em nosso País.

Aqui temos mais um testemunho riquíssimo de amor aos pequenos de Deus, as populações ribeirinhas que vivem isoladas no interior da Amazônia, sem direito à saúde nem à nada. Não fosse o trabalho árduo (e amoroso) desses missionários que vivem por lá há quarenta anos, certamente o abandono e a exclusão social dessas populações seria muito maior. Mais do que *salvar vidas*, os Camilianos também *salvam almas* a partir da pregação e, sobretudo, da vivência concreta do Evangelho: “[...] estive doente e viestes visitar-me [...]” (cf. Mt 25,35-46).

Mas, quando falamos em saúde, não podemos esquecer que existem outras doenças terríveis e que nem sempre merecem a atenção das pessoas em geral. Dentre elas destacamos o alcoolismo. Realmente, quem tem/teve algum parente ou amigo(a) escravizado(a) pela bebida sabe do que é que estamos falando. No caso da Vida Religiosa Consagrada, quanto sofrimento se observa em Comunidades que são chamadas a buscar tratamento para um(a) Irmão(ã) alcoólatra!

A revista *Convergência* apresenta o belo testemunho da *Comunidade Vida Nova*, que trabalha na recuperação de religiosos(as), padres, diáconos e seminaristas vítimas do alcoolismo. É bom conhecer o trabalho que é feito em Curitiba, Paraná, e rezar pelo seu êxito, porque, de fato, a missão é uma das mais difíceis e espinhosas mesmo. O fundador dessa Comunidade é o padre redentorista norte-americano Guilherme Tracy e a cofundadora é a Irmã Terezinha Dias, fdm, aos quais agradecemos a gentileza de partilhar conosco sua experiência de fraternidade.

Em seguida, a seção Arte & Cultura traz-nos o comentário do Padre Zezinho, que pela primeira vez, aliás, escreve um texto para a *Convergência*, o que nos deixa muito felizes, diga-se de passagem.

Padre Zezinho, que é religioso da Congregação do Sagrado Coração de Jesus (Dehonianos), toca num assunto por demais discutido nos dias atuais, ou seja, os padres e pastores que a todo instante vemos na TV, nas rádios, nos jornais, nos discos e nos shows por todo o Brasil. O tema é refletido com extrema sensibilidade e inteligência a partir de uma distinção que o autor já faz no próprio título: “Sobre os padres *na e da* mídia”. Segundo o Padre Zezinho,

não é tão fácil entrar na mídia e escapar ao individualismo. Ser livres para dizer o que queremos, colocar-nos diante de holofotes e microfones e, o tempo todo, ser porta-vozes da coletividade chamada Igreja. Há sempre o risco de fidelidade mais a nós mesmos e à mídia que nos acolhe do que à Igreja. Por isso a distinção *na e da...*, *no mundo sem ser do mundo, na mídia sem ser da mídia*.

Iniciamos a parte de artigos desta edição janeiro/fevereiro com a palestra proferida pelo Padre Libanio, sj, na abertura do *V Congresso de Psicologia*, evento promovido pela CRB Nacional através da sua Equipe de Reflexão Psicológica (ERP) no mês de outubro de 2011, em Brasília-DF. Com o tema “Diferentes gerações na Vida Consagrada: desafios e perspectivas”, o Congresso reuniu cerca de trezentos

psicólogos(as) religiosos(as), além de formadores(as) e acompanhantes espirituais de todo o País. Ao longo do ano, vamos continuar publicando alguns trabalhos apresentados nesse Congresso.

O texto que se segue aborda um dos temas mais polêmicos e que tem chamado a atenção de toda a sociedade, não apenas da Igreja e da Vida Religiosa Consagrada. Estamos nos referindo à questão da homossexualidade. E por ser polêmico é que o Conselho Editorial da *Convergência*, juntamente com a Diretoria da CRB, foi extremamente cauteloso em autorizar a publicação de matérias sobre o assunto.

Confiando, porém, na capacidade intelectual, na experiência e na sensibilidade pastoral do Irmão Paulo Dullius, fsc, entregamos a ele a tarefa/desafio de escrever o texto que leva o título “Principais conflitos da estrutura homossexual e outros conflitos heterossexuais”. A questão para ele comporta, de fato, um grande desafio: “O desafio consiste, entre outros aspectos, em superar certos preconceitos e posicionamentos um tanto superficiais sobre a homossexualidade e analisar a estrutura psíquica profunda subjacente”.

Finalmente, incluímos aqui o artigo de um jovem religioso, o Irmão Romero José da Silva, que concluiu a sua especialização no Instituto Santo Tomás de Aquino (ISTA), em Belo Horizonte, Minas Gerais, apresentando o trabalho acadêmico intitulado “A importância da Pastoral na Formação”. Trata-se de um bom subsídio para ser refletido e aprofundado em nossas Casas de Formação, uma vez que este aspecto nem sempre é valorizado realmente, e em certas circunstâncias é deixado totalmente para trás pelos(as) senhores(as) formadores(as). Além disso, durante o processo formativo ocorrem outras situações em que a atividade Pastoral não encontra conexão alguma com os demais aspectos da formação.

Queiram receber, então, queridos leitores e queridas leitoras, o nosso abraço carinhoso e fraterno, com o desejo de que todos vocês tenham um abençoado ano de 2012.

Boa leitura!

PADRE PLUTARCO ALMEIDA, SJ

Mensagem à Vida Religiosa Consagrada De olhos fixos em Jesus!

*“[...] corramos o certame que nos é proposto,
com os olhos fixos naquele que
é autor e realizador da fé.”*
(cf. Hb 12,1b-2a)

Queridas Irmãs,
Amados Irmãos!

2012! Número com final forte, seguro, significativo!

Conhecemos, sim, o resultado da multiplicação de 4 x 3. É 12. *Quatro* sinaliza minha humanidade – a terra que sou, a água que contendo, o ar que respiro, o fogo de minha paixão. *Três* não somente simboliza, *é o que simboliza* – o amor-mãe de Deus Pai, a radical permanência de Deus Espírito, a paixão redentora de Deus Filho.

Damos os primeiros passos do ano de 2012 conscientes de que as opções que fazemos podem testemunhar o rosto de Deus que caminha à frente da história, deixando rastos de luz para que nossos passos reconheçam o caminho.

O ano é inaugurado com multiformes convites: o Santo Padre convoca o *Ano da Fé* e prepara o Sínodo sobre a *Nova Evangelização*. A Igreja no Brasil anima a *Campanha da Fraternidade*, voltada para “que a saúde se difunda sobre a terra”; prepara a *5ª Semana Social Brasileira*, voltada para a contribuição com a reforma do Estado em vista da construção de uma “sociedade efetivamente democrática e participativa”; e dá passos rumo à *Jornada Mundial da Juventude*, voltada à motivação para a vivência do discipulado missionário. As Pontifícias Obras Missionárias realizam o *Congresso Missionário Nacional* em preparação ao próximo COMLA\CAM. Esses grandes eventos nacionais definem marcos, motivam grupos, testemunham a vida e a missão do Povo de Deus.

A Vida Religiosa Consagrada no Brasil, inserida nas fileiras de todos esses processos, caracteriza-se como sal e fermento em meio à massa – tecendo redes, fortalecendo alianças, testemunhando o Evangelho através da vivência dos carismas fundacionais. A CRB Nacional assinala o “fio de ouro” que nos congrega à mesma e única direção – “olhos fixos em Jesus”. A força dessa Palavra impulsiona também a reunir a Vida Religiosa ao redor de vários espaços de reflexão e aprofundamento. O ano de 2012 proporcionou-nos alguns momentos de alcance nacional: “Vida Religiosa Consagrada, a loucura que Deus inventou para confundir o mundo” é o tema do seminário que reúne Superiores e Superiores Maiores que desejam debruçar-se sobre a *redescoberta do sentido mais profundo da Vida Religiosa, e sobre a busca por maior leveza institucional*. À luz da temática: *Atuação profético-missionária da Vida Religiosa Consagrada*, reúne-se o fórum formado por Religiosos e Religiosas atuantes em *novos espaços de inserção e em missão de fronteira*. Em resposta à provocação dos desafios do mundo da comunicação, realizaremos o Seminário Nacional *Comunicação e Vida Consagrada*. Em continuidade ao aprofundamento de sua identidade vocacional específica, reúnem-se *os Irmãos de todo o Brasil* e, com o mesmo objetivo, a Mãe Aparecida acolhe em sua cidade a *Vida Religiosa Monástica e Contemplativa*, iluminada pelo tema “Nossa Pátria é o céu!” (Fl 3,20).

Nas frestas entre as tábuas que constroem a parede, surgem luzes persistentes que insistem em chegar a todas as Comunidades religiosas através de subsídios, sejam eles artigos constitutivos da revista *Convergência*, sejam eles *livros* consistentes que alimentam nossa determinação por maior coerência e profundidade de vida, sejam eles *roteiros de Retiros e de Encontros à luz da Leitura Orante da Palavra de Deus*. Outros caminhos são visibilizados de forma on-line, através do *site da CRB ou nas redes sociais* que desafiam nossa criatividade. Centenas de Religiosas e Religiosos participarão de *Cursos de Formação Permanente*, com destaque para os “CER-NEs” n. 105 e 106, bem como de *Retiros Intercongregacionais*.

Uma vereda pouco vista, mas urgente e desafiadora, aponta para uma *nova estrutura organizacional da CRB Nacional e Regionais* repensam o número de equipes e de reuniões, o peso de estruturas e de normas, a forma de manutenção e as consequências do decréscimo de Religiosas e Religiosos. Em meio a esse processo, emerge a urgência de preservar a *memória histórica da quase sexagenária CRB Nacional*, urgência esta que encontra resposta neste ano de 2012 através da organização do arquivo e da nova biblioteca, com perfil definido por *Carismas Congregacionais*, 2012 será também o primeiro ano no qual, após a alienação de todo o patrimônio da CRB Nacional no Rio de Janeiro, esperamos conquistar o alvará definitivo de funcionamento em Brasília.

O dinamismo que envolve a Vida Religiosa Consagrada no Brasil responde igualmente por uma das mais significativas iniciativas do momento – a *presença missionária da comunidade brasileira intercongregacional inserida na periferia de Porto Príncipe, Haiti*. Após a primeira fase de conhecimento da realidade e do processo de inculturação, 2012 desafia-nos à construção de um projeto transformador da realidade de uma pequena porção de famílias haitianas junto às quais vivemos, no bairro de La Plaine. Este ano consolidará a base dos próximos nove anos que se abrem à vocação missionária das Congregações Religiosas do Brasil presentes no Haiti.

O “fio de ouro” coloca-se novamente diante de nós – “olhos fixos em Jesus”!

A Vida Religiosa reconhece-se hoje, mais uma vez, em seu núcleo identitário: seguimos Jesus na radicalidade de nosso compromisso vocacional. Renovamos em nós o primeiro amor, buscamos “dar lugar à paixão”, “dar lugar à loucura” na vivência deste *kairós* que Deus nos concede.

Cada dia deste promissor ano de 2012 representa uma chance de conversão, de crescimento, de audácia profética, de coerência, de fé! A certeza de que as forças de “nosso quatro” são cotidianamente multiplicadas pela infinita grandeza do “três de Deus” será nossa bandeira! A certeza de avançarmos com os “olhos fixos em Jesus” será nosso

leme em momentos de encruzilhada que oferecem outros caminhos.

Sê bem-vindo, 2012! Abre portas e janelas, trilhas e infovias, possibilidades e provocações! À nossa frente, abre caminhos a Divina Providência de Deus.

IR. MÁRIAN AMBROSIO, DP
Presidente da CRB Nacional
ir.marian@crbnacional.org.br

Os Camilianos na foz do Amazonas: missão a serviço da vida e da saúde em meio aos mais pobres e doentes

LÉO PESSINI*

Introduzindo

No ano em que a Igreja Católica, através da CNBB, escolhe como tema da Campanha da Fraternidade a grave questão social da saúde pública – “Fraternidade e saúde pública” – e como lema “Que a saúde se difunda sobre a terra” (Eclo 38,8), os Camilianos no Brasil comemoram noventa anos da chegada dos seus primeiros religiosos (1922-2012) e também quarenta anos de sua presença missionária Camiliana, padres e irmãos na foz do Amazonas, em Macapá-AP (1972-2012). Eles se tornaram referência para a população local, tanto no que se refere aos cuidados de saúde quanto à Pastoral da Saúde e assistência pastoral prestada à comunidade.

O presente texto é um relato testemunhal, em estilo de reportagem, da atuação samaritana desses(as) missionários(as) da saúde junto às populações marginalizadas daquela parte de nossa pátria, comumente denominada por eles como sendo “o Brasil esquecido”, que somente é lembrado no momento das eleições, por causa do voto! Estamos diante de uma experiência que concretiza uma das prioridades do quadro programático da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) 2010-2013, ou seja, “avivar a dimensão profético-missionária da VRC, atuando nas novas periferias e fronteiras, intensificando a opção pelos empobrecidos [...]”. No momento em que se busca “revitalizar” a VRC diante de um desencanto preocupante, é tão saudável constatar que, para aqueles que estão em missão, crise é o cansaço da

*** Padre Léo Pessini**, atualmente, é o provincial dos Camilianos no Brasil (2010-2013). Presidente das Organizações Camilianas Brasileiras. Presidente da Sociedade Brasileira de Teologia Moral (SBTM). Atua no Programa de Pós-Graduação em Bioética, mestrado e doutorado em Bioética, do Centro Universitário Camiliano (São Paulo, capital). Autor de inúmeras obras no âmbito da Pastoral da Saúde e Bioética.
Endereço do autor: Av. Pompéia, 888, CEP 05022-000, São Paulo-SP. E-mail: pessini@saocamilo-sp.br.

faina diária, o que existe realmente é a alegria, o despojamento e entrega total para servir. Avança-se com os “olhos fixos em Jesus’ (Hb 12,1-3), movidos(as) pelo Espírito que o consagrou e enviou a anunciar a Boa-Nova (Lc 4,18). [...]”.

Expressamos nossos agradecimentos ao amigo e jornalista Fúlvio Gianella Jr. A pedido dos Camilianos, ele está preparando um livro contando a história da missão Camiliana de Macapá. Ele gentilmente se deslocou até aquela região para conhecer a realidade, entrevistar as pessoas, e nos presenteou com as informações fundamentais sobre as quais trabalhamos o presente artigo.

Não deixa de ser uma verdadeira questão de justiça resgatar do silêncio a vida e as ações desses(as) nossos(as) irmãos(as), verdadeiros(as) samaritanos(as) anônimos(as) que tanto se doaram para servir aos mais pobres e doentes daquela parte esquecida do Brasil. Ao apontarmos para a dedicação e as virtudes, não é de nossa alçada apontá-los como santos. É sempre muito saudável lembrá-los como simplesmente humanos, com limites e talentos, companheiros nossos em missão, os quais procuramos apoiar. O leitor vai perceber de imediato o surgimento da pessoa do Camiliano, Padre e médico Raul Matte, que aí vive há quarenta anos, e que merecidamente ganhou o *Prêmio Cardeal Van Thuan de Direitos Humanos*, concedido pelo Papa Bento XVI, no Vaticano, em 10 de dezembro de 2008. Outro destaque importante nessa missão é a religiosa Irmã Maria do Socorro, que também por longos anos, juntamente com Padre Raul e equipe de saúde, se dedicou à missão. Com o cenário desenhado, convidamos o(a) caro(a) leitor(a) a fazer um verdadeiro mergulho na experiência missionária Camiliana no âmbito da saúde na foz do Amazonas.

1. Nas origens da Missão Camiliana

Faz quarenta anos que os primeiros Camilianos chegaram ao Amapá, numa época em que o atual estado ainda era território federal. Enviados pelo Padre Júlio Munaro, então superior provincial da Província Camiliana Brasileira, os

Padres José Raul Matte, Lídio Milani e Ângelo Pascoal desembarcaram em Macapá, hoje capital do estado do Amapá, em março de 1972, com uma tarefa desafiadora: auxiliar na administração de um hospital particular, construído, poucos anos antes, pelo ex-industrial italiano Marcelo Candia. “Diante dos problemas administrativos e financeiros que vinha enfrentando, o Dr. Candia procurou-nos, a pedido do próprio Papa Paulo VI, para que o auxiliássemos a administrar o hospital, pois sabia que nosso carisma é atuar na área da saúde”, lembra Padre Raul Matte, que também é médico pediatra.

Inaugurado em 1969, o hospital foi resultado de um antigo sonho missionário de Marcelo Candia. Ainda vivendo em Milão, na Itália, ele decidiu promover uma ação social junto a comunidades carentes do norte do Brasil, sensibilizado pelo trabalho missionário que padres do Pontifício Instituto das Missões Exteriores (Pime) realizavam na Região Amazônica. Os recursos para concretizar o plano vieram da venda da fábrica que o industrial milanês herdara do pai, empregando boa parte de seu patrimônio pessoal na construção e no aparelhamento do hospital, que se tornou o mais bem equipado da cidade.

As dificuldades para manter a instituição, no entanto, eram enormes. Ainda mais para um hospital que não recusava atendimento a pacientes necessitados, mesmo àqueles que não possuíam um único centavo para pagar por uma consulta ou por qualquer procedimento médico, situação da maioria dos que para lá acorriam. “Quero um hospital missionário para os pobres, portanto deve estar forçosamente sempre no passivo”, costumava dizer Marcelo Candia, cobrindo os déficits orçamentários com dinheiro próprio ou através de doações enviadas por amigos da Itália.

Para os Camilianos, aquela também era uma experiência inédita. Desde que os Padres Inocente Radrizzani e Eugênio Dallagiacoma, responsáveis por instalar a Ordem de São Camilo no Brasil, chegaram ao País, em 1922, a atuação pastoral da Congregação sempre se dera em grandes centros urbanos, como São Paulo e Rio de Janeiro. Iniciar um

trabalho missionário numa região longínqua e desconhecida parecia dar um passo no escuro. A proposta, no entanto, foi recebida de coração aberto, sobretudo pelos três padres designados a atender o chamado missionário. “Desde meus tempos de faculdade, sempre procurei trabalhar junto aos mais necessitados. O espírito missionário estava presente em mim. Quando surgiu essa oportunidade, coloquei-me inteiramente à disposição”, garante o Padre Raul Matte.

2. Assumindo desafios no mundo das doenças tropicais

Foram anos muito difíceis, nos quais os Camilianos se dividiam entre as tarefas administrativas do hospital e o atendimento aos pacientes. Contavam para isso com uma equipe reduzida, de treze pessoas, quase todas trabalhando como voluntárias. Além dos Padres Raul (médico pediatra), Ângelo Pascoal (administrador) e Lídio Milani (enfermeiro), havia técnicas de enfermagem, algumas delas religiosas, como Irmã Maria do Socorro Sales Moura, do Instituto Secular das Irmãs Camilianas Amigos dos Doentes e Sofredores de São Camilo, que chegara a Macapá um mês antes dos padres Camilianos.

Tínhamos de administrar muitas carências, pois, além da dificuldade em transportar para lá equipamentos médicos, como balões de oxigênio, que vinham em balsas, nem sempre havia dinheiro para adquirir esses produtos, reservando, às vezes, os poucos recursos médicos existentes para os casos mais graves,

recorda Irmã Maria do Socorro.

Naquela época o hospital funcionava apenas em regime ambulatorial, mas aos poucos começou a acolher também internações, o que exigia uma melhor estrutura para acomodar e tratar os pacientes. E os casos que chegavam eram um retrato da pobreza e das condições severas da natureza local: malária, tifo, anemia, picadas de cobras, acidentes de trabalho, tétano, diarreia... “Vinham também muitas

pessoas de outras cidades e comunidades ribeirinhas, pois o hospital tornou-se uma referência na região, mesmo porque o interior do Amapá era, como ainda é, muito desassistido”, afirma Padre Raul Matte.

Os recursos pessoais de Marcelo Candia, porém, foram se esgotando e viu-se a necessidade de obter mais verbas para a causa através da organização de uma fundação, que passou a captar recursos de doadores. Foram feitos também convênios com órgãos públicos de saúde, como Inamps e Funrural, mas muitas vezes a verba se perdia na corrupção ou nos desvãos da burocracia.

Pensando em perpetuar no tempo o espírito missionário e os fins caritativos de sua obra, Marcelo Candia decide, em 1975, doar o hospital à Sociedade Beneficente São Camilo.

No hospital não procurei minha realização, pois o entreguei de boa vontade. Foi bom que eu tenha começado e levado para frente com o dinheiro que Deus me deu. Mas era preciso tornar-me inútil. Também porque aquele que vem depois possa se sentir livre para fazer renovações: se eu continuasse diretor, atrapalharia a todos, freando o progresso. Retirei-me, mas procuro dinheiro para o hospital porque quero que os colaboradores continuem livres,

afirmou Marcelo Candia ao entregar o hospital integralmente aos cuidados dos Camilianos. Nascia, assim, o Hospital Escola São Camilo e São Luís.

3. O hospital como guardião da saúde da comunidade: gestão competente e o “milagre” da sustentabilidade

Quem se depara hoje com um hospital de 192 leitos – 70% deles reservados ao Sistema Único de Saúde (SUS) –, dotado de Unidade de Terapia Intensiva (UTI) adulto e neonatal, dez salas de cirurgia equipadas para procedimentos de média e alta complexidade e centro de diagnóstico com modernos equipamentos de densitometria óssea,

ultrassonografia e tomografia, além de uma estrutura física que se encontra em ampliação para atender a todos os tipos de especialidade médica – de pediatria a hemodinâmica –, pode imaginar a luta que os Camilianos empreenderam ao longo dos últimos trinta e seis anos, nos quais o hospital esteve completamente sob sua responsabilidade. “Atualmente, atendemos pacientes do SUS – apenas para internação –, de convênios médicos e particulares, numa média mensal de dezoito mil consultas – incluindo ambulatório e pronto-atendimento –, novecentas e oitenta internações, trinta mil exames e quinhentas e oitenta cirurgias”, informa Ademir Vicente de Oliveira, atual diretor administrativo do hospital. Contando com uma equipe de 712 colaboradores e trezentos médicos, o Hospital Escola São Camilo e São Luís é hoje o maior do estado em número de atendimentos e leitos. Esse hospital está integrado à Rede de Hospitais Norte-Nordeste da Sociedade Beneficente São Camilo, tendo à frente, como superintendente, o Padre Francisco Gomes da Silva, e, na mantenedora, o Padre Justino Scatolin.

Graças a convênios firmados com a Secretaria Estadual da Saúde do Amapá e as operadoras de saúde, além da parceria com o corpo médico do hospital, que está em boa parte terceirizado, o hospital tornou-se autossustentável, e atualmente consegue investir em sua melhoria e ampliação utilizando apenas recursos próprios. Em 1999, porém, o hospital quase chegou a encerrar as atividades por conta das dívidas, o que só não ocorreu graças ao aporte financeiro dado pela Sede Provincial Camiliana. No entanto, as coisas não podiam continuar como estavam. Era preciso tornar o hospital financeiramente viável, sem abrir mão de seu caráter missionário e social. Uma iniciativa que ajudou nesse saneamento foi a criação do Plano de Assistência à Saúde (PAS), gerido pelos próprios Camilianos. A iniciativa atraiu novos recursos e ajudou a reestruturar o hospital.

Essas medidas administrativas representaram um ponto de inflexão, a partir do qual o hospital começou a reerguer-se.

Atualmente, o Hospital Escola São Camilo e São Luís encontra-se em outra fase de sua história, com uma equipe de mais de setecentos colaboradores, vários projetos em andamento, um ótimo relacionamento com os órgãos governamentais e com a comunidade. Em franca expansão, ampliou o atendimento de convênios privados e ao SUS, realizando um grande papel na saúde do estado,

garante Alcedir Rigelli, que foi diretor-geral do hospital entre 2003 e 2010, período no qual se deu a decisiva reestruturação da instituição.

Sem dúvida, ainda há problemas sérios a serem enfrentados. O maior deles é a demora no repasse de verbas do SUS e até mesmo o não pagamento pelos procedimentos hospitalares. “O dinheiro sai de Brasília, mas perde-se pelo meio do caminho. A dívida deles conosco beira os quatro milhões de reais, mas felizmente hoje o hospital pode funcionar mesmo sem receber esse dinheiro”, garante Padre Jorge Sérgio Pinto de Sousa, superior da Comunidade dos Camilianos no Amapá e capelão do Hospital Escola São Camilo e São Luís. Para ele, a explicação para a tranquilidade financeira que vive hoje a instituição vai além da boa gestão administrativa ocorrida nos últimos doze anos, mas é uma manifestação da graça de Deus pela política social praticada pelo hospital.

Como as consultas são particulares, portanto pagas, fazemos com os médicos um trabalho de sensibilização para que, em seus plantões, eles doem duas consultas para o atendimento aos mais necessitados, sendo que o hospital fornece gratuitamente toda a medicação necessária ao tratamento desses doentes. Com isso, diariamente são doadas doze consultas àqueles que não podem pagar, o que resulta em cerca de quatrocentos atendimentos gratuitos por mês,

explica Padre Jorge.

4. Postos e agentes de saúde: preocupação com educação e cuidados primários de saúde

A ação missionária e social dos Camilianos no Amapá, contudo, vai muito além dos atendimentos médicos realizados no hospital. Ali também funciona um Centro de Formação Profissional e Qualificação de Agentes de Saúde que traz enormes benefícios à comunidade. No campo do ensino – outra área importante de atuação da Ordem Camiliana, sobretudo no que se refere aos profissionais da saúde –, o hospital de Macapá manteve, durante muito tempo, uma escola de enfermagem.

Fundada em 1975, ela hoje não funciona mais. O hospital, porém, está aberto para receber técnicos de enfermagem e universitários das diversas áreas da saúde que precisam cumprir horas de estágio. Além disso, temos uma política de promoção dos nossos funcionários, que podem cursar faculdades de enfermagem, farmácia, administração hospitalar, psicologia etc. pagando mensalidades mais baixas e recebendo da nossa parte uma ajuda de custo,

afirma Padre Jorge.

Quem observa mais a fundo a atuação Camiliana nos últimos quarenta anos, não apenas em Macapá, mas também pelo interior do Amapá, percebe que ela representou um marco no desenvolvimento de ações básicas de saúde no estado. Não bastasse o Hospital Escola São Camilo e São Luís, hoje uma referência na área do atendimento hospitalar, os Camilianos foram responsáveis por montar, com recursos próprios, perto de cinquenta postos de saúde espalhados pela periferia da capital e pelas comunidades ribeirinhas da foz do rio Amazonas, várias delas pertencentes ao estado do Pará.

Percebemos que muitas pessoas, vindas de longe, chegavam ao hospital com problemas que poderiam ser cuidados em suas comunidades, caso contassem ali com um postinho de saúde, e

outras podiam até morrer por quadros de fácil tratamento sem ter condições de deslocar-se até o hospital. Por isso começamos a inaugurar essas unidades básicas de saúde, que, aos poucos, foram doadas às prefeituras, que passaram a responsabilizar-se por sua manutenção,

conta Padre José Raul Matte, um dos principais responsáveis por esse projeto.

Antes mesmo de erguer os postos de saúde, os Camilianos já se preocupavam em dar atenção a comunidades que, distantes dos centros de atendimento, encontravam-se desprovidas de qualquer atenção médica e sanitária. Por iniciativa de Padre Raul Matte, que ainda hoje, aos 77 anos, visita de barco algumas comunidades ribeirinhas do Amapá e do norte do Pará em viagens de atendimento médico e espiritual – *outra ação missionária camiliana que será contada em detalhes mais adiante* –, foram recrutados moradores das comunidades interessados em fazer o curso de agente de saúde no hospital de Macapá.

Eles aprendem noções básicas de saúde e saem dali com capacidade para ministrar um soro, dar orientações sanitárias, tirar a pressão arterial, fazer curativos e pequenas suturas e acompanhar o peso e o crescimento das crianças, entre outros procedimentos simples que são de grande valia para a comunidade,

ressalta o padre Camiliano. Para garantir o atendimento, todos retornam às suas comunidades levando na bagagem um *kit* de primeiros socorros.

Voluntários no início, esses agentes de saúde passaram a ser contratados pelas prefeituras, recebendo salário pelo trabalho. Ou seja, além de qualificação obtiveram um emprego. Nada mais justo, quando se observa a importância do trabalho preventivo e curativo realizado por eles. “Fui escolhido pela própria comunidade para ser agente de saúde. Fiz o curso com os Camilianos e há trinta e oito anos trabalho atendendo a população. Hoje, felizmente, são poucos casos que aparecem, porque a gente vem dando assistência

há muitos anos, então a comunidade está mais sadia”, conta Rosival Baía Santana, atualmente o agente de saúde com mais anos de atividade entre os formados no Hospital Escola São Camilo e São Luís, morador da comunidade ribeirinha de Nossa Senhora do Livramento, que possui quinhentos habitantes e pertence ao município paraense de Afuá.

Outro trabalho, hoje reconhecido e adotado pelas administrações municipais em várias cidades do Amapá e que teve início com os Camilianos, foi a formação e qualificação de parteiras, mulheres da própria comunidade responsáveis por acompanhar as gestantes e ajudá-las no trabalho de parto, garantindo a segurança da mãe e do recém-nascido. É uma ação fundamental de saúde pública numa região onde as distâncias são enormes e só podem ser vencidas por muitas horas de barco, o que impede que situações emergenciais sejam prontamente atendidas em centros hospitalares. Isso sem esquecer a participação dos Camilianos na implantação, na própria Diocese do Amapá, de equipes da Pastoral da Saúde.

Devemos reconhecer que os Camilianos, no nosso estado, reúnem em si duas vocações voltadas para a valorização e preservação da vida. Aqui o carisma camiliano une o espírito da generosidade e total dedicação do missionário a outro serviço do qual estamos tão carentes de gestos de generosidade: a atenção à saúde, hoje exercida por muitos apenas como fonte de lucro,

ressalta Dom Pedro José Conti, bispo de Macapá.

5. O atendimento aos hansenianos: os doentes mais esquecidos e estigmatizados

No entanto, uma das ações missionárias mais significativas desenvolvidas pelos Camilianos no Amapá é o atendimento às populações mais carentes do interior do estado, sobretudo as localizadas nas diversas comunidades ribeirinhas espalhadas pela foz do rio Amazonas. Esse serviço teve início a partir de um objetivo bem específico: prestar assistência aos

hansenianos, que formavam um grupo extenso naquela região e que foi praticamente abandonado pelo poder público, o que só aumentava ainda mais a discriminação social sofrida por eles. “Quando o hospital de Macapá já tinha alguns anos de funcionamento, o Dr. Marcelo Candia achou que era hora de começar um trabalho com os hansenianos, e nós o acompanhamos nessa missão”, conta Padre Raul.

No entanto, para vencer aquelas enormes distâncias e alcançar os doentes, muitos deles vivendo em comunidades afastadas, sem qualquer acesso por terra, só mesmo indo pelos rios e igarapés. A dificuldade foi vencida com o auxílio da Ordem Cruz de Malta, que doou a Marcelo Candia e aos Camilianos um barco – que recebeu o nome de São João Batista – para que eles pudessem atender os hansenianos em suas casas. Hoje essa embarcação já foi aposentada. Há seis anos, a Ordem Cruz de Malta doou um novo barco, mais moderno, aos Camilianos, batizado de São João Batista II.

Foi assim, indo ao encontro das colônias de hansenianos, que Padre Raul Matte fez suas primeiras viagens pelas ilhas formadas na foz do Amazonas. “Havia por aqui uma grande população de hansenianos abandonada, sem assistência médica e vivendo na extrema pobreza, com péssimas condições de higiene e sem nenhuma esperança”, lembra o Camiliano. O primeiro desafio, portanto, foi aumentar a autoestima dos doentes, levando-os a reconhecerem-se como filhos de Deus, merecedores de atenção e portadores da dignidade da qual todos os seres humanos estão investidos. Depois de tratar das feridas da alma, era necessário tratar das feridas do corpo, fazendo os curativos necessários e ministrando o tratamento da doença, convencendo-os pacientemente da importância de cumprirem à risca as prescrições médicas pelo tempo que fosse necessário. “Era importante também fazer um trabalho de investigação nas outras pessoas da comunidade, identificando possíveis portadores da doença logo no início, aplicando imediatamente o tratamento para evitar novos contágios e levar à cura do paciente”, recorda o Camiliano.

No entanto, nas visitas que fazia aos hansenianos o Padre Raul Matte notava a necessidade de estender o atendimento médico e também o espiritual às outras pessoas da comunidade, principalmente às crianças. Em locais distantes e de difícil acesso como aqueles em que aportava o São João Batista, onde as presenças de um médico e de um padre são ocasiões raras, reunir numa só pessoa a possibilidade de assistência médica e espiritual era uma oportunidade única. “Passamos, então, a ter uma rotina de trabalho que consistia em atender os hansenianos, mas também fazer consultas e coleta de material para exames em todos aqueles que desajassem”, afirma Padre Raul.

O trabalho, porém, teve de ser interrompido em 1986, quando um decreto governamental impediu que hospitais particulares dessem atendimento a doentes portadores de hanseníase, os quais deveriam ser cuidados apenas pelo serviço público. O Camiliano lembra que foi um problema, porque, na verdade, o governo não deu conta desse atendimento, deixando os pacientes novamente desassistidos.

6. Nova fase da missão: Projeto Missões Camilianas na foz do Amazonas

Inconformados com a situação, os Camilianos lutaram para contornar tal impedimento, até que, em 1989, houve a possibilidade de retomar o trabalho com as populações ribeirinhas, desde que o Hospital Escola São Camilo e São Luís assumisse as despesas pelo serviço. Contando mais uma vez com a colaboração da Ordem Cruz de Malta, Padre Raul organizou sua equipe e retomou as viagens, que incluíam também comunidades ribeirinhas do norte do Pará. Nascia, assim, o Projeto Missões Camilianas na foz do Amazonas.

Sua satisfação em voltar a esse trabalho missionário está registrada no relatório de atividades que desde então Padre Raul passou a escrever e enviar aos dirigentes da Ordem Cruz de Malta, prestando contas do trabalho que ajudavam a patrocinar:

Finalmente, o tão esperado dia chegou. A manhã não podia ser mais linda. O céu azul, enfeitado com flocos de nuvens, acolhia o sol que se refletia nas águas. O rio Amazonas se abria plenamente como se fosse um dia de festa. Qualquer coisa de infinito falava ao barquinho São João Batista, que então partia para sua primeira missão na programação nova da Pastoral da Saúde do Hospital São Camilo. Rio adentro no Canal Norte, rumo ao Igarapé Barbosa, no município de Gurupá, PA, singrava radiante o “Batistinha”, após quase três anos parado. Aproveitei para saudar o Nosso Deus com os salmos do dia: “Bendito sejais vós, o Senhor Deus, nosso Pai... A vós pertencem a grandeza e o poder, toda glória, esplendor e majestade” (1Cr 29,10-11). “Eis a voz do Senhor sobre as águas, sua voz sobre as águas imensas” (Sl 29[28],3). Tudo era reflexo da beleza do meu Deus.

As viagens passaram, desse modo, a ser feitas semana sim, semana não, numa rotina que perdura até hoje. E as comunidades aguardam ansiosamente a chegada do barco dos Camilianos. A vinda de Padre Raul e de sua equipe é sempre motivo de festa, e muitas comunidades se preparam para recebê-los com músicas de saudação e manifestações de carinho. O anúncio dos locais que serão visitados naquela semana é feito todos os domingos, pela Rádio Difusora de Macapá, na qual Padre Raul apresenta o programa *Saúde para todos*, que vai ao ar das seis às sete da manhã. Na pauta estão informações sobre saúde, fitoterapia, orientações sanitárias e, claro, o roteiro das visitas daquela semana.

Já são vinte e dois anos de atividade ininterrupta nessa nova fase do trabalho missionário, com 352 viagens missionárias de uma semana de duração na foz do rio Amazonas, por entre igarapés, ilhas, rios menores e o portentoso Amazonas. Ao longo desse tempo, Padre Raul atendeu, pelo menos, uma centena de comunidades ribeirinhas, às quais tenta retornar pelo menos uma vez a cada ano. Nem sempre é possível. “Há locais mais distantes que ficam dois ou até três anos sem visita”, admite. O contato regular com a população do interior permitiu-lhe também conhecer de perto as péssimas condições sanitárias e de atendimento à

saúde nas quais vivem essas comunidades mais pobres, esquecidas pelo poder público.

Irmã Maria do Socorro Sales Moura foi uma das que participou ativamente dessa caminhada missionária pela foz do Amazonas, tendo acompanhado Padre Raul em suas visitas por dezesseis anos. Chamada por sua Ordem para realizar um novo trabalho, ela teve de deixar a missão no Amapá no início de 2011, mas ainda traz vivas na memória todas as dificuldades enfrentadas. “No começo, não tínhamos nem lugar adequado para atender as pessoas, pois não havia postos de saúde nas comunidades. O jeito era transformar escolas, casas de líderes comunitários e até mesmo as capelas em consultórios improvisados”, recorda a religiosa, que, como enfermeira, era encarregada dos exames ginecológicos e do trabalho de prevenção ao câncer do colo do útero.

O que facilitou esse trabalho preventivo foi a ajuda de um novo colaborador: Dr. Antônio Plácido Pereira. Sócio de um laboratório de anatomia, patologia e citopatologia em Presidente Prudente, interior de São Paulo, ele ficou sensibilizado com a dedicação de Padre Raul e sua equipe e resolveu ajudar. Passou, então, a doar todo o material necessário para os exames ginecológicos, fazendo gratuitamente a análise do material recolhido, enviando depois os resultados a Macapá. “Graças a isso, alguns casos diagnosticados de câncer no colo do útero puderam ser identificados e tratados no início”, ressalta Irmã Maria do Socorro.

7. Cuidar e orientar os doentes e a população (consultas, palestras) e foco em exames preventivos

As visitas obedecem a uma rotina rígida, para que o maior número possível de pessoas seja assistido. O volume de atendimentos varia de acordo com o tamanho da comunidade. Contudo, raramente são feitas menos de duzentas consultas a cada visita, computando-se adultos e crianças. Isso porque pessoas das comunidades vizinhas, sabendo da visita dos Camilianos, acorrem ao local a fim de também serem

consultadas. “Raras são as vezes em que as prefeituras enviam médicos para atender a gente. Isso acontece mais em época de eleição”, garante João da Cruz de Souza Lopes, de 60 anos, morador da comunidade de São Sebastião da Ilha da Fartura, no norte do Pará. Ele, que sofre com problemas de pressão alta, confessa que, até hoje, o único médico com quem se consultou foi Padre Raul.

As condições de atendimento foram melhorando à medida que os Camilianos iam conseguindo instalar postos de saúde em alguns desses locais e treinar agentes de saúde para fazer o acompanhamento permanente dos moradores. Com isso Padre Raul já tem, a partir do relato do agente e dos registros que este faz do peso das crianças e dos casos atendidos na comunidade, uma noção mais precisa dos casos que merecem maior atenção. Passa-se, então, às consultas, que vão da manhã até quase o final da tarde. Antes de ser clinicado, porém, o paciente tem a pressão arterial medida pelo agente de saúde. Dependendo do caso, é ministrado algum remédio, mas o principal são as orientações preventivas. “Está arraigado na cultura das pessoas que saúde se conquista à base de medicamento, quando, na verdade, procuramos fazer uma ação mais preventiva do que curativa”, observa o Camiliano. Entretanto, nos casos mais graves Padre Raul faz o encaminhamento do paciente ao Hospital Escola São Camilo e São Luís ou a algum hospital público de municípios vizinhos, normalmente os da cidade de Santana, que fica mais próxima. “Todo paciente que chega ao nosso hospital enviado pelo Padre Raul recebe tratamento de saúde gratuito”, ressalta Padre Jorge Sérgio.

Enquanto Padre Raul faz as consultas, Irmã Maria do Socorro ou outra enfermeira que participa da missão vai à escola local para dar uma aula de higiene bucal aos alunos e promover a aplicação de flúor. “Se médico já é raro por aqui, imagine dentista”, observa a religiosa, enquanto, com o auxílio de um cotonete, passa flúor nos dentes das crianças. Mas, apesar do esforço, o que se vê em algumas dessas bocas é um quadro bastante triste. Várias delas já apresentam os dentes permanentes completamente tomados por cáries.

Depois da aplicação do flúor, é hora de dirigir-se ao posto de saúde para realizar o exame dermatológico em busca de sinais de hanseníase.

Felizmente os casos diminuíram muito desde quando começamos esse trabalho, mas ainda encontramos um ou outro foco da doença. O pior é quando o paciente diagnosticado resiste ao tratamento. Esse normalmente não vem ao posto de saúde quando estamos por aqui e o jeito é nos dirigirmos à casa dele para fazer o acompanhamento e convencê-lo a seguir as prescrições médicas,

afirma Irmã Maria do Socorro. Há também alguns homens que se sentem incomodados com ser examinados, mas com calma e esclarecimento esses casos não são mais tão comuns.

Em seguida, é feito o exame ginecológico, com o recolhimento do material que será posteriormente analisado.

Se é constatado algo de mais grave, solicitamos, através do programa de rádio, que a mulher venha até Macapá para buscar os exames e ser encaminhada ao hospital. Precisamos fazer isso porque muitas vezes passa-se mais de um ano até a missão retornar àquela comunidade, o que faria com que o problema se agravasse se deixássemos para comunicar os resultados numa próxima visita,

esclarece Padre Raul, que se tornou tão conhecido por seu trabalho na região que teve até o consentimento da Fundação Nacional do Índio (Funai) para atender algumas comunidades indígenas do interior do Amapá. “Chegamos a ir ao Oiapoque, no extremo norte do Brasil, para consultar algumas tribos”, garante o Camiliano. Interessante é que, para que Irmã Maria do Socorro pudesse fazer o exame ginecológico nas mulheres indígenas, foi necessário primeiro falar com o cacique da comunidade e, depois, com os maridos para obter a permissão. “Hoje, porém, não há qualquer resistência. Sempre fomos muito bem recebidos nas aldeias”, conta a religiosa.

Antes de dar por encerrado o atendimento médico, ainda há tempo para realizar uma pequena palestra, na qual Padre Raul e Irmã Maria do Socorro falam sobre cuidados básicos que devem ser tomados – como o tratamento da água consumida –, dão orientações preventivas de saúde e ensinam como manipular plantas fitoterápicas, transformando-as em remédios caseiros. “Na época em que os Camilianos ainda não visitavam a comunidade, sofriamos muito com problemas de diarreia e vômito por causa da água contaminada, mas eles mostraram como a gente deveria fazer para deixar boa para o consumo”, afirma Oton dos Santos Cardoso, agente de saúde da Comunidade Maniva, assim como sua irmã Maria Cardoso – conhecida como Mariana –, ambos formados pelos Camilianos e, depois, contratados pela prefeitura de Afuá. Atualmente, em decorrência desse trabalho missionário, toda comunidade conta com um agente de saúde responsável por distribuir à população o hipoclorito de sódio e o sulfato ferroso para a esterilização da água retirada dos igarapés, que fica acondicionada em caixas d’água ou barris de plástico. Com isso os casos de desidratação causados por vômitos e diarreia praticamente deixaram de ser registrados.

8. O problema da desnutrição: porta aberta para doenças e mortes precoces

Outra situação que sempre preocupou os missionários é o quadro crônico de desnutrição de muitas crianças. Situação que se mostrava ainda pior no passado, quando as ações de assistência social, como distribuição de cestas básicas e litros de leite, raramente contemplavam a população ribeirinha. “Até os seis meses de idade, quando as crianças ainda mamam no peito, a situação é boa, mas depois tende a piorar porque aqui não há variedade na alimentação, feita à base de peixe, arroz, farinha e açaí”, afirma Padre Raul Matte. Verduras e legumes dificilmente vão à mesa, mesmo porque não há condições de manter uma horta em lugares onde se caminha o tempo todo sobre pontes de madeira e se vive

em palafitas, pois a água dos rios a cada maré alta toma conta do terreno e impede qualquer área de plantio. “Alguns ainda tentam manter uma hortinha, enchendo com terra canoas velhas e semeando ali alguma verdura, mas é pouco”, constata o Camiliano.

O problema crônico da desnutrição é comentado com frequência nos relatórios de Padre Raul, como o escrito recentemente, na semana de 22 de setembro de 2011, após visita às comunidades de Maniva e São Sebastião:

Como nas demais ocasiões, uma boa maioria das crianças acusava seu quadro de anemia, devido a seu regime alimentar muito reduzido aos costumes alimentares de nosso interior. Acompanhava-a o quadro de desnutrição e dermatoses por micoses. Mas como era de se esperar, também encontrei uma mocinha, já com 15 anos, com sopro cardíaco e uma história clínica compatível com seu estado. Outra criança, com hérnia escrotal, também foi encaminhada para o devido tratamento na cidade. Mais outros casos menores de ferimentos e abscessos foram resolvidos pelo agente de saúde local. Casos de catapora já em fase de recuperação também apareceram, mas apenas deixamos o alerta para a possibilidade de outros contatos.

9. Assistência espiritual e paroquial

Para o Padre Raul Matte, no entanto, mais importante do que o atendimento médico é a assistência espiritual. “A motivação para o trabalho é social e religiosa. Cuidamos do corpo e da alma das pessoas”, diz o Camiliano. Aos que lhe perguntam, admirados pela sua simplicidade e trabalho, como ele consegue combinar o ser padre/religioso com o médico, ele responde: “O Padre Raul ajuda o Dr. Raul, e o Dr. Raul ajuda o Padre Raul”, diz ele sorrindo. Normalmente, todas as comunidades estão sob a ação pastoral de um padre responsável. No entanto, como as distâncias são enormes e o número das comunidades é grande – sem falar ainda nas dificuldades de deslocamento –, há locais que passam até três anos sem receber a visita de um sacerdote. Por

isso a presença da Missão Camiliana traz um motivo a mais de contentamento.

É o momento em que muitos podem confessar, comungar e participar de uma celebração litúrgica presidida por um padre, mesmo que nas localidades mais pobres a capela seja um simples barraco muitas vezes imundo e a água utilizada na celebração seja a extraída diretamente do rio, sem qualquer tratamento, como relata Padre Raul no informe de uma de suas primeiras visitas a essas comunidades ribeirinhas:

A missa foi realizada na capelinha mais pobre do mundo, cheia de cocô de morcego... “Pelo mistério desta água e deste vinho, possamos nós participar da divindade do Vosso Filho que se dignou assumir a nossa humanidade...” Desta água e desta humanidade – deste povo sofrido que Jesus quis assumir. Portanto, para ter sentido este mistério, é preciso esta água, não outra levada pelo padre. Não posso fazer distinções. Tenho de assumir. Assumir os riscos. Nada de privilégios. Na hora da comunhão, peço ao Senhor que me dê a Fortaleza dos Santos para quem bastava a Eucaristia como sustento alimentar.

Em alguns lares visitados pelos Camilianos, porém, o único amparo espiritual possível é a Unção dos Enfermos:

O fato que mais me comoveu foi a assistência religiosa que concedemos ao senhor Sebastião Timbu, um velho conhecido e amigo que aguarda seu último dia no fundo de uma rede no meio desta mata sem fim. Seu Sabá é portador de doença maligna e já sabe do seu desfecho. Com humildade e resignação me abraçou comovido, dizendo que ainda podia em vida me cumprimentar e que aguardava resignado o seu momento. Ele já estivera pelo hospital e o médico nada mais pôde fazer, diante do avançado estado da doença. Deixei-lhe a unção e dia seguinte levei a comunhão. Senti-me feliz em poder ser um nome do Senhor, um enviado por Deus a levar o conforto da Eucaristia que seu Timbu tanto desejava. Fiz-lhe ver que, mesmo escondido neste infinito paraíso, Deus não se esqueceu dele e fez-se

presente para lhe garantir a Vida Plena que só ele pode dar. E é nesta tarefa que eu me sinto realizado. Parece que quanto mais distante o doente mais atração sinto em visitá-lo em nome de Deus. Foi justamente para isso que fui enviado,

registra Padre Raul em um de seus relatórios.

A assistência espiritual é prestada pelos Camilianos nos quatro hospitais públicos de Macapá, nos quais eles são responsáveis pela Capelania. No Hospital Escola São Camilo e São Luís, também é desenvolvido uma assistência psicológica, prestada pelo Padre José Wilson Correia da Silva, psicólogo e biblista de formação, aos doentes do SUS e aos que se preparam para as intervenções cirúrgicas. É também Padre José Wilson quem está hoje à frente do mais recente desafio assumido pela Comunidade Camiliana de Macapá: ser responsável pela Paróquia Santa Teresinha do Menino Jesus, que fica no Distrito de Fazendinha, na divisa entre a capital do Amapá e a cidade vizinha de Santana. “Não é uma tradição dos Camilianos assumirem paróquias, mas atendemos a um apelo antigo feito por Dom Pedro José Conti e assumimos a paróquia em janeiro de 2011”, afirma Padre José Wilson, que tem sob sua responsabilidade paróquial oito comunidades, nas quais os Camilianos celebram missas dominicais ou contam com a colaboração de ministros da Palavra e da Eucaristia.

Neste primeiro ano como pároco, Padre José Wilson tem procurado estruturar melhor as comunidades e as capelas ligadas à paróquia, melhorando o espaço físico e o material litúrgico utilizado nas celebrações. “Estamos organizando as pastorais e promovendo a integração entre as diversas comunidades, que estavam muito divididas e pouco participativas”, afirma o Camiliano. Os passos, porém, são dados com cuidado, em função dos poucos recursos financeiros e humanos. “Não é fácil encontrar casais dispostos a coordenar algumas pastorais e existem também na circunscrição da paróquia problemas resultantes de drogas, alcoolismo, tráfico de pessoas, além da prostituição, concentrada em locais mais próximos da área portuária”, relata o Padre José

Wilson. Sem dúvida, são realidades desafiadoras que exprimem o chamamento de Deus, um apelo ao qual os Camilianos nunca se recusaram a atender, empregando os dons de seu carisma, como resume bem Padre Raul Matte:

É esse o nosso desafio que voluntariamente nos dispusemos a enfrentar. Mãos à obra! E com a ajuda de Deus estamos trabalhando. São realidades que exprimem o apelo de Deus Nosso Senhor e que desde o início de minha vocação me motivou a buscar uma vida mais comprometida com a Igreja e buscar a consagração do meu viver. Que Deus seja louvado por assim poder trabalhar e junto aos meus irmãos religiosos marcar a Missão Camiliana em Macapá.

Olhando para o futuro

Acreditamos firmemente que a Divina Providência, juntamente com nosso planejamento humano, nos protegerá e apontará os caminhos para vencermos tantos desafios que temos pela frente. A Província Camiliana Brasileira neste momento prepara um jovem religioso em medicina para que logo se junte ao Padre Raul, para a continuidade da missão. O nosso hospital, enquanto se atualiza constantemente em termos de recursos humanos e tecnológicos, não se afasta do atendimento do Sistema Único de Saúde (SUS), onde estão os pobres doentes. Buscamos formas criativas de sustentabilidade sem trair sua vocação fundamental de ser um hospital missionário! Esperamos conseguir motivar e engajar mais voluntários, não somente entre os agentes de Pastoral da Saúde, mas também junto aos profissionais da saúde, médicos, enfermeiros, assistentes sociais, psicólogos, administradores, entre outros.

Enfim, que nessa porção do “Brasil esquecido”, esquecida de que o *direito à saúde* é assegurado pela Constituição Federal desde 1988, possamos avançar em termos de educação, conscientização cidadã do direito que todo brasileiro tem aos cuidados para com a saúde. Não é fazer ou substituir o Estado pura e simplesmente, mas chamar a atenção e cobrar

pela responsabilidade do Estado, hoje inoperante e omissivo, perante esses brasileiros esquecidos e vulnerabilizados por causas sociopolíticas e econômicas. Aproveitemos a oportunidade preciosa da Campanha da Fraternidade 2012, cuja temática está no coração de nosso carisma, como um instrumento precioso de educação cidadã na área da saúde. Precisamos construir um novo cenário, com mais responsabilidade social e recursos, menos politicagem e corrupção e mais responsabilidade cidadã. É nessa direção que temos esperança de anunciar *que a saúde se difunda sobre a terra* (Eclo 38,8).

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. A dimensão missionária da Vida Religiosa traduz-se num compromisso profético com os mais pobres, doentes, enfim, os mais vulneráveis da sociedade, os sem saúde, os doentes. Para quem vive tal dimensão, não existe crise na Vida Religiosa Consagrada, mas sim a “alegria e o compromisso de servir”. Discutir tal afirmação.
2. Da experiência missionária de quarenta anos de serviço à vida e à saúde junto às populações ribeirinhas na foz do Amazonas o que mais chama a atenção?
3. Como poderíamos entusiasmar jovens universitários religiosos a abraçar a causa missionária no mundo da saúde?

Alcoolismo na Vida Religiosa: Comunidade Vida Nova salvando vidas

31

GUILHERME TRACY, CSSR,*
TEREZINHA DIAS, FDM E OBLATA REDENTORISTA**

Muitas pessoas ainda têm dificuldades em compreender que a dependência do álcool é uma doença. De fato, o alcoolismo só foi reconhecido como uma doença específica no século XIX, sendo oficialmente reconhecido como enfermidade pela Organização Mundial de Saúde (OMS) a partir de 1951.

Antes era assim: “Cada alma humana é digna de ser salva; mas... se tiver de ser feita a escolha, os bêbados são a última classe a se tratar...” (TODD, J. E. *Drunkenness a Vice, Not a Disease*, 1882).

O(a) alcoólatra é vítima de uma doença crônica, progressiva, incurável e potencialmente fatal. Ele(ela) sofre de um mal-estar psicológico que pode variar muito, tanto em sua natureza como na intensidade. Esse mal-estar tem raiz no seu próprio desejo de beber, na sua própria necessidade do álcool.

Bebidas alcoólicas são aquelas que possuem maior ou menor concentração de álcool etílico em suas fórmulas. A obtenção de tal produto pode dar-se pelo processo da fermentação ou por destilação.

O alcoolismo é o uso exagerado que se faz das bebidas alcoólicas em geral, capaz de provocar danos físicos, psíquicos, emocionais, espirituais e sociais.

Cada embriaguez pode destruir irreversivelmente cerca de vinte mil células nervosas.

Existem pessoas, mesmo religiosos(as), que pensam que “beber socialmente” não atrapalha a vida de ninguém. Mas

* **Padre Guilherme Tracy** é fundador e presidente da Comunidade Vida Nova.

****Irmã Terezinha Dias** é cofundadora, desde 1984 colaborando com Padre Guilherme Tracy. É especialista em Psicologia Clínica pela Universidade Tuiuti, do Paraná. Especialista em Dependência Química pela Rutgers University of New Jersey-USA. Formada em Bioenergética pela Universidade Loyola de Chicago-USA. Instrutora de Yoga e Meditação. **Endereço dos autores:** Rua Des. Octávio do Amaral, 1929, Bairro Mercês, CEP 80710-620, Curitiba-PR. Tel.: (41) 3335-8991.

é bom verificar que mesmo assim uma dose de qualquer bebida alcoólica já traz os seus riscos. E de gole em gole, pouco a pouco, “inocentemente”, pode ser que o vício vá se instalando, principalmente se quem bebe “socialmente” já tem alguma predisposição para o alcoolismo.

Para termos uma pequena ideia dos conteúdos de cada bebida, colocamos a tabela a seguir:

| Concentração de álcool etílico | |
|---------------------------------------|---------------|
| Cervejas | de 3% a 6% |
| Vinhos | de 10% a 14% |
| Destilados em geral | de 40% a 50% |
| Licores | de 30% a 50% |
| Álcool puro | de 90% a 100% |

Esta terrível doença chamada alcoolismo tem afetado pessoas de todas as classes e categorias profissionais, até mesmo a Vida Religiosa masculina e feminina. Nesse sentido, o relato do trabalho/missão desta nossa comunidade terapêutica tem a finalidade de apresentar a experiência vivida por dois religiosos pioneiros no tratamento do alcoolismo entres padres e religiosos(as) no Brasil e em alguns países.

A Comunidade Vida Nova, localizada na cidade de Curitiba, Paraná, é o único centro especializado para religiosos(as) que oferece tratamento do alcoolismo e de outros problemas humanos ligados à área psíquica em todo o continente.

Deus abençoe as religiosas e os religiosos que estão tratando de doenças graves. Existe, no entanto, uma doença muito mais grave e extremamente preocupante, da qual pouco se fala, seja por medo, ignorância, seja até por omissão: a doença do alcoolismo!

Desde 1981, já passaram pela Comunidade Vida Nova mais de mil e duzentos(as) religiosos(as), fazendo tratamento e tentando libertar-se dessa terrível doença.

O fundador da nossa Comunidade é o religioso redentorista norte-americano Padre Guilherme Tracy, e a cofundadora é a Irmã Terezinha Dias, fdm, liberada pelo Conselho Geral da sua Congregação para trabalhar nesta obra. Um frade canonista capuchinho certa vez comentou: “Qual obra de Misericórdia Divina será mais bonita do que recuperar religiosas e religiosos dessa doença cruel?”.

Muitas pessoas perguntam ao Padre Guilherme como ele se interessou em dedicar-se a salvar a vida de tantos sacerdotes e religiosos que bebem demais. Ele então responde:

Eu me interessei em ajudar vítimas dessa doença quando o Senhor Jesus me pegou nos braços e me levou para tratamento do meu alcoolismo. Foi em 1978, e no Brasil ainda não existia nenhum tratamento específico para o alcoolismo, somente hospitais psiquiátricos. Tive a graça de fazer tratamento nos Estados Unidos, em Guest House, uma casa para padres e religiosos, que nestes 55 anos já acolheu mais de cinco mil religiosos de diversos países. Assim, a Comunidade Vida Nova já recebeu também muitos padres e religiosos da África, das antigas colônias portuguesas, e mais de trinta e cinco padres dos países de língua espanhola.

Ainda hoje, em nossa cultura, o alcoolismo é visto como problema somente dos homens. Eles podem beber em casa ou nos bares sem nenhuma censura.

E quanto às mulheres? Ainda não são liberadas totalmente para beber como os homens, a não ser em novelas. Na Vida Religiosa Consagrada isto acontece também.

Irmã Terezinha, que passou pela experiência de ser tratada da doença do alcoolismo em 1983, fala:

Nós, mulheres, bebemos escondido. Nós, mulheres consagradas, bebemos num total segredo, que é uma característica do alcoolismo feminino; em consequência deste segredo “tão bem guardado”, o que aparece aos olhos da comunidade é a figura trágica da Irmã estressada, nervosa, irritada, esquisita e deprimida. Essa forma secreta de beber ou usar resulta em culpa e isolamento.

Ou, então, a infeliz Irmã está completamente dependente de tranquilizantes, conhecidos como *benzodiazepínicos*, o mais das vezes sem a receita e/ou acompanhamento de um médico.

O doente-alcoólatra – aquele que está bebendo demais – precisa de um *amigo corajoso e firme* para oferecer-lhe ajuda.

Existem diversos mitos sobre tal doença:

- 1) Não se pode ajudar o alcoólatra até que ele mesmo peça ajuda. Não é verdade! É muito raro o próprio doente procurar ajuda, porque ele está *cego*, não enxerga que o excesso de álcool o está destruindo. Assim como a maioria dos alcoólatras em recuperação foi forçada a fazer tratamento contra sua vontade, também a automotivação ocorre durante o próprio processo de internação.
- 2) O padre fulano parou de beber e continua deprimido, ansioso, irritado e infeliz. Então o alcoolismo dele foi causado por problemas mentais. A verdade é que, se a pessoa continua sentindo-se miserável depois que para de beber, ela está sofrendo de um fenômeno chamado “síndrome da abstinência demorada”. Os danos físicos e mentais causados por anos do beber excessivo não estão completamente curados. Na verdade, ela ainda está doente e precisa ajuda.

Esclareçamos o seguinte: ter uma doença não é vergonhoso, mas deixar o doente morrer sem ajuda é muito vergonhoso, além de antievangélico! Talvez alguns superiores e superiores possam considerar o beber demais uma falta moral e nem assim têm coragem para intervir.

Mas quando compreendem que o alcoólatra que abusa dessa droga-álcool tem alguma coisa diferente em seu corpo e que tal predisposição e tolerância é que instala a doença do alcoolismo, então ele(ela) faz a intervenção com mão firme de um bom cirurgião.

Salvar a vida do doente é dever. O(a) superior(a) deverá ser insistente e persistente. O alcoólatra sabe manipular muito bem as coisas. Ora, se ele(ela) recusa o tratamento dez vezes, o superior ou superiora, que o(a) ama e quer que

ele(ela) viva, convida-o(a) pela décima primeira vez, e com certeza vai conseguir.

É bom deixar claro, também, que o doente não fica doente porque bebeu demais; bebe demais porque já é *doente*, e o abuso dessa droga clama aos céus para Deus enviar alguém com *amor corajoso* para insistir na busca de um tratamento.

Em vez de conversar sozinho com o doente, é sempre mais recomendável que o superior ou a superiora convide um ou dois padres ou irmãos(ãs) de confiança para ajudar no diálogo. Quem sabe um(a) alcoólatra que já participa de AA (Alcoólatras Anônimos) e está sóbrio(a) pode relatar de viva voz a sua própria história, encorajando o(a) religioso(a) a seguir o seu exemplo e buscar a recuperação.

Os superiores, as superiores e as Comunidades religiosas em geral devem, antes de tudo, procurar ser *amigos(as)* e oferecer tratamento. Nesse momento, o carinho e a atenção fraterna para com o(a) enfermo(a) é de fundamental importância.

Se o(a) doente recusar, é preciso continuar oferecendo ajuda e não deixar que o(a) Irmão(ã) morra. Muitos superiores e superiores desistem, “ele(ela) não quer saber”. E muitos(as) morrem bêbados(as), acidentados(as), ou até cometem suicídio.

Talvez a maioria dos(as) alcoólatras recuperados(as) tenha sido “empurrada carinhosamente” para tratamento. Dentro do tratamento, aceitam e voltam depois para agradecer ao amigo ou à amiga que não os(as) deixou nas valetas da vida, abandonados(as) e doentes.

Outros problemas

Além do alcoolismo, a Comunidade Vida Nova acolhe sacerdotes e religiosos(as), diáconos e seminaristas que sofrem de outras dependências e compulsões: do jogo, de compras, de internet, e também com dificuldades psicoafetivas. Veja alguns exemplos:

- Padre Juca chegou à Comunidade Vida Nova muito desesperado. Sofria da Síndrome do Pânico, paranoico, sentindo-se perseguido. “Durante meu tempo na Comunidade Vida Nova descobri o valor de minha vida e da minha vocação como padre, e desse modo superei grande parte das minhas neuroses.”
- Outro jovem padre, que quase morreu num acidente de carro enquanto dirigia alcoolizado, declara: “Aqui na Comunidade Vida Nova tomei consciência de que o álcool estava destruindo a minha vida, minha família e minha paróquia. Resolvi que vou participar das reuniões dos Alcoólicos Anônimos (AA) pelo resto de minha vida”.
- Nosso querido Dom Célio, ofm, bispo da Diocese de São João Del Rey, Minas Gerais, visitou a Comunidade Vida Nova e mandou uma carta aos outros bispos dizendo: “Na Comunidade Vida Nova senti uma *alegria* ao ver aqueles homens consagrados felizes por se reencontrar e tomar nova direção na vida”.

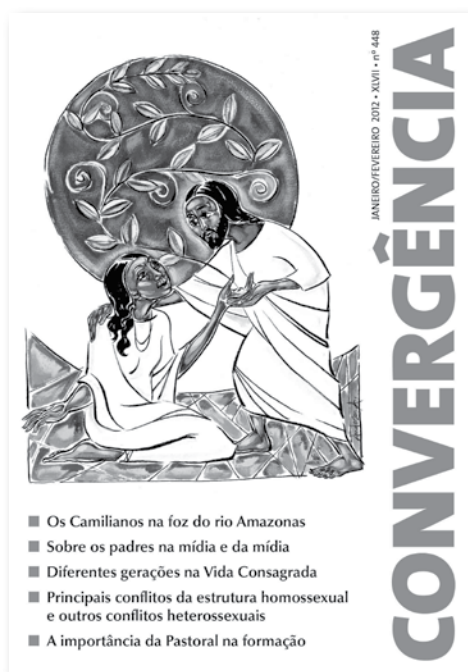
Todos os anos, na segunda semana após a Páscoa, os padres, irmãs(os) e leigos(as) amigos(as) reúnem-se para o Encontro Pascal durante uma semana, partilhando as forças, esperanças e desafios. É um momento especial de celebrar a Ressurreição da morte-viva do alcoolismo.

Portanto, a Comunidade Vida Nova é fruto da *graça* de Deus, é a casa dos milagres, e tem ajudado, ao longo destes anos, muitos(as) religiosos(as), padres e diáconos e seminaristas a viverem mais sóbrios, livres desta droga que se chama álcool.

Dom Albano Cavalin uma vez afirmou: “Cada sacerdote recuperado do alcoolismo é uma segunda ordenação para a Igreja. É um Dom de Deus para o povo”.

Esta, portanto, é a nossa *missão*.

Contamos com o apoio de vocês!



A partir do encontro-olhar-intimidade com Jesus, brota a vida-esperança simbolizada na semente germinada que se espalha em ramos, destacada pelo sol, que sugere a “temperatura”, o calor gerado pelo encontro, o vermelho-força-de-vida do amor.

A mão da mulher aponta para fora das margens do desenho, indicando que a missão é o encontro com o outro e que a partir do encontro com Jesus somos motivados a descobrir o olhar-comprometimento com prediletos de Jesus, sobretudo aqueles de quem o “olhar” é desviado.

*“Não se preocupe em entender,
viver ultrapassa qualquer entendimento!”*

Clarice Lispector

IR. ANDERSON AUGUSTO DE SOUZA PEREIRA, MSC

* **Padre Zezinho** é educador, produz rádio, televisão, teatro, artigos para mais de vinte jornais e revistas, revela talentos, forma pregadores e comunicadores. Cursou teologia no Instituto de Haley Corners (Catholic University de Washington). Cursou comunicação, religião comparada, psicologia e aconselhamento. Por mais de vinte anos lecionou pastoral de comunicação na Faculdade Dehoniana de Taubaté.

Sobre os padres *na e da* mídia

JOSÉ FERNANDES OLIVEIRA, SCJ (PADRE ZEZINHO)*

Tese

Sou o Padre Zezinho, scj. Há dez anos venho defendendo a tese de que a era da *ênfase no mensageiro mais do que na mensagem* está com os dias contados. Olho na direção de Aparecida, Guadalupe, Fátima, Lourdes, Círio de Nazaré, São Judas, Nossa Senhora do Rocio, Bom Jesus da Lapa e centenas de santuários mundo afora e constato que os fiéis vão lá pela mística e pela mensagem, não pelo charme do pregador. Passam os pregadores, fica a mensagem, que é maior do que o comunicador daqueles dias.

O advento da mídia, do marketing e da intensa exposição do pregador religioso, padre ou pastor, criou uma nova situação que se acentuou de vinte anos a esta parte. Ressaltou-se a figura do pregador midiático que atua em determinado lugar, vende livros e discos, fala para milhões e arrecada milhões. As pessoas vão lá por causa dele!

Entraram em evidência mensageiros das mais diversas Igrejas, os quais, quase onipresentes, estão lá, falando de Jesus e atraindo o povo para seus encontros. Sua fragilidade é notória, porque se expõem dia e noite e não há rosto que resista a tanta exposição. Como nenhum pregador tem conteúdo e carisma suficiente para segurar multidões a ouvi-lo, recorrem a campanhas semanais ou mensais, gestos, novelas, cursos, correntes, promessas, atividades que tragam os fiéis para seus templos e gerem curiosidade sobre algo diferente e novo. O pregador e seu charme costumam cansar.

Superexposição

A superexposição dos pregadores midiáticos deslocou milhões de fiéis de uma Igreja para outra e, dentro da mesma Igreja, de um espaço ou movimento para outro, por conta daquele charme e daquele homem que ganhou publicidade em determinado canal de televisão. O rádio não produz o mesmo fenômeno. Na televisão nenhuma mulher sozinha conseguiu o mesmo impacto. As Igrejas, por mais esforço que façam por valorizar a mulher, continuam masculinas. O povo corre é atrás dos homens que se mostram na televisão.

Aos poucos, porém, volta *a mística do lugar e do evento*. Defendo a tese de que a novidade e o impacto da mídia diminuiu e, dada a concorrência de mais de três mil programas de rádio e televisão jogados País afora via antenas e via cabo, a figura do pregador perde a força. Quem não se destacou não se destacará mais. Voltaremos à massa que busca lugares de culto, mais do que determinado pregador e seu púlpito. *A ênfase começa a ser na mensagem e na Igreja, mais do que no pregador. E marketing algum conseguirá outra vez colocar o mensageiro acima da mensagem.*

É a tese que defendo, sujeita, é claro, à contestação dos estudiosos de mídia e de religiosidade popular.

Na mídia e de mídia

Começamos pela primeira colocação. Nestes 45 anos de ministério, que também se estendeu à mídia, tentei sempre ser padre *na* mídia sem ser *da* mídia. Não sei se o consegui. Não é tão fácil entrar na mídia e escapar ao individualismo. Ser livres para dizer o que queremos, colocar-nos diante de holofotes e microfones e, o tempo todo, ser porta-vozes da coletividade chamada Igreja. Há sempre o risco de fidelidade mais a nós mesmos e à mídia que nos acolhe do que à Igreja. Por isso a distinção *na* e *da*..., *no mundo sem ser do mundo, na mídia sem ser da mídia.*

Quem acha que é fácil ser neutro é porque não passou pelas pressões da comunicação moderna, que vem sempre

atrelada a concessões, investimentos, grupos e projetos. Há dinheiro no meio: investido ou arrecadado. Respeitemos, pois, os sacerdotes que decidiram ser *da* mídia e não padres *na* mídia. Critiquemos o que eles dizem ou deixam de dizer e não a sua presença naqueles meios. Questionemos forma, catequese e conteúdo, mas não a ousadia de ir e a sinceridade de querer falar a milhões de ouvidos.

Se sei explicar minha opção de ir pouco e, em alguns casos, não ir, imagino que eles saibam explicar a deles. Aceitaram atrelar-se. Analisadas as perdas e danos, acharam que valia o risco de ir a programas de teor duvidoso e pouco cristão. Mesmo que sua presença ali não cristianizasse o lugar e o momento, seriam como Paulo no Areópago. E foram e vão.

O pequeno e o longo alcance

Uma segunda colocação merece debate e estudo. Não digo que haja padres de pequeno alcance. Não há. Mas existem aves de voo curto e de voo longo. Seria anticristão e antidemocrático classificar pregadores em capacitados para falar a poucos e capacitados para falar a milhões. Mas a realidade aí está e não há como desconsiderá-la. Há profissionais e educadores preparados para dar aulas em universidades e outros em escolas primárias ou secundárias. Há o médico e o farmacêutico, o porteiro do hospital e o cirurgião. Há o jornalista contratado por veículos de longo alcance e o que não tem conhecimento suficiente para jornalismo de maior incidência. Assim os advogados, os diplomatas e os porta-vozes...

Capacitados?

Chego ao ponto controverso que merece debate e reflexão. Pela cultura assimilada e demonstrada, mesmo que sejam sinceros, zelosos e piedosos, há sacerdotes e catequistas leigos falando para milhões de pessoas e atingindo mais de cem dioceses com evidente desperpício para a função.

Demonstram não conhecer o sociológico da comunicação virtual, os documentos da Igreja, as falas do Papa, as principais encíclicas do nosso tempo, a Bíblia e o catecismo. Não estudaram, não estudam, não leem, não se atualizam em temas de toda a Igreja, atrelados que estão a apenas um tema, um movimento ou uma forma de espiritualidade.

Sua linguagem e seus vocábulos traem dependência de apenas um ângulo da fé católica. Deles se pode dizer que seu discurso não tem curso por falta de lógica e de estudo de retórica. Se leram, não acumularam informação e saber. Pregam sermões de curto alcance em veículos de longo alcance.

Mídia de grande alcance, sermões de conteúdo parco

Repitamos. Tem havido pregadores que usam veículos de longo alcance para sermões de catequese pouca e pequena. Não tendo citado nomes, não creio ter ofendido a ninguém em especial, mas vale o debate. Pode um sacerdote ou leigo que demonstra assustadora falta de leitura e inquietante desinformação e parca assimilação dos temas atuais da Igreja, pode ele falar a cem ou cento e cinquenta dioceses? Por cima da cabeça dos bispos e párocos? Não seria o caso de convidar alguns dos milhares de professores e especialistas da Igreja, que os há de norte a sul do País, para assumirem essa função, que, evidentemente, por mais querido e simpático e piedoso que seja o pregador, ele não tem como assumir?

Você o convidaria para dar um curso de catequese na sua paróquia ou diocese? Incluiria aquele pregador ou aquela pregadora entre os professores da sua faculdade ou escola? Confia na cultura e na capacidade de abrangência dele ou dela? Mas sua fala atinge milhões de fiéis de dioceses que gostariam de contar com educadores que aprofundem a catequese local.

Mídia e protagonismo

Pela natureza da mídia, há determinados veículos que singularizam e colocam o pregador em nichos elevados e lhe dão destaque maior do que aos milhares de outros sacerdotes e leigos. De certa forma aquele púlpito e aquele pregador sobressaem, não por seu conteúdo excepcional, mas por seu rosto, e jeito, e carisma e o marketing que recebeu. Sei disso porque tudo isso me foi oferecido. Aos setenta anos e 45 de sacerdócio e de mídia, sei do peso dessa tentação. Quem não gostaria de falar para oitenta a cem milhões de brasileiros? Meus amigos que me conhecem desde os anos 1960 sabem que tracei uma linha midiática para minha vida. Não a ultrapassaria, por mais que aquele marketing me pusesse em poucos meses ou anos diante de cem milhões de olhos e ouvidos.

Covardia ou prudência?

Alguém me perguntou, numa grande empresa da qual eu não quis fazer parte, se eu não estava sendo um padre covarde ao fugir da chance de evangelizar cem milhões de brasileiros. Foi soco no fígado. Devolvi o soco lembrando que, se ele me procurava, era porque eu já estava repercutindo e pronto para a sua gravadora. Portanto, quem conseguira formar um comunicador que canta em cinco línguas e escreve em três delas, que leciona, cria caminhos, escreve e repercute, tinha sido a Igreja. Então, talvez, ao invés de covardia eu estava era levando em conta a palavra dada e a gratidão. Por que ir para a mídia deles se havia mídias da Igreja pedindo especialistas que a ajudassem a crescer? A Igreja me preparara e agora eu assinaria contrato com quem por trinta anos não investira um só centavo na minha formação?... Entendeu e disse que me respeitava.

Igreja, liturgia e mídia

De várias maneiras e por vários veículos a Igreja Católica se comunicou e se comunica. Às vezes era ousada e às vezes

chegava atrasada. Quando o Papa Dâmaso indicou o culto e expedito Jerônimo para agilizar uma versão da Bíblia e quando a mesma Igreja deu ao mundo a *Vulgata* e a *Exapla*, foi avançada. Mas chegou com atraso quando da invenção da imprensa. Outras Igrejas, como a luterana, e grupos ateus investiam pesadamente na imprensa quando, com atraso, a Igreja acordou para o veículo que desafiava o tradicional púlpito católico. Também chegou atrasada e ainda não chegou forte pelo cinema. Chegou com atraso pela televisão e investe pouco e caminha com enorme dificuldade para manter suas emissoras. O dízimo entre nós não tem a força de outras Igrejas e, mesmo sendo nós cerca de 70% da população, não conseguimos arrecadar o suficiente para oferecer mídia competitiva no cenário do Brasil de hoje.

Profundidade

Há os grupos excelentes. Não precisam de maiores conselhos. Estudam liturgia e obedecem quando falam, escrevem e cantam. E há os rebeldes e teimosamente amadores. Pio X alertava, por escritos na mesma época do *motu proprio*, contra sermões superficiais, árias de ópera usadas na liturgia e canções adocicadas que mais desprestigiavam do que ajudavam o culto eucarístico. João Paulo II e Bento XVI, só para citar alguns dos papas mais atuais, ao falar da Eucaristia, mostraram preocupação com o excesso de protagonismo dos padres nos altares.

Mas continuamos a ver o espetáculo de missas que mais parecem operetas, tal o volume de canções que não expressam o momento vivido. O líder do grupo gosta delas e as canta, caibam ou não caibam na liturgia ou naquele momento da missa... Além disso, registre-se a má execução das canções por grupos que nem sequer ensaiam o que executam, junto à teimosia de alguns sacerdotes em cantar durante a missa que celebram sem o devido ensaio e com evidentes desafinações. O povo nem sempre fala, mas sofre com tais performances que mais distraem do que elevam. Canto há mais de quarenta anos e raramente alguém me

viu cantando nas missas. Não é função do presidente da assembleia. Se um sacerdote quer cantar, há lugares mais adequados do que o altar em missas que ele preside.

Improvisadores

Vemos padres que não preparam os sermões, quando há livros e revistas oferecendo conteúdos riquíssimos. Mas revistas e livros nem sempre são lidos. E há o pregador que se valoriza ao extremo diante das câmeras, usando todo o tempo de que dispõe para divulgar seus escritos e suas obras. Sobre os livros do Papa, sobre os documentos, nem uma palavra... Os fiéis não são convidados a conhecer livros sólidos e profundos do nosso catequista-mor, cultíssimo e excelente comunicador, cujo nome é Bento XVI. Ele sabe falar aos doutos e ao povo simples nas suas homilias e preleções das quartas-feiras. Mas o povo não sabe o que diz o Papa porque pregadores midiáticos de longo alcance divulgam à farta suas produções e não tocam nem de leve no nome das obras do catequista número um da Igreja.

O fiel que for às estantes de livrarias achará dezenas de livros de padres midiáticos e quase nada dos teólogos e especialistas em doutrina e história da nossa fé porque estes não foram e não são divulgados. Ouve-se o *compre meu novo livro*, mas não se ouve *conheça o mais novo livro do Papa!* É excesso de ênfase nos padres midiáticos que estão a milhas de distância do conteúdo do Papa e dos bispos. Divulgamos nossos escritos, mas não nos esqueçamos de valorizar as grandes obras de quem tem mais cultura do que nós. O católico aprenderá mais com elas do que com nossos livros. Estamos lá para mostrar nossa Igreja e o pensamento dela, não o nosso!

Simpatia e marketing

Simpatia tem rimado intensamente com marketing, mas nem sempre rima com eclesiologia. Às vezes trai excessivo individualismo. Salienta-se demais o pregador, com

primazia do mensageiro sobre a mensagem. Cabe a nós que atuamos na mídia e que, em virtude da exposição alcançada somos mais procurados e lidos que os demais sacerdotes, apontar para eles e suas obras, chamá-los para que o povo os conheça e mostrar o vasto acervo cultural da Igreja e não apenas nosso último CD e nosso último livro. A mídia, que é da Igreja Católica e não apenas do grupo que a criou, não pode servir apenas a nós e a nossos projetos e interesses. Até quando estamos na mídia secular ou laica, ainda assim somos porta-vozes de alguém maior do que nós.

Salientar a Igreja

Paulo afirmava: *mihi vivere Christus* (“para mim viver é em Cristo”). Para nós, vale o adendo *para mim, pregar é revelar o Cristo e sua Igreja*. Todo sacerdote ou leigo que milita na mídia católica deveria tomar a peito a decisão de mostrar os bons trabalhos da nossa Igreja, as espiritualidades vividas nela, outras editoras, outros autores e outros comunicadores católicos, pela simples razão de que a Igreja é mais do que nós e nosso grupo.

Nossos ouvintes, telespectadores e admiradores têm o direito de conhecer outros pensadores e especialistas em catequese católica mais preparados do que nós, e nós temos o dever de mostrá-los a quem nos admira. É questão de coerência, humildade e caridade.

Critérios

Num debate aberto sobre a presença do pregador na mídia, sendo ele comprometido com aquele veículo, portanto *da* mídia, ou não comprometido, portanto *na* mídia, tenhamos em vista:

- a) *a necessidade* da presença de pregadores na mídia religiosa e secular. A Igreja tem de estar lá onde se chega à multidão;
- b) *a oportunidade* da presença de determinado pregador: olhe-se o preparo dele ou dela e sua *capacidade de abrangência*,

isto é, sua capacidade de saber ser porta-voz de toda a nossa Igreja ou só de determinada comunidade ou movimento. Domina outras matérias, terminologias e linguagens?;

- c) seu *conhecimento* de catecismo, de História da Igreja, de Bíblia e dos documentos principais da nossa Igreja;
- d) seu *aprendizado e seu desejo constante de atualizar-se*.

Cabe aos bispos e outros pregadores, professores de comunicação, catequese e teologia *apontar os eventuais deslizes a serem corrigidos*, porque foram transmitidos para milhões de católicos. O sacerdote que propôs que o fiel pagasse o dízimo para o seu programa e desse apenas uma contribuição para a paróquia ensinou intencionalmente um erro. Deve ser contestado por todos os veículos possíveis e por aquele mesmo veículo, porque pôs seu grupo e sua mídia acima das dioceses e das paróquias por eles atingidas.

O sacerdote que convidou os fiéis da sua diocese a participarem, num estádio, de uma missa de cura e de libertação e deu o dia e a hora brincou com religião e de mídia. Dando data e hora, deu a entender que Deus curaria e libertaria no horário por ele proposto. Ora, o mesmo poderia acontecer nos outros horários e em qualquer missa. Deus não depende do marketing de ninguém para atuar, nem depende de horário e local.

Mídia que explica

Não faz sentido chegar a milhões de pessoas se não se leva a elas o básico da fé católica. Mais importante do que chegar lá é saber o que levar quando se chega lá. Percebe-se que em muitos casos falta um A e um Z naquela pregação. Prega-se temas a esmo, ao talante do pregador. Muito do que se diz e se faz na mídia precisa ser explicado porque o Catolicismo é mais do que uma mística e um movimento. Se fiéis de algum grupo entendem aquelas preces ou práticas, os outros milhões de fiéis que não seguem o grupo que lidera aquela mídia entenderão errado e ficarão confusos ante as práticas e palavras dos detentores daquelas câmeras e

microfones. Atendi a centenas de fiéis confusos com a cerimônia de libertação da maldição dos antepassados, conduzida numa emissora católica. A prece foi feita sem explicação alguma. Padres e leigos que apostaram na mídia têm o dever de falar a todos os católicos, em linguagem que todos os católicos possam entender. As particularidades do seu movimento fiquem para os salões, congressos e templos onde os membros congregam. Orar em línguas no ato penitencial um pouco antes do pai-nosso é exercício errado de uso da mídia. Membros da RCC [Renovação Carismática Católica] talvez entendam, mas não a maioria dos católicos que frequenta e vive outras expressões de Catolicismo. Algumas práticas, por determinação da Igreja, devem ser circunscritas. A mídia para milhões não é lugar de exorcismo!

Particularidades

Há coisas que ao padre *de* mídia ou *na* mídia não se permite, exatamente porque fala às dioceses em geral. Serve também para mim quando prego a visão dehoniana e libertadora da fé. Há termos que devem ficar apenas entre nós que lemos os escritos do nosso fundador, e sabemos o contexto em que foi dito, numa Igreja que vivia uma situação extremamente delicada, após a perda dos Estados Pontifícios, e sofria pressões de um crescente laicismo ateu.

Abrangências

Resumindo: menos afunilamento e mais abrangência da catequese, menos individualismo e mais eclesialidade. Se o pregador, famoso por conta de suas aparições na mídia, não pode impedir que o admirem, deve impedir com jeito e sabedoria que o tratem como semideus. O fato de alguns precisarem de guarda-costas para se locomover mostra que alguma coisa escapou-lhes ao controle. Os bispos e padres, na sua imensa maioria, não precisam de cerco para andar. Então, alguém extrapolou e alguém aceitou. Expor-se sem perder a liberdade é como ir à praia e sair bronzeado e sem

bolhas. Excesso de sol queima o veranista. Excesso de holofotes queima o pregador!

Mais teses

Sobre os padres *na* mídia ou *da* mídia há que escrever ainda muito. Talvez estejamos apenas no começo de uma experiência, cujo depois não é possível prever agora. O resultado do que está sendo dito, vivido e ensinado agora para milhões de católicos por uns poucos sacerdotes e leigos que diária ou semanalmente chegam até eles só será aquilatável daqui a dez ou vinte anos. É minha opinião, mas sei que outros estudiosos da questão pensam como eu. Prossigam. Prossigamos!

Diferentes gerações na Vida Consagrada: desafios e perspectivas

49

ARTIGOS

J. B. LIBANIO*

A Vida Consagrada floresce hoje sob formas bem diversas. Encontramos ainda resquícios da rigorosa Vida Contemplativa Cartuxa até expressões bem leves de fraternidades espiritualistas. Qualquer tentativa de tipificá-las e enumerá-las levar-nos-ia longe. Preferimos, então, criar classificação menos diversificada a aventurar-nos por caminho sem fim. Tratar-se-ia antes de mentalidade a modos concretos de vivê-la. Facilita-nos lançar mão de grandes esquemas mentais, construídos em torno da Modernidade. Colocamo-la no centro como o magno divisor de águas, distinguindo a partir dela os momentos culturais. Assim analisaremos as diferentes gerações.

Uma primeira geração carrega ainda os traços da Pré-Modernidade na configuração da própria vida pessoal, comunitária e apostólica. A ruptura da Modernidade adveio-nos pela via do Concílio Vaticano II, criando assim nova geração de religiosos, nutrida e animada por ele. Essa Modernidade construiu-se fundamentalmente na Europa central e daí irradiou para o resto da Igreja.

A América Latina assimilou-a com tal originalidade que propiciou no seu interior um corte. Mostrou-se assim a outra face da Modernidade: o seu reverso. Medellín simboliza essa outra geração.

No fluir desse duplo movimento renovador do Concílio e de Medellín, tem havido contracorrentes restauracionistas. Elas têm produzido geração diferente das duas anteriores. Finalmente, invade-nos por todos os lados a fluidez da Pós-Modernidade. Dessarte, por razões didáticas distinguirei

* **J. B. Libanio** é padre jesuíta, doutor em Teologia, escritor, professor da Faculdade de Filosofia e Teologia da Companhia de Jesus (FAJE), em Belo Horizonte-MG, e colaborador na Paróquia de Nossa Senhora de Lourdes na mesma cidade.

Endereço do autor:

Av. Dr. Cristiano Guimarães, 2127, Bairro Planalto, CEP 31720-300, Belo Horizonte-MG. E-mail: jblibanio@faculdade.jesuíta.edu.br.

cinco gerações: Pré-Moderna, Moderna Vaticano II, Moderna Medellín, restauracionista e Pós-Moderna.

Ora elas convivem numa mesma Congregação religiosa em doses equilibradas, ora algum desses tipos hegemoniza. Estudaremos cada geração à parte. Atenção, trata-se de uma descrição de tipo ideal, isto é, em que se isolam os traços fundamentais de cada um deles e configura-se assim um modelo que certamente não existe na realidade nesse grau quimicamente puro. Como instrumento teórico, ele oferece elementos para analisar o concreto em que se misturam elementos dos vários tipos. Interessa ver a tendência principal e entender as contradições internas que acontecem na Vida Consagrada pelo fato da coexistência das características dos vários momentos numa mesma Congregação, comunidade e até mesmo no interior das pessoas. A descrição de cada geração não se faz para nela enquadrar os religiosos, mas, pelo contrário, para com ela entender e perceber os movimentos e tendências no interior da Vida Religiosa.

As duas últimas gerações, que se gestam no momento e estão anunciando o futuro da Vida Consagrada, merecem maior atenção analítica. E mais especialmente a geração Pós-Moderna. Depois de cada descrição, indicaremos brevemente os desafios e as perspectivas de futuro.

A Conferência dos Religiosos do Brasil dedicou pesquisa sobre as novas gerações e estudo detalhado sobre alguns de seus aspectos em perspectiva analítica e prospectiva.¹

Geração tradicional

Descrição

A Modernidade batalha a geração tradicional da Vida Consagrada faz décadas e acentuadamente depois do Concílio Vaticano II (1962-1965). Ela ainda não desapareceu de todo. Envelheceu e caminha lentamente para o fim enquanto grupo compacto. No entanto, traços de tal momento cultural persistem nas camadas profundas do inconsciente e do imaginário religioso de muitos religiosos, inclusive. Na sala de

1. FABRI DOS ANJOS, Márcio (org.). *Novas gerações e vida religiosa*. Aparecida: Santuário, 2004. *Vida religiosa e novas gerações*; memória, poder e utopia. 2. ed. Aparecida: Santuário, 2007.

aula, brinco com os alunos dizendo que aflora neles, de vez em quando, a “fé da avó”. Assim também a Vida Religiosa da geração pré-Vaticano II deixou traços interiorizados e que surgem, em certas circunstâncias, das camadas subterrâneas dos religiosos. Por isso, tem sentido, embora o faça bem brevemente, recordar as marcas principais de tal geração.

Antes de tudo, impunha-se a primazia do Absoluto sob a forma do Sagrado. A espiritualidade se construía a partir daí. Garantiam-na as normas claras, disciplinadas e controladas pelo superior no mundo externo e, interiormente, pela direção espiritual. Dois baluartes de sustentação. A oração regia-se por tal ótica.

Atribuía-se enorme importância à tradição, garantida pelo jurídico e pela autoridade. Os superiores serviam de referência de vida, quer pelo exemplo pessoal, quer pelo exercício do poder. Obediência, hierarquia, disciplina soavam valores.

Os ensinamentos espirituais, filosóficos e teológicos apoiavam-se na convicção da verdade absoluta, da infalibilidade dos dogmas e das doutrinas oficiais da Igreja, e, em certa medida, no caráter normativo das Constituições. A formação fazia-se pela transmissão de tais conhecimentos sem submetê-los a nenhum crivo crítico.

A vida pessoal e comunitária desenvolvia-se de maneira regular, sem surpresas. Os costumes, elaborados ao longo dos anos, prescreviam os atos para as diferentes situações, datas, festas, atividades. Soava o dito: tudo já está previsto pelas tradições, regras e costumes. O horário espelhava na exatidão dos ponteiros tal ritmo. Buscava-se sabiamente o equilíbrio entre as práticas espirituais, o estudo ou trabalho e o repouso para que se vivesse sem excessos. Os superiores e eventuais colegas delegados cumpriam a função de supervisionar o bom andamento da disciplina religiosa.

Refletindo o teor de vida modesta da maioria dos habitantes do País, a pobreza tinha traços de sobriedade na veste, no alimento, nos bens pessoais e no lazer. Idêntica vigilância e austeridade vigoravam no campo da afetividade, fugindo-se de toda familiaridade no interior da vida comunitária,

muito mais ainda com os externos e mais ainda com o sexo oposto.

O apostolado definia-se a partir das obras típicas da Congregação: colégio, paróquia, hospital, ou outras semelhantes. E para elas se preparavam os jovens religiosos.

A maioria das vocações vinha de famílias tradicionalmente devotas, de costumes piedosos e bem constituídas. E a Vida Consagrada prolongava sem choques e rupturas tais vivências. Exagerando um pouco, entrava-se no noviciado com certa ingenuidade e inocência anterior.

Esses traços tradicionais sofreram o rude impacto das ondas libertárias da Modernidade pela via do Concílio. Então, alguns reagiram a essa ameaça de secularização enrijecendo-se ainda mais, com atitudes ríspidas, até com toques neuróticos em face das inovações.

Desafios e perspectivas

Tal feição de Vida Consagrada, pintada assim de modo estilizado, não tem futuro. Caminha para a extinção seja pela lei biológica da morte daqueles que nela foram formados e ainda conservam os hábitos, seja pela criação de *ghettos*. O que aconteceu em termos de Igreja sob a forma lefebvriana repetiu-se em miniatura na Vida Consagrada. Continuam pequenos núcleos conservadores. A defasagem diante da cultura Moderna e Pós-Moderna se acentua cada vez mais de tal modo que a continuidade torna-se difícil e questionável. Ainda entram alguns jovens com tendência assim conservadora, tocando as raias do fanatismo e do fundamentalismo. Mostram-se minorias sofridas que necessitam de cuidado, compreensão e caridade.

Geração da renovação do Concílio Vaticano II

Descrição

A geração Concílio Vaticano II constituiu-se a partir de três apelos: a volta às fontes de toda a vida cristã, o reencontro com a inspiração primitiva e original do próprio

Instituto e a adaptação do mesmo às novas condições da cultura atual.

O Concílio ofereceu os princípios gerais de atualização: o seguimento de Cristo como regra suprema da Vida Consagrada, a consciência do dom do próprio carisma para a Igreja, a fidelidade às orientações conciliares e das autoridades da Igreja, o conhecimento das necessidades do mundo atual e da Igreja, a primazia da renovação espiritual, a participação de todos os membros nesse processo e a fidelidade aos votos e à vida de comunidade.

Há deslocamento significativo no campo espiritual. De vida feita de práticas de piedade, ora com autenticidade, ora maquinalmente, buscou-se aprofundar a experiência pessoal e existencial de Deus a fim de iluminar e dar sentido a toda a Vida Religiosa.

A vida comunitária passou por expressiva transformação no sentido de valorizar as relações pessoais, afetivas. Para isso, contribuíram dados da psicologia e, em não poucos casos, o recurso a terapias.

A vida apostólica retrabalhou as obras tradicionais a fim de que elas respondessem às demandas do momento cultural presente da Modernidade. A valorização das experiências, os estudos da sociologia, as análises da realidade permitiram tal reestruturação pastoral da Vida Consagrada. Assumiram-se, sem medo, os avanços tecnológicos que trouxeram mudanças no comportamento dos religiosos, especialmente sob o impacto da tecnologia da comunicação.

Paulo VI alertou os religiosos para a inquietude, incerteza e instabilidade de alguns. Incentivou-os a viver as mudanças pedidas pelo Concílio sem rejeição, mas também sem afoiteza. Os tempos exigiam prudentes adaptações e também algumas arrojadas experiências, sem perder o senso de discernimento. Já se acenava nesse momento para a gravidade do problema da pobreza no mundo e do clamor dos pobres, pedindo dos religiosos proximidade com seu mundo.

Desafios e perspectivas

Os desafios da renovação pedida pelo Concílio Vaticano II ainda permanecem. Muitas mudanças ainda estão por ser implementadas, apesar de passadas várias décadas. Como nos textos do Concílio se infiltraram elementos tradicionais, misturados com as linhas novas e originais, eles permitiram aos conservadores resistir a inovações. Em vez de captar-lhes as orientações de renovação, teimaram em manter estruturas passadas. Continua, portanto, a necessidade de persistir na implantação do espírito conciliar.

Em termos teológicos, prossegue ainda a recepção do Concílio pela Vida Consagrada, superando os extremos da inovação pela inovação e da rejeição de qualquer mudança. Impõe-se ir-lhe às raízes e intuir-lhe as linhas fundamentais de orientação.

Geração de Medellín: Vida Consagrada Inserida

Descrição

A recepção do Concílio Vaticano II pela Igreja da América Latina chamou-se Medellín. Ela o fez de maneira singular. Não tomou a Modernidade europeia como inspiração nem como normativa, mas vasculhou-lhe o avesso. Pois viu que não nos sorriam as correntes existenciais, a concretização da felicidade, a embriaguez da liberdade, o milagre econômico do neocapitalismo do pós-guerra, a consolidação da classe operária promovida à classe média e outras benesses.

Antes se tomava consciência da pobreza, da dominação dos países centrais, da exclusão e marginalização dos pobres, da miséria das massas, das diversas formas de exploração, da existência de capitalismo real e selvagem. Tal situação produzia consequências éticas e culturais desastrosas.

Ficou-nos clara a falácia dos discursos da liberdade, da felicidade e da racionalidade, próprios da Modernidade europeia,² que ocultavam regimes militares de opressão, espiral

2. COMBLIN, José. *A força da palavra*. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 204-213.

da violência, sofrimento e irracionalidade no tipo de desenvolvimento. Crescia a crise de confiança nas instituições.

Em face de tal situação, a Vida Consagrada descobriu com clareza a missão profética como dimensão intrínseca da vida apostólica. Insistiu na consciência histórica com aguda consciência dos problemas sociais.³ Engajou-se com o carisma próprio no processo de libertação dos pobres, denunciando o engodo do crescimento econômico injusto à custa da desigualdade social. Acentuou-se o aspecto social da formação, não se restringindo à espiritualidade isolada de tais problemas.

Em alguns casos, fizeram-se opções radicais de pobreza, buscando vida inserida no meio dos pobres,⁴ vida que vivencia a experiência de Deus no compromisso, pensa a pequena comunidade em sintonia com tal engajamento apostólico no meio popular rural e periférico urbano, alimentada pela teologia da libertação. Acentua-se a opção pelos pobres no espírito profético. Articulam-se harmoniosamente mística e militância.

Inverteu-se a direção dos clássicos discursos da Modernidade. A razão caminhou na linha socioanalítica a fim de descobrir os jogos ideológicos do sistema e assim fazer lúcida opção pela transformação da realidade desde as camadas populares e assumir pastoral no incentivo às comunidades eclesiais de base. Deixou-se a prática assistencialista, tão comum na visão tradicional. Valorizou-se a razão sapiencial na leitura da religiosidade popular.

O discurso da concepção burguesa e individualista de liberdade transfere-se para o do almejo da meta do processo de libertação das classes populares na construção de sociedade igual, solidária, participativa. Sem desconhecer a relevância da *liberdade de*, afirmada pela compreensão iluminista, insiste-se na *liberdade para* o serviço aos pobres.

O discurso da felicidade encaminhou-se na linha escatológica de Mateus 25, em que ela consiste fundamentalmente no cuidado dos necessitados e na coragem da entrega de si até a perseguição.

3. VAZ, Henrique. Cristianismo e consciência histórica I, II. In: LIMA VAZ, H. C. de. *Ontologia e história. Escritos de filosofia VI*. São Paulo: Loyola, 2001. p. 165-217.

4. PALACIO, Carlos. Novas gerações e o futuro da vida religiosa. Primeiras reflexões sobre a pesquisa “Novas Gerações e Vida Religiosa”. In: FABRI DOS ANJOS, M. (org.). *Novas gerações e vida religiosa. Pesquisa e análises prospectivas sobre vida religiosa no Brasil*. 2. ed. Aparecida: Santuário, 2004. p. 143-160.

Desafios e perspectivas

Tal geração, forjada sobretudo nas décadas de 1970-1980, teve de enfrentar o arrefecimento e a mudança de conjuntura política e eclesial. Na política, assistiu-se ao desmoronamento do sistema socialista e ao reinado solitário do neoliberalismo. No interior da Igreja, eclipsa-se a tendência da teologia da libertação, que alimentava a Vida Consagrada inserida e comprometida.

O esmaecimento da utopia socialista e a carismatização da Igreja com novos movimentos eclesiais e novas formas de Vida Consagrada continuam desafiando a perseverança na linha libertadora. Além disso, a cultura Pós-Moderna líquida dissolve-lhe a consistência de tal maneira que as perspectivas de visibilidade da libertação se encurtam. A metáfora do sal esclarece-nos tal mudança. A geração Vida Consagrada da libertação gozava de visibilidade e credibilidade como um bloco de sal. Hoje a água da Vida Consagrada está salgada, embora não se veja o sal.

Geração da restauração

Descrição

Está surgindo na Vida Consagrada geração restauracionista. Embora tenha sinais externos parecidos com a tradicional, não se identifica com ela. Afasta-se, inquestionavelmente, da renovação do Concílio Vaticano II e muito mais ainda da tendência libertadora. Cria novo tipo de conservadorismo. Sucintamente, os sinais se mostram na exterioridade do vestir, retomando os hábitos e as batinas. O sinal visível da pertença à Congregação torna-se para tal geração importante para a segurança e clareza de identidade.

Ela combina postura paradoxal que desnorreia certos formadores. Externamente respondem às exigências, levam conversa de excelente relação com a Instituição, mas em relação a si mesmos e a grupos restritos de amigos mantêm discurso diferente e, não raro, incompatível com a Vida

Consagrada, especialmente no campo da afetividade e do consumo pessoal de bens. Verdadeira dupla linguagem em tensão entre si.

O aspecto Pós-Moderno que tal geração reflete concentra-se na escusa ambiguidade de assumir posição aparentemente tradicional na fala, no discurso, na aparência e no comportar-se de acordo com o famoso “é proibido proibir” de maio de 1968. Fusão desconcertante do arcaico com o Pós-Moderno.

Desafios e perspectivas

Tal geração tende a crescer por causa do duplo desejo de segurança obtida pela exterioridade e de liberdade de comportamento. Tal postura agrada a sociedade neoliberal. Reforça-a por gerar pessoas sem criticidade social, sem ímpetos de transformação da realidade.

Parte de tal comportamento afaga os olhos e os ouvidos de superiores que não se dão conta da contradição e embarcam em tais comportamentos ilusoriamente.

Geração Pós-Moderna

Descrição

A geração Pós-Moderna tem traços da anterior, mas re-produz, em grau maior, os da cultura atual. Devido ao espaço reduzido, marcar-lhe-ei somente os elementos relevantes já interpretados a partir da Vida Consagrada.

A fragmentação e a cultura do descartável produzem atitude relativista em face das normas, regras, tradições da própria Congregação. A sacralidade primeira dissolve-se diante de tantas experiências religiosas diferentes, oferecidas como produtos de sedutor supermercado religioso. A segurança no que diz respeito ao próprio carisma se enfraquece e facilmente experimentam-se outras expressões religiosas, sobretudo as oferecidas pelos movimentos carismáticos que minam a seriedade e a densidade da experiência fundante

de Deus. Elas substituem as anteriores com a vantagem da mobilidade sem exigir compromisso permanente. A fluidez triunfa. Relativiza-se a autoridade da própria tradição religiosa e dos formadores.

O descrédito da racionalidade, da intelectualidade liquefaz a vida intelectual, alimentada antes pelas informações informatizadas que pelo pensar rigoroso. Some-se a falta de base do curso médio. O que os filósofos chamam de “fim da metafísica”⁵ repercute na vida dessa geração como perda das referências fundamentais do pensar, do valor, do viver, da moral, da arte, com forte dose relativista.

Morreram a razão iluminista e a prática socialista. Ficou o prazer narcisista. *Carpe diem* de Horácio: aproveite o presente. Ele se esvai rapidamente. Corra atrás do prazer momentâneo. O perene desaparece, o passado perdeu consistência e o futuro se faz incerto. Eis o presentismo que obstrui a consciência histórica, enterra a utopia. Está aí o hipersujeito na Vida Consagrada, preocupado unicamente em construir o próprio mundo, já que tudo fora dele perdeu sentido. Nutrir a própria subjetividade e relativizar as realidades objetivas externas mostram-se dois traços fundamentais que afetam a tríplice dimensão da Vida Consagrada: vida pessoal, comunitária e apostólica, com consequências inimagináveis.

Muitos vêm de fortes experiências anteriores sob a dupla ótica da satisfação subjetiva e da carência de consistência moral objetiva, especialmente no campo da afetividade e da sexualidade. Trazem para o interior da Vida Consagrada sede de encontros tópicos, quentes, gratificantes e fugazes afetivamente, de um lado, e dificuldade de vida comunitária permanente, do outro.

Fator decisivo na gestação de tal Vida Consagrada constituiu-se a entrada maciça da cultura virtual, da imagem, pela crescente presença da informática. Seguem-se vários efeitos colaterais ambíguos: dificuldade do silêncio interior, confusão entre simbólico e imagético, substituição da informação pelo pensar, predomínio do operacional sobre o valorativo, agilidade no campo da tecnocrônica. Mereceria longa reflexão a repercussão no campo afetivo da mudança das relações

5. GIACOIA, Oswaldo Junior. Nietzsche: fim da metafísica e os pós-modernos. In: IMAGUIRE, Guido et al. *Metafísica contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 13-45.

reais pelas virtuais: internet, e-mail, blogs, fotologs, Orkut, MSN, Skype, webcam, YouTube, torpedos, celular etc.⁶

Não poucos desta geração originam-se de famílias desestruturadas, com deficiência na formação do superego e da percepção de limite, com estranha desculpabilização ética e moral.

Desafios e perspectivas

Surge enorme desafio para a formação de tal geração.⁷ No nível do pensar, impõe-se situar-se entre os dois extremos da posição tradicional de verdades absolutas e da Pós-Moderna fragmentada, relativista. Abre-se o caminho de educá-la no saber pensar, adestrando-a em três artes: a da interpretação, a da percepção histórica e a da criatividade. Numa palavra, somente um pensamento hermenêutico histórico e criativo enfrenta positivamente os desafios da Modernidade e da Pós-Modernidade.⁸ O pensar hermenêutico de cunho dialético favorece o duplo movimento de perceber a transitoriedade das interpretações, mas também de afirmar um núcleo duro que a supera. A consciência crítica liberta-nos dos traços ideológicos.

O refletir criativo projeta-nos para o futuro. Trata-se de manter a dialética da identidade e da diferença. E tal se alcança ao trabalhar a própria identidade de maneira dinâmica, inventiva, honesta e fiel à realidade.

Acrescentaria o aspecto sistemático, altamente necessário em cultura fragmentante, nutrida pela avalanche de informações pasteurizadas da mídia. Em vez de glorificar o pensamento fraco e a setorização dos saberes, trabalhe-se na linha oposta de apresentar a robustez do ser, do fundamento último e inabalável da realidade – Deus – e a ordenação sistematizada no duplo eixo histórico e estrutural do pensamento. A Vida Consagrada cumpre a função de sujeito organizador e transmissor do saber, de tradições, juntamente com a escola, Igreja em tensão crítica à mídia. Existe enorme diferença entre a mera transmissão de conhecimentos

6. STORCH, L. W.; COZAC, J. R. *Relações virtuais; o lado humano da comunicação eletrônica*. Petrópolis: Vozes, 1995. STEIN, Ernildo. *O corpo virtual. A modernização dos sentidos*. Disponível em: <<http://www.lehinrichsen.pro.br/arquivos/AF%20Stein%20O%20corpo%20virtual.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2011.

7. Na conferência feita no I Congresso Internacional da Vida Consagrada realizado em Roma (2004), abordei o tema “Impactos da realidade socio-cultural e religiosa sobre a Vida Consagrada a partir da América Latina. Busca de respostas” (In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA VIDA CONSAGRADA. *Paixão por Cristo, paixão pela humanidade*. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 169-224).

8. Pedro Demo sugere três tipos de pensar que favorecem a criatividade:

e o seu gerenciamento lúcido e sua produção. A formação visa a esses dois últimos objetivos.

O cansaço com as grandes narrativas e o niilismo sem tragédia instala a consciência na finitude, enquanto a busca da verdade, do bem, da beleza, dos valores autônomos a acorda e sinaliza referências fundamentais de vida.

No campo da afetividade, supera-se o narcisismo pelo exercício do esquecimento e da saída de si em direção ao outro, encarando com seriedade refletida os novos tipos de relações virtuais que se instalaram. A lucidez descobre tanto a vertente enriquecedora quanto os limites dos contatos eletrônicos: rápidos, curtos, descontraídos, disponíveis a granel, fáceis, econômicos, ora verazes, ora falsos, com maior ou menor exposição do corpo e da intimidade. Engendra-se nova psicologia.

Em contraposição, a Vida Consagrada tem condições de oferecer situações propícias, tanto no interior da vida comunitária como no compromisso nas missões e pastorais, especialmente sociais, para relações autênticas de dom de si. E nesse movimento o religioso experimenta real felicidade e prazer. No fundo, está em jogo descobrir os aspectos positivos das relações eletrônicas, ampliando horizontes de contatos, oferecendo nova visão de mundo, superando bairrismos, cultura provinciana e trazendo o religioso para o realismo educativo do contato presencial, sem fácil fuga da dificuldade e do conflito.

Na breve descrição desse quadro Pós-Moderno, resta apontar os desafios advindos do campo da espiritualidade. Em contraposição quer ao mundo tradicional de práticas religiosas, quer ao esforço na perspectiva do Concílio Vaticano II de alicerçar-se na experiência fundante de Deus, esboça-se, na cultura Pós-Moderna, a face superficial de traços carismáticos. Corre-se o risco de perder a densidade espiritual necessária para viver a Vida Consagrada.

Responde positivamente a tal clima investir no seguimento de Jesus. Nele as deficiências do carismatismo convertem-se em força propulsora. O seguimento implica momentos

diferenciados. Num primeiro, o(a) religioso(a) confronta a compreensão de Jesus até então elaborada com interpretações atualizadas do Jesus histórico.⁹ Desse impacto surge, em seguida, reformulação das exigências do seguimento, cada vez mais próximo do Jesus da história. Libera-se, assim, de adocamentos espiritualistas e de moralização conservadora. Estabelece-se, então, relação interna entre o Jesus histórico e o seu seguimento. O primeiro aponta o critério do segundo. Recria-se, assim, em novo passo, a prática de Jesus no contexto de vida.

Em termos de América Latina, J. Sobrino tem trabalhado o eixo das vítimas desse mundo desde o qual se interpreta o Jesus histórico, que, por sua vez, esclarece a situação das vítimas. Cada Instituto religioso capta tal relação a partir do próprio carisma. Não existe modelo feito, fixo, determinado de fora. Implica interpretar, conhecer a Jesus e concretizar a identidade cristã e, naturalmente, a da Vida Consagrada desde o seguimento na perspectiva da missão libertadora das vítimas e em comunhão com elas.¹⁰

Conclusão

A originalidade do tempo atual mostra-se na convivência das diversas gerações num único Instituto e, às vezes, numa mesma comunidade. O espírito Pós-Moderno, em relação aos anteriores, tolera com facilidade a diversidade. Tal atitude revela o aspecto positivo de conviver com o diferente sem conflito no duplo sentido. As pessoas não se intrometem na vida alheia a fim de convencê-la de algum erro, mas também permanecem intocadas pelo diferente no sentido de que ele se arvora em crítica a seu comportamento. Mesmo que a cidade moderna alimente intolerâncias e transfigure diferenças em desigualdades, ela não oferece, como a sociedade Pré-Moderna, questionamentos de vida por força da tradição. Não se interessa por ela.

Por isso, o exemplo perdeu hoje muito de sua força. Continuamos cantando loas à necessidade de dar bom exemplo. Confesso-me algo cético diante de tal percepção. Antes

9. À guisa de exemplo, ver a instigante obra de: PAGOLA, José Antonio. *Jesus*; aproximação histórica. Petrópolis: Vozes, 2010.

10. A perspectiva das vítimas atravessa a obra cristológica de Jon SOBRINO *A fé em Jesus Cristo*; ensaio a partir das vítimas (Petrópolis: Vozes, 2000).

constato que a geração Pós-Moderna olha com mirada indiferente para tantos modelos. Interessa neles não a objetividade do valor, mas a sua adequação ao sentimento, à afetividade, à sensibilidade de quem mira. Certa vez questionei um jovem a partir de determinado exemplo, que julguei motivador, e ouvi em resposta: “Para você pode ser válido, mas não para mim”.

A outra face da tolerância Pós-Moderna chama-se indiferentismo, relativização, ceticismo em face do dado de proposta concreta de Vida Consagrada.

Portanto, se de um lado a coexistência de diversas gerações de religiosos(as) aponta para progresso na convivência, de outro lado enfraquece os desejos de questionar e modificar o comportamento das pessoas, mesmo quando os julgamos incompatíveis com a Vida Consagrada. Há sensação de “normalidade” diante de atos díspares e entre si chocantes. A formação que pretende criar valores, atitudes e comportamentos definidos, claros e objetivos se vê em maus lençóis. Cabe descobrir a pedagogia que encontre o meio termo entre a imposição de modelo feito e a relativização geral de qualquer proposta. Por aí vai o caminho a ser descoberto e trilhado.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Qual o maior problema parece-lhe advir da convivência numa mesma comunidade de gerações de jovens de diferentes mentalidades?
2. Como você se vê, como formador, em face da pluralidade de gerações de jovens de diferentes mentalidades numa mesma comunidade?
3. Que atitudes e práticas psicopedagógicas e religiosas tomar em face da pluralidade de gerações de jovens de diferentes mentalidades numa mesma comunidade?

Principais conflitos da estrutura homossexual e outros conflitos heterossexuais

63

PAULO DULLIUS*

Situando a questão

Considerações, reflexões e estudos já realizados colocam-nos diante de uma complexidade bastante grande, quando se abre o leque da realidade sexual e suas diferentes expressões. A forma e a especificidade da expressão da sexualidade obedecem, em grande parte, ao estágio de maturidade da pessoa. Pessoas com maior capacidade de amar têm, em geral, uma sexualidade mais integrada e oblativa. A sexualidade é vivida como sendo complexa, como simbólica e como plástica – cada vez mais distante de um determinismo provindo do controle hormonal, típico dos animais –, assumindo um controle neurológico nos animais superiores, entre os quais o homem. A questão homossexual é uma questão nada inocente. Todos nos sentimos, de alguma forma, envolvidos e ameaçados. Ela suscita uma série de fantasmas individuais e coletivos. Ela indica a capacidade humana e sua sensibilidade diante da aceitação ou não, diante do amor ou do desamor.

As pesquisas às quais se tem acesso indicam uma complexidade de fatores que interferem no comportamento humano, incluindo o sexual e, dentro dele, o homossexual. Há certa tendência, inconclusa, de considerar os fatores biológicos não tão decisivos quanto os educacionais, os socio-culturais e outros. Ultimamente tem-se dado menor valor científico aos fatores biológicos. As experiências feitas não permitem conclusões muito encorajadoras. Comportamentos aprendidos por gerações – incluindo os homossexuais

***Irmão Paulo Dullius** é lassalista, membro do Grupo de Reflexão de Psicólogos da CRB do Rio Grande do Sul e membro da Equipe de Reflexão Psicológica da CRB Nacional. Formado em Filosofia e Teologia, tem licenciatura e mestrado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, de Roma, e doutorado em Antropologia Filosófica, pela Universidade Pontifícia Salesiana, de Roma. **Endereço do autor:** Rua Honório Silveira Dias, 636, Bairro São José, CEP 90550-150, Porto Alegre-RS. E-mail: pdullius@delasalle.com.br.

e outros – podem tornar-se tão condicionantes que ficam parecendo genéticos. No entanto, pode tratar-se, apenas, de estilos aprendidos, copiados, assimilados e solidificados ao longo de várias gerações. O fator educacional não se refere unicamente a aspectos intelectuais ou culturais, mas também a padrões de comportamento e de aceitação por parte do grupo e, nele, o indivíduo aprende a aceitar-se, ou fere-se como reação à não aceitação.

Nas reflexões que seguem, é preciso ter presente uma complexidade de aspectos, olhados especialmente do ponto de vista antropológico, daquilo que caracteriza cada ser humano e desta permanente tendência ao bem, à verdade, à beleza e à realização positiva de suas características dentro de determinada cultura. Trataremos brevemente de alguns dados de caracterização da homossexualidade. Precisamos avaliar o nome e o seu conteúdo subjacente. Na busca de compreender melhor a questão, convém tratar brevemente dos conflitos humanos básicos, decorrentes de sua estrutura ontológica. Tais conflitos estão presentes em cada ser humano. Consideraremos como esses conflitos têm sua ligação com a homossexualidade. Há também medos importantes a considerar que se aproximam da compreensão da dinâmica interna de uma estrutura homossexual. Atitudes gerais decorrentes – incluindo a homossexual – facilitam entender a complexidade humana. Sempre convém ter presente que essas mesmas atitudes e medos estão em todos os seres humanos de alguma forma, com intensidade diferente e com especificações próprias da pessoa que as organizou a partir de sua psicogênese, de sua experiência vivida e integrada.

Algumas especificações teóricas

A questão da homossexualidade afeta a todos. Para abordá-la pode ser bom e proveitoso ter uma ideia sintética do Informe Kinsey sobre *homossexualidades*.¹ Esse relatório busca estabelecer uma diferenciação tipológica do mundo homossexual. Isso reforça a realidade da homossexualidade como sendo diversa e complexa. Os autores, correlacionando

1. Citado por:
BELL, A. P.;
WEINBERG, M.
S. *Homossexualida-
des. Informe Kinsey*.
Madrid: Ed. Deba-
te, 1979.

diversas medidas, segundo diferentes aspectos da experiência sexual, estabeleceram uma tipologia com cinco grupos diferentes: a) *Pares fechados*, correspondendo ao grupo de homossexuais que vivem em par – com outra pessoa – com uma relação quase matrimonial; b) *Pares abertos*, que se caracterizam fundamentalmente por uma insatisfação em suas vidas de “casal”; c) *Funcionais*, os que têm grande número de parceiros sexuais e experimentam fraco sentimento de desconforto por serem homossexuais; d) *Disfuncionais*, também apresentam grande número de companhias sexuais, mas têm alto sentimento de “culpa” por serem homossexuais, bem como em outros problemas sexuais; e) *Assexuais*, com pouca atividade sexual e profundos problemas sexuais, bem como culpa por serem homossexuais. Essa tipologia caracterizada nos cinco grupos leva os autores a falarem de um contínuo *homossexual-heterossexual* onde cada qual se situa, incluindo os assim chamados heterossexuais. Dá para perceber que, para a maioria dos homossexuais, o sexo não é uma preocupação especialmente dominante. Não existe o homossexual puro, tampouco existe o heterossexual puro. Em geral, quando se fala da homossexualidade tem-se quase única e exclusivamente em consideração a homossexualidade dos pares fechados.

É útil ter presente essa tipologia, mas não se deve pensar que é exaustiva, pois é parcial e refere-se, sobretudo, a situações mais graves, quando, na realidade, há uma gama enorme de expressões, muitas delas nunca constatadas em pesquisas ou trabalhos terapêuticos. Para compreender essa questão, é preciso, sempre, usar os melhores métodos para ter acesso à psicogênese e à psicodinâmica. Psicogênese refere-se à história pessoal, sobretudo desde a vida intrauterina em diante. Psicodinâmica significa a estrutura de personalidade que cada qual organizou a partir da psicogênese. As pessoas não podem mudar a psicogênese. Ela faz parte dos dados não escolhidos, mas que têm sua influência na pessoa. São a dadidade, ou seja, aspectos que não se pode mudar, tais como: sexo, país, raça, cultura, local, família, ocasiões de primeira educação, parentes etc. Mas as pessoas podem,

compreendendo amplamente a psicogênese e o que ela envolve, fazer intervenções em sua psicodinâmica, em sua estrutura de personalidade. Os melhores métodos para isso são aqueles que estão baseados na melhor e mais completa visão antropológica – aquela que tem acesso ao total vivido – e ajudam na compreensão e reconciliação com a história, incluindo redimensionamento da estrutura psicodinâmica resultante. Trata-se de facilitar um reposicionamento diante do vivido. Esse reposicionamento requer a inclusão de vários aspectos humanos, sobretudo o afetivo, o intelectual e volitivo, nos níveis consciente e inconsciente.

Os conflitos subjacentes correspondem aos problemas afetivos, dentro e fora da pessoa. Dependem também do tipo, do grau e do número de inconsistências ou imaturidades presentes. Por inconsistência se entende aqui uma dissonância entre a motivação consciente e a motivação inconsciente. A motivação inconsciente inclui toda a memória afetiva, todo o vivido, ou seja, todas as experiências positivas e negativas que a pessoa assimilou, a seu modo, desde a concepção em diante. Inclui, portanto, as experiências de nível físico, psíquico e espiritual, as experiências afetivas, intelectivas e volitivas. Dessas experiências decorrem diferentes predisposições à ação. Quando o conteúdo dominante inconsciente é contrário às motivações conscientes, então podemos falar em inconsistência, a qual pode ser tanto psicológica quanto social.² Quando falamos das inconsistências, é preciso também ver bem quais conteúdos são os que estabelecem a inconsistência. Se forem mais centrais à autoestima, essa inconsistência terá maior força sobre o comportamento. Importa também ver quantos e quais aspectos antropológicos estão mais “feridos” ou bloqueados. Quanto maior e mais abrangente esse ferimento, maior será a predisposição a usar formas não livres no agir.

Além do tipo e do número, convém também estar atento ao grau de força que um conflito exerce sobre o cotidiano das pessoas envolvidas. Pode-se considerar que está presente sempre, muitas vezes, quase nunca ou nunca nas motivações, na consecução dos objetivos, na fidelidade à causa

2. Para uma compreensão mais detalhada das inconsistências, vejam-se as obras de Luigi M. Rulla, especialmente *Psicologia do profundo e vocação, o glossário*.

assumida, na convivência diária, na dimensão de apostolado ou emprego, no crescimento espiritual.

A operacionalização desses aspectos (tipo, grau, número) pode fornecer a compreensão diferenciada – se estamos mais próximos à patologia ou mais próximos à ação livre e adulta. Pessoas que estão condicionadas quase sempre por aspectos centrais de sua autoestima percebem que isso repercute em vários aspectos de seu ser e agir, essas pessoas estão mais próximas à patologia. Vale também o contrário: pessoas poucas vezes sob a influência do conflito, em aspectos mais secundários, têm mais condições de crescer na vida. Um mesmo sintoma não pode ser considerado sempre como sendo patológico no sentido amplo da palavra. Mas pode também ser grave. Vai depender dos aspectos já considerados.

Homossexualidade como patologia ou como estrutura?

Como se designaria a homossexualidade? Antes das especificações, convém fazer uma observação prévia. Quando se repudia a discriminação dos homossexuais e de outras pessoas, é porque em dignidade humana todos somos iguais. A aceitação da qual se fala refere-se à dignidade presente em todos os seres humanos, independente de cor, raça, etnia, sexo, nacionalidade, religião etc. Mas sua realidade chama a atenção porque se contrapõe aos comportamentos instintivos entre homem e mulher, incluindo expectativas de expressão humana, e nela a sexualidade. Precisamos preservar sempre a dignidade humana e distinguir sua intencionalidade interna profunda e as formas fenomenológicas de seu ser e de seu agir. Aceitar sua dignidade incondicional não significa aceitar incondicionalmente todas as formas de expressão. As diversas designações encontradas até o presente momento indicam duas coisas: a) a pesquisa ainda está inconclusa; b) trata-se de uma realidade complexa. Até agora se tem falado muito da homossexualidade como sendo uma *patologia*. Essa posição refere-se centralmente à finalidade da

sexualidade, vista mais na linha da procriação ou da expressão entre homem e mulher. É questionável essa caracterização, pois a patologia refere-se a um grau de desorganização e não a um tipo de estrutura. Claro, a estrutura indica uma forma de organização que inclui formas patológicas ou não patológicas. Podemos aceitar que há casos de patologia na homossexualidade, assim como os há em outros estilos de personalidade. Mas desses casos não se pode generalizar para todos os comportamentos similares. Podemos também falar em *tendência*, *inclinação*, como tem sido falado bastante. Em certos âmbitos, ouve-se essa expressão como forma atenuante da questão. Certamente há tendência, mas isso parece minimizar um tanto a realidade psicogenética e os reforços decorrentes. Modificar uma tendência é bastante fácil. A experiência mostra que não é tão fácil a mudança em se tratando da questão da homossexualidade. Numa designação contrária tem-se empregado o termo *condição*. Alguns moralistas têm-se inclinado a adotar essa terminologia. A *condição* apresenta forte resistência à mudança, pois está enraizada num passado praticamente inacessível. Mas isso pode ser uma conclusão um pouco apressada. A inacessibilidade ou acessibilidade vai depender em grande parte do método terapêutico disponível como teoria e como terapia. Ela se centraliza na psicogênese. A *condição* inclui certo “determinismo”. Adotando certa irreversibilidade, cabendo à pessoa a aceitação e à sociedade, superar os preconceitos. Mas é preciso reafirmar: cada pessoa tem em si uma grande capacidade de superação de seus ferimentos afetivos. Essa superação vai depender de alguns fatores: a força do eu, o contexto, o método e os ideais existenciais, e outros. Ainda se pode falar em *organização* homossexual. Tal termo equivale bastante a *condição*, ou seja, a pessoa se organizou assim e compete a ela aceitar essa organização. Além disso, fala-se em *dinâmica* homossexual. A dinâmica indica os mecanismos que impulsionam a pessoa a agir de uma determinada forma. Seria uma dinâmica que desencadeia comportamentos homossexuais. Dessa dinâmica deriva a questão da *opção* homossexual. Muitas vezes essa opção – como outras – tem

por finalidade explícita ou implícita diminuir a dor e a ansiedade e tornar manejável uma estrutura conflitiva subjacente. Nesse caso, não está claro todo o conjunto de fatores que levam a essa opção. A opção homossexual não elimina os conflitos, os quais voltarão a manifestar-se a longo prazo, não podendo a aceitação social suprimi-los. Finalmente, podemos falar também de *estrutura* homossexual. Trata-se de uma estrutura de personalidade ou de uma psicodinâmica, mas que é resultante de uma determinada psicogênese. Há aspectos psicogenéticos, como desejos de ambos os pais, de um deles ou de outra pessoa significativa em relação ao gênero da criança. Ela sabe sua identidade de gênero, aceitou-a, mas não é aceita como é. Isso faz com que ela redimensione aspectos de seu ser e de seu agir, assumindo uma outra estrutura para além da inicial. Daí que o conhecimento da estrutura precisa explicar-se na psicogênese.

Todas essas diferentes denominações carecem de uma ampla compreensão antropológica e dos meios disponíveis para avaliar a questão. Dentro de minha compreensão, inclino-me pela expressão *estrutura homossexual*. Essa concepção valoriza tanto a psicogênese quanto a psicodinâmica – o que facilita uma avaliação mais objetiva sobre os condicionamentos facilitadores e obstaculizadores de superação, considerando, sobretudo, a metodologia disponível, a compreensão de pessoa, os fatores intervenientes que estabelecem o grau do enraizamento da estrutura e os meios para uma liberdade interior mais ampla. Desse acesso à psicogênese e à psicodinâmica, analisando sua “gravidade”, pode-se estabelecer um prognóstico mais favorável ou menos favorável. Em geral, esse prognóstico – dependendo do método terapêutico – é bastante positivo.

Medos básicos/desejos básicos: rejeição (aceitação), solidão, distância e separação (união)

Desde o momento em que a pessoa se dá conta que ela existe,³ percebe que é aceita por Deus, com direito de viver

3. As pesquisas referentes ao acesso direto ao inconsciente indicam que a pessoa começa a existir na concepção e se dá conta dela e do ambiente a partir desse momento, assumindo desde então decisões e posições em relação a si e aos demais, que são para o presente momento ou para qualquer momento de sua vida. Ela usa a variável do amor e do desamor para avaliar sua vida, seu significado para os demais, sua aceitação e a forma idealizada dos outros significativos em relação a ela.

e amar. Ela também aceita seu gênero, dentro do qual assume o compromisso de amar na sua especificidade. Por isso os conflitos e/ou medos básicos estão na dúvida ou certeza de não ser aceitos. Os conflitos dão-se entre o que a pessoa desejaria ser – isto é, o desenvolvimento positivo do conjunto e de cada aspecto de sua estrutura antropológica – e a inter-relação com as pessoas significativas, nos aspectos e formas pelas quais essas oferecem ou reforçam experiências contrárias ao profundo interior positivo. Como todos podemos verificar com facilidade, tal realidade de desamor é frequente, por isso a instauração do conflito acontece. A presença dele se transforma num medo mais amplo ou mais específico, mais superficial ou mais profundo. Todos temos medo da rejeição do direito de viver ou de alguma de nossas características. Dessa rejeição total ou parcial decorrem processos de autodestruição, autorrejeição, autopunição. Quanto maior a rejeição, menor, em geral, é a autoestima, e há um comprometimento mais duradouro com esta situação quando há reforços comportamentais refletidos em aspectos difíceis de esconder, como o corpo, por exemplo. Decorrem sentimentos de inferioridade e de inadequação. Portanto, certamente, desde o início, é o mundo do adulto, aprendido ou introjetado, que fornece os parâmetros da aceitação ou não aceitação. Evidentemente, esse medo referente ao nosso todo ou a alguma particularidade nossa todos carregamos, de alguma forma. A todo processo de amor correspondem também desejos⁴ positivos transformados em atitudes e em ideais. Às experiências de desamor correspondem também desejos que procuram de alguma forma recuperar, compensar ou corrigir as experiências negativas. Desejos podem ser, portanto, de qualidade e de intensidade diferente. O desejo mais profundo e último sempre é positivo e está enraizado na estrutura ontológica do ser humano.

No caso da homossexualidade, *o medo da rejeição* quanto à identidade de gênero desempenha papel decisivo. Em geral, trata-se de uma reação inconsciente, oriunda da constatação do próprio gênero confrontado com os desejos de um ou de ambos os genitores, ou de outras pessoas significativas,

4. DELATTRE, Roland. Desejo. In: *Enciclopedia delle religioni*. Milano: Jaca Book, 1996. v. 3: L'Esperienza: vita religiosa individuale e collettiva, p. 139-147. O autor faz uma análise boa sobre a origem mais espiritual do desejo, em contraposição aos desejos comumente conhecidos da linguagem mais psicanalítica.

da concepção em diante. Outras vezes até subjaz o medo de não ser aceito pelo pai – por ser filho de outro homem; tem medo de não ser aceito, e também procura inconscientemente a aproximação dele e seu reconhecimento. Na missão clínica percebem-se situações quase dramáticas em algumas pessoas para se fazerem aceitar como são. Se mesmo após o nascimento continuam sendo rejeitadas por sua identidade de gênero, elas mesmas concluem que “são um erro” e, além de retraimentos de diversos tipos, acabam reprimindo sua identidade, que sabem que têm, para adotar uma falsa verdade a elas impingida pelo mundo do adulto. E o fazem para diminuir a dor, resultando em diversas formas de culpa com intensidade diferente, ou em raiva reprimida, que terá seus efeitos no físico, no psíquico e no espiritual. Não podemos esquecer que o adulto serve de referência para a estruturação de padrões de conduta. A criança reprime sua forma de ver-se e assume a visão de adultos, a expensas de grande sacrifício e frustrações. Mesmo sabendo que o adulto está errado, ela ainda prefere destruir a sua verdade e adotar a inverdade dos adultos como verdade. Em geral, a maior parte da nossa aprendizagem dá-se por identificação e por indicação, e esta, na maioria das vezes, provém do mundo adulto: “faça isso”, “não faça aquilo”, “isso sim vai lhe ajudar”, “seja assim”, “seja como seu pai, sua mãe” etc. Passamos muito tempo comparando-nos, julgando-nos. O processo de identificação incide nos modelos que são propostos pelo mundo adulto, sejam eles do mesmo sexo, sejam do sexo diferente.

Todos nós somos testemunhas das manobras que um ser humano é capaz de fazer para evitar a rejeição e para ser aceito. Certamente essa fragilidade sobre a aceitação, no caso do homossexual, é bastante acentuada. E incide na sexualidade genital e na estruturação decorrente. Outras formas de rejeição total ou parcial podem levar à autorrejeição de gênero, mas sem expressão específica na sexualidade genital. Esse medo à rejeição está na base de tantos outros conflitos e de tantos outros medos.

Um *segundo medo básico* podemos encontrar no medo da rejeição ligado ao medo da *solidão*, ao medo de estar separado e distante. A ruptura, a diferença, o distanciamento são formas que criam medo e conflito. Todos sonhamos com a superação da distância e da diferença. A nostalgia da união é a maior das nostalgias. A separação da mãe e de outras pessoas significativas cria conflitos e alimenta o desejo da união e de certa “ *fusão*” para anular a distância e a separação, recuperando, assim, a sensação de existir e de ser importante. Vários vínculos afetivos têm relação direta com essa realidade. O namoro, por exemplo, quer anular a distância do tempo e do espaço. O sentimento de *solidão* pode fazer querer uma presença permanente de alguém para assegurar-lhe que está vivo, que é aceito, que pode ser o que realmente é. Todos nós, de alguma forma, nos deparamos com esse forte desejo de união e precisamos fazer um verdadeiro “*trabalho de luto*” para renunciar a querer superar a distância e a diferença entre o meu eu e o eu dos outros. De alguma forma, dentro da caracterização própria, esse medo também está presente na estrutura (psicogênese e psicodinâmica) homossexual, sobretudo se a diferença e a distância são acentuadas pela educação, pela sociedade e pela cultura sob a forma de preconceitos e exclusões. De alguma forma, é quase impossível a dinâmica homossexual livrar-se dessa *solidão* e distanciamento, pois a pessoa mesma – consciente ou inconscientemente – sente e sabe que na base de sua opção está um conflito de aceitação ou não, o que indiretamente indica uma ameaça para a união e uma possibilidade sempre presente de reforçar a rejeição e a separação.

No trabalho clínico e no dia a dia, as manobras para superar diferenças e distâncias na dimensão de pertença ao grupo, da identidade própria..., são bem conhecidas, tais como a avaliação sobre a aceitação, o medo da exclusão do grupo, e outras. Elas envolvem as forças afetivas, cognitivas e comportamentais de diferentes formas.

Constata-se, em geral, grande ansiedade presente nas pessoas que são rejeitadas, que são isoladas. Esse grande medo da rejeição dá-se em todas as pessoas e de tipologias o mais distintas possível. É que, por natureza, as pessoas têm uma

estrutura que naturalmente pressupõe a aceitação, a valorização e a presença das outras pessoas. No caso da homossexualidade, a grande dúvida sobre sua normalidade faz-se presente, se não consciente, inconscientemente. Igualmente se pode perceber grande luta interior, que é um gasto de energia regressiva ou arqueológica voltada ao passado. A superação de todas as formas de rejeição e a aceitação da individualidade e da separação como condição humana permitem utilizar essas energias libertas a favor de uma causa teleológica, finalística. Por isso, mesmo, para a questão da homossexualidade, a superação dos conflitos intrapsíquicos e também sociais vai diminuir a ansiedade, e pode-se esperar um engajamento sadio a favor de causas humanistas ou teocêntricas.

As rejeições pelo gênero podem ter efeitos diferentes nos homens e nas mulheres. Como a sexualidade, especialmente a genitalidade, é um dos traços básicos do homem na construção de sua identidade e autoestima, sua rejeição mais facilmente tem reflexos na sexualidade genital. Mulheres – mais vezes e por diversas razões – podem não se aceitar como mulheres, podem desenvolver alguma característica masculina e sentirem-se inferiores, mas podem não desenvolver uma estrutura lésbica, e a questão sexual pode não ser central. Pelo que se constata, tudo vai depender da compreensão, da interpretação que a pessoa faz dos desejos expressos e inconscientes dos outros em relação a ela e das reações que ela decide estruturar em si para diminuir o medo da rejeição ou da separação.

Em síntese, medos e desejos andam bastante próximos. Em geral, a um medo corresponde um desejo.⁵ Ao medo de rejeição sempre corresponde um desejo de aceitação, ao medo da separação e do isolamento corresponde o desejo de união, a uma lacuna existencial correspondem idealizações compensatórias.

Outros medos: dependência, dominação...

Podemos considerar também outros conflitos ligados à estrutura homossexual. Conflitos diretamente homossexuais, para serem designados como tais, precisam envolver

5. Leloup faz uma lista evolutiva de medos e desejos. Ver: LELOUP, Jean-Yves. *Caminhos da realização*. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 41.

6. Leon Festinger avaliou isso na “teoria da dissonância cognitiva”, chamando a atenção da tendência de solucionar dissonâncias de diversos tipos, podendo, como consequência, resultar uma dimensão regressiva ou progressiva, segundo a orientação que se toma para resolver qualquer tipo de dissonância.

7. Ego-sintônico quer dizer que a pessoa não se sente mal com o conflito, mas o aceita (no caso de doenças físicas ou mesmo psíquicas, fala-se em “crônico”); ego-distônico refere-se à não aceitação da situação, dos sintomas (no caso de doenças, fala-se em “agudo”).

8. HENDIN.
Herber. *The Age of Sensation. A Psychoanalytic Exploration of Youth in the 1970s*. New York: McGraw-Hill, 1977. p. 105ss, sobre “O novo homossexual”. O autor analisa a

bastante a sexualidade genital, e ainda dentro da tipologia já especificada. De alguma forma, é preciso aceitar a plasticidade da sexualidade – e da homossexualidade. Todos sabemos da multifatoriedade presente na integração ou não integração da sexualidade. Conflitos relacionados à agressividade, à inferioridade, à carência afetiva, à identidade, à dominação, aos desafios diante de perigos e diante de tarefas desafiadoras... podem usar a sexualidade para se expressar. Dessa forma, parece que os conflitos da sexualidade e da homossexualidade são sempre segundos e decorrentes, ou seja, não originais nem os primeiros. Seguir o critério de ego-sintônico ou ego-distônico – como alguns autores falam – para avaliar os conflitos da homossexualidade parece ser um caminho um pouco frágil. Considera-se, nesse caso, a dimensão consciente ou mesmo a solução da questão reprimindo alguns aspectos para diminuir a dor.⁶ Às vezes, é preciso realizar uma verdadeira “epoché”, ou seja, colocar entre parênteses o conceito de sintônico ou distônico⁷ para compreender a homossexualidade. Uma coisa é a afirmação consciente, que pode ser ego-sintônica ou ego-distônica; outra coisa é uma avaliação inconsciente da mesma questão. Pelo consciente mais facilmente as pessoas manejam a preservação da autoestima e a aceitação pessoal e social. Hendin⁸ analisou a realidade da juventude americana da década de 1970 e verificou que a questão do sintônico e do distônico não existe na estrutura profunda dos homossexuais, mesmo afirmando serem ego-sintônicos. O que realmente existe é um *conflito interior sobre aceitação*, sofrimento, inadequação, *dúvida sobre aceitação* e fortes traços de ego-distonicidade. Pode e deve haver uma sadia tensão entre o sintônico e o distônico, não apenas nesse caso, mas em todo processo de conhecimento. No entanto, um grande passo para um caminho mais livre consiste em diminuir a ansiedade distônica para encontrar uma boa quantidade de sintonicidade e poder abrir-se a uma maturidade existencial significativa que permita “amar e trabalhar” reconciliado e pacificado.⁹ Isso supõe um itinerário que envolve vários passos. Vários deles são-nos apontados por Paul Ricoeur:¹⁰

a passagem do esquecimento à memória, a compreensão do vivido, a reconciliação e a pacificação.¹¹ A passagem do esquecimento à memória ajuda a identificar a conflitividade: tipo, intensidade e os fatos intervenientes no estabelecimento dos conflitos. Avalia-se a psicogênese. É também o momento de compreender a dinâmica interna como resposta às disposições externas, interpretadas dentro da dialética do amor/desamor. Olha-se a psicodinâmica.¹² Muitas vezes essa passagem abre aspectos inesperados de circunstâncias, de fatos e sugestões que resultam mais tarde em manifestações homossexuais. O árduo, doloroso e demorado trabalho de integração, de “luto”, de separação desses condicionantes requer uma reconciliação consigo e com o contexto. Dessa reconciliação pode-se chegar a uma pacificação, não resultante de repressão, mas de processos humanizantes. Isso facilita a solução de conflitos nos aspectos em questão.

Oversey¹³ aborda três tipos de homossexualidade: a homossexualidade aberta, a pseudo-homossexualidade e o medo da homossexualidade. Cada uma tem seus conflitos específicos. A própria distinção ajuda na identificação dos conflitos. Oversey olha a forma de presença de três variáveis: a dependência afetiva, o poder e a gratificação sexual como tal. Claro, ainda faltaria considerar a intensidade, a gravidade dessas variáveis e sua repercussão no dia a dia quanto à autoestima, à consecução dos objetivos na vida, à capacidade de fidelidade a seu estado de vida, sua repercussão nos relacionamentos sociais, até mesmo no trabalho. Essa descrição fenomenológica ainda não explica a dinâmica inconsciente presente. Contudo, ao menos permite abrir o leque de compreensão desse complexo fenômeno. Apenas na homossexualidade a motivação sexual é a principal. A busca de satisfação desse desejo torna-se intensa e transforma-se em objeto de desejo. A dinâmica subjacente pode ser complexa, e a pessoa pode não querer abrir mão do modelo aprendido, pois custou-lhe muito assumi-lo e teria de reconhecer ter-se equivocado em corresponder às expectativas de outros em vez de seguir a verdade que ele percebia em si mesmo. Às vezes, nessa atração há uma

liberdade sexual e outros aspectos na juventude americana. Constatou que – já que existem pouco compromisso e envolvimento emocional – desapareceu a confiança. E a confiança é a base de toda a vida social... Só com confiança presente nos relacionamentos pode-se prever um compromisso de crescimento. A confiança só é possível se vejo no outro um empenho em algo absoluto, de uma religião.

9. Freud classificou a pessoa adulta como aquela que é capaz de amar e trabalhar. Ricoeur fala da importância da reconciliação e da pacificação, especialmente considerando a memória.

10. RICOEUR, P. *La mémoire, l'histoire, l'oubli*. Paris: Éd. du Seuil, 2000. Tradução italiana de D. Iannotta, *La memoria, la storia, l'oblio* (Milano: Raffaello Cortina Editore, 2003).

história de homossexualidade que vem de várias gerações e transforma-se numa predisposição que pareceria até atingir sua predisposição biológica. Essa variável refere-se a uma estrutura homossexual e não inclui fatos esporádicos não desejados da infância ou em circunstâncias de alta presença de ansiedade social ou de repressão.

Na pseudo-homossexualidade, a motivação relaciona-se mais com a dependência afetiva e com o poder como busca de vínculo com outra pessoa. A gratificação sexual é secundária, ainda que presente. A pessoa vai à busca de uma pessoa que se mostra como capaz de gratificar as lacunas afetivas. É o caso possível quando o pai é exageradamente rígido, ou inexpressivo, ou ausente, dificultando uma adequada identificação: o homem pode querer um pai compreensivo e que o oriente e lhe dê segurança e confiança. A mulher também pode sentir medo do pai, ou desinteressar-se pelo homem olhando a forma do significado da presença masculina, representada por seu pai. Pode também suceder algo similar em relação à mãe. Uma mãe demasiado submissa, ou demasiado exigente e distante, pode desencorajar o homem de procurar uma mulher por medos ou por desencorajar. A mulher pode procurar uma mãe mais acolhedora.

Observe-se que, em geral, há certa tendência a que os homens sigam bastante a forma de ser do pai e as mulheres, a forma de ser da mãe. Em alguns casos, essa é uma experiência que vem de geração em geração. Em síntese, nesse caso, o conflito não é em si homossexual, mas relacional e de identificação com a figura masculina (pai) e/ou feminina (mãe). Recordemos novamente que o adulto serve de modelo e, em geral, dele aprendemos nossos padrões e valores sobre o comportamento, incluindo o sexual. Nesse caso incluem-se também abusos sexuais homo ou heterossexuais que estão presentes na memória afetiva e predisõem respostas identificatórias. Se há abusos sexuais, a criança – mesmo rejeitando – capta também uma mensagem: a de que é algo importante para o adulto, portanto desejável. Pode ser que um dia ela queira repetir essa experiência. A falta de pessoas com as quais se identificar de forma adequada pode

11. Em outro lugar tive ocasião de desenvolver bem estes passos, sobretudo aplicados à formação na Vida Religiosa Consagrada, bem como o caminho e o processo terapêutico.

12. Não podemos modificar a psicogênese, mas podemos modificar a psicodinâmica dela decorrente.

13. OVERSEY, L. *Homosexuality and Pseudohomosexuality*. New York: Science House, 1969. p. 28-31.

favorecer esse tipo de realidade. Hoje a ausência de um ou dos dois pais pode favorecer tal reação. As pessoas precisam sentir-se seguras, aceitas e “cuidadas” no seu processo de crescimento e de identificação.

Há também pessoas que têm medo de ser homossexuais, mesmo não sentindo atração ou mesmo sem nunca terem tido experiência homossexual. Às vezes, experiências de certo estágio de desenvolvimento ou de estado de ânimo depressivo provocam desinteresse por pessoas do sexo diferente e, assim, a pessoa pode fantasiar ser homossexual. Mas nesse caso trata-se de um conflito psíquico que entra na avaliação de seu grau de desorganização e classificação diferente.

A psicanálise viu a importância da identificação com a figura materna e paterna. A figura materna como símbolo do processo de união, o pai como presença da diferença e da separação. A forma pedagógica dessa presença tem sua importância na questão homossexual. O narcisismo situa-se nesse caminho intermediário.¹⁴ Além de significar um traço cultural de nosso tempo,¹⁵ também significa um conflito que impede a verdadeira alteridade e o crescimento.

Retomando: mesmo nos casos citados, vale novamente avaliar os medos mais profundos de rejeição, de solidão, de busca de aceitação e valorização... e os respectivos desejos de aceitação, valorização e união.

Atitudes decorrentes: desconfiança, hipersensibilidade, vulnerabilidade

Com certa frequência encontramos esta trilogia ligada à homossexualidade: desconfiança, hipersensibilidade, vulnerabilidade. Ela está presente não apenas na homossexualidade, mas em toda pessoa que está marcada por fortes experiências de desamor, isto é, de rejeição, de isolamento, de agressividade, de exclusão, seja no nível físico, seja no psíquico, seja no espiritual, e em qualquer das três potencialidades (afeto, inteligência, vontade). O tipo dessas influências pode caracterizar mais uma ou outra dessas atitudes, ou,

14. Para uma compreensão desse aspecto, além da literatura psicanalítica em geral, convém ter presente o estudo significativo de Carlos Domínguez MORANO *Los registros del deseo. Del afecto, el amor y otras pasiones* (Bilbao: Desclée de Brouwer, 2001 – sobretudo p.

145-208: Un amor diferente: la homosexualidad; Vida y muerte de Narciso).

15. Também é útil, neste contexto: LASCH, Christopher. *A cultura do narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1983.

ainda, outras. As pessoas amam na medida em que foram amadas ou conforme elaboraram esta questão. Diante do desamor, em geral desenvolvem diferentes formas de autoagressão ou desvalorização, agressão a outros em suas formas mais diretas ou indiretas, ou, ainda, procuram compensar o desamor. Tudo isso se expressa em sua dimensão física, psíquica e espiritual e repercute também no afeto, na inteligência e na qualidade das decisões a tomar, segundo os valores assumidos.

Por vezes, essas dinâmicas foram constatadas em certas patologias, especialmente na paranoia, razão pela qual se tem feito alguma relação com esta forma estrutural da personalidade, e mesmo incluindo facilmente qualquer manifestação homossexual no quadro das patologias. Não se podem confundir tais coisas. Cada situação tem sua causa e sua psicogênese. Quando o medo da rejeição é intenso devido a experiências vividas, as ameaças são transferidas às situações de hoje e às pessoas de outros momentos. O medo de reforçar os ferimentos anteriores pode intensificar os medos e as desconfianças. Há pessoas que vivem uma intensa desconfiança, oriunda, por vezes, especialmente de um dos genitores, e podem, em consequência, desenvolver comportamentos de pseudo-homossexualidade, ou mesmo homossexualidade. A reconquista da confiança é um caminho árduo e longo, mas importante para superar conflitos, sintomas e estruturas, incluindo a homossexual.

Uma pessoa muito ferida em sua autoestima, especialmente derivante de sua identidade de gênero, pode desenvolver uma hipersensibilidade nessa área e em outras para evitar ataques. Sua intuição, sua sensibilidade captam facilmente as intenções dos outros. Muitos chamados “sensitivos” são desse grupo. A constante é um ferimento na autoestima, a tal ponto que suas energias são usadas para defender-se, não lhes permitindo estabelecer uma separação ótima entre seu eu e o eu dos outros, ou seja, entre o eu e o mundo externo. Na dinâmica homossexual, tal hipersensibilidade está bastante presente. O conhecimento das causas e a recuperação da autêntica autoestima vão diminuir esse medo e essa

sensibilidade. Aumentando a aceitação, diminui a rejeição, e a capacidade de “trabalhar e amar” torna-se uma possibilidade maior. Diminuindo a sensibilidade, a pessoa precisa também abrir mão dos ganhos secundários decorrentes dessa sensibilidade, ou seja, dessa facilidade em captar até mesmo o interior das outras pessoas.

A vulnerabilidade desenvolve uma vigilância, especialmente negativa e preconceituosa, diante dos relacionamentos. Medos de rejeição e de solidão aguçam dinâmicas de vigilância e de observação que gastam muita energia que poderia ser disponibilizada para o crescimento. Não é difícil compreender que todas as pessoas com fragilidade de autoestima, sobretudo num ambiente adverso, desenvolvam essa vigilância para proteger a estrutura vulnerável presente, construída ao longo da vida. Pode-se, também, compreender bem que a sexualidade constitui-se um desses campos frágeis nos quais repercutem a valorização e a autoestima. Precisamos, contudo, garantir um mínimo de aceitação da pessoa em sua dignidade como tal para que ela possa viver sem tanta ansiedade e medo, e possa viver com sentido as opções que fez, e segui-las com uma maturidade cada vez maior, superando traços conflitivos.

O homossexual pode casar ou pode ser religioso(a)?

Esta é uma questão prática sobre a qual apenas acenarei algumas ideias. Partindo de estudos feitos,¹⁶ pode-se concluir que a conflitividade entre os homossexuais e entre os heterossexuais não apresenta diferença significativa. Muitos conflitos ligados à homossexualidade estão mais diretamente ligados a conflitos intrapsíquicos. Ademais, as narrativas sobre o tema em geral vêm-nos de análises clínicas, as quais têm acesso a um número bastante reduzido de casos, e não são consideradas outras realidades diferentes. Convém também ressaltar que hoje a sexualidade está bastante desvinculada da procriação. Grande dose de preconceitos está ligada à dificuldade de aceitar o prazer em si, julgando-o negativo,

16. Ver os comentários sobre os mesmos em MORANO, *Los registros del deseo. Del afecto, el amor y otras pasiones*, p. 151-153.

quando ele apenas é o resultado de algum tipo de ação ou realidade de sentido de vida. Todos precisamos encontrar uma forma de satisfação e de prazer na vida. Contudo, tal prazer pode vir de processos regressivos ou progressivos. Precisamos sentir satisfação em realizar bem o que convém realizar. É preciso experimentar que é melhor ser bom do que não o ser, e sentir gosto pelo que fazemos e somos.

Outra questão seria: com toda esta realidade nova que aparece neste nosso mundo atual, com tanta pesquisa em vários campos do comportamento humano, qual seria mesmo a finalidade do casamento? Não seria, por vezes, a força biológica que condiciona certos relacionamentos, em detrimento de tantos outros aspectos do agir humano? Quem teria capacidade de viver o casamento maduramente? Certamente precisamos estar atentos a transformações na compreensão do significado e da estruturação do casamento. A capacidade de amar não está diretamente relacionada com o casamento. Estudos mostram que cerca de 60 a 70% das pessoas nunca chegam a uma maturidade desejada para assumir com responsabilidade e liberdade a vida, especialmente a vida a dois. A isso se acrescenta a tendência de as mulheres escolherem – para maridos – homens parecidos com seus pais, e homens escolherem – para esposas – mulheres parecidas com suas mães. Fica a pergunta: como crescer para a maturidade nessas tendências à repetição, mesmo sendo relativizadas por outros fatores? Algo semelhante poder-se-ia falar sobre a escolha pela Vida Religiosa. A imaturidade também se faz sentir ali. Então, a questão não está em saber se os homossexuais podem casar e se é possível a opção pelo casamento ou pela Vida Religiosa. A questão está em ver o grau de maturidade e liberdade presente quando as pessoas fazem suas escolhas. Evidentemente, há escolhas que em si mesmas facilitam a suposição da presença de maturidade ou imaturidade. Mas conclusões apressadas sempre foram frágeis em certos temas. O ideal a alcançar é o da *libertação de imaturidades* que dificultam fazer opções existenciais maduras para usar uma *liberdade para* a autotranscendência no amor, amor como dom, como gratuidade, como Reino.

Hoje é preciso ajudar as pessoas a poderem assumir compromissos com liberdade. Nesse sentido, uma ajuda não pode simplesmente legitimar imaturidades, tampouco permanecer numa atitude crítica negativa, mas é preciso que ajude as pessoas a serem livres e capazes de fidelidade. Isso supõe a superação mínima dos conflitos internos dos envolvidos. A isso se acresce uma cultura de respeito e de ajuda. É o que se precisa empreender.

Assim, antes de perguntar sobre a possibilidade de casar ou ser religioso(a), é preciso que aconteçam duas coisas importantes: a) tornar a pessoa muito livre e integrada – com a superação de seus conflitos intrapsíquicos, sobretudo daqueles ligados aos medos fundamentais de rejeição e solidão; b) saber qual forma de amar – particular ou universal – é da vontade de Deus em relação à pessoa, e ajudá-la a amar verdadeiramente. As consequências dessa capacidade de amar incidem diretamente na questão de manter ou não a estrutura homossexual. Não vejo uma pessoa profundamente livre, integrada e adulta mantendo uma estrutura homossexual. A recusa a uma análise dessa estrutura – a qual inclui a psicogênese e a psicodinâmica – indica recusa de crescimento e de eficácia apostólica, o que compromete qualitativamente o empenho vocacional. Essas duas questões se aplicam a qualquer estrutura heterossexual, para os que desejam casar ou seguir a Vida Religiosa.

Sintetizando e concluindo

Os conflitos da estrutura homossexual são semelhantes aos conflitos intrapsíquicos de outras pessoas que não são homossexuais, mas com alguma especificidade. Na homossexualidade, a variável sexual e uma identidade de gênero são mais centrais. É preciso pensar na maior ou menor centralidade¹⁷ dos conflitos.

Na formação, portanto, não se trata, em primeiro lugar, de saber se uma pessoa com estrutura homossexual pode ser aceita ou não, mas se existe uma estrutura de acompanhamento que possa ajudar a tornar as pessoas livres,

17. A centralidade, segundo Rulla, deriva de alguns aspectos: grau de conflito (sempre, quase sempre, muitas vezes, quase nunca presente no dia a dia), número e tipo de necessidades dissonantes que atuam na pessoa, é central para atingir os objetivos propostos para a vida, colocação dos mecanismos de defesa nesta questão.

ajudando-as a ter acesso às causas de suas dinâmicas, bem como a superá-las para formas mais maduras. Em segundo lugar, é importante que haja um clima que garanta que as pessoas assumam o processo de crescimento. A não aceitação do processo de crescimento, tanto para a estrutura homossexual como para outras, pode levantar questionamentos sobre a aceitação ou não de sua condição, pois influi muito na capacidade de viver de forma livre expressa na satisfação pessoal, na capacidade de viver em comunidade e na gratuidade e eficácia apostólica. É importante que a cultura da não discriminação e a cultura da responsabilidade moral de crescimento sejam assumidas tanto pela Instituição quanto pelas pessoas que a integram ou pretendam integrá-la.

Todos reagimos diante do desamor. Quanto mais intensa é a experiência de desamor, maior o medo da rejeição com suas diferentes formas, e maior o medo da solidão ou de ser deixado de lado. A busca de ser aceito, valorizado, reconhecido e amado expressa os grandes desejos humanos, os quais repercutem em manifestações de agressividade, de compensações e outras. Disso decorrem certas sensibilidades e medos, projetados também em outros aspectos da vida, até mesmo em opções existenciais mais amplas. Essas características também podem ser encontradas em homossexuais.

Há outros processos humanos diferentes da homossexualidade, alguns intensamente patológicos, que são também graves, ou até mais graves, que precisam de grande atenção, dentre os quais podemos citar, por exemplo, tendências ao suicídio, atentados diretos contra a própria vida e a vida de outros, profundos estados depressivos e assim por diante.

O desafio consiste, entre outros aspectos, em superar certos preconceitos e posicionamentos um tanto superficiais sobre a homossexualidade e analisar a estrutura psíquica profunda subjacente. Convém encontrar os melhores conteúdos e processos para ajudar essas pessoas a viverem com menos ansiedade, a compreenderem sua história, a reconciliarem-se consigo mesmas, a fazerem opções mais livres por causas adultas e responsáveis, dentro do respectivo estado de vida. Esse desafio precisa ser encarado por todas

as Instituições e todas as pessoas envolvidas. Não se pode, hoje, renunciar e prescindir de uma ajuda profunda a todos como processo de acompanhamento que atinge todas as variáveis antropológicas.¹⁸

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Quando se repudia a discriminação dos homossexuais e de outras pessoas é porque em dignidade humana todos somos iguais. Quais são os preconceitos que ainda existem em nós e em nossa Comunidade religiosa?
2. Todos sonhamos com a superação da distância e da diferença. De que forma estamos tratando os(as) homossexuais em nossa pastoral?
3. Na formação, não se trata, em primeiro lugar, de saber se uma pessoa com estrutura homossexual pode ser aceita ou não, mas se existe uma estrutura de acompanhamento que possa ajudar a tornar as pessoas livres. Nossas Casas de Formação estão preparadas para isso?

18. Sobre o processo de acompanhamento, ver: DULLIUS, Paulo. *Convergência* 419 (mar. 2009) 147-157.

A importância da Pastoral na Formação

ROMERO JOSÉ DA SILVA*

MANOEL GODOY**

Ao falar de Pastoral, está-se falando de uma palavra que atualmente está na moda, logo imagina-se uma porção de técnicas e atividades. A palavra “Pastoral” é, pois, quase mágica, remete-nos a coisas extraordinárias. Mas, ao aprofundar a questão, vê-se que Pastoral é uma realidade muito séria; o ponto de partida é um profundo e puro ato de fé que conduz sempre à figura do Pastor, do Bom Pastor que é Cristo, que, por sua vez, deve remeter ao cuidado, ao acolhimento e, sobretudo, à ação amorosa e responsável com os envolvidos na dinâmica do serviço.

Fazer Pastoral não é uma ação isolada, sem vinculação: é procurar atingir, de alguma forma, o mais íntimo da pessoa e dos grupos. Para isso, há que desenvolver habilidade e equilíbrio interior para uma boa condução do serviço prestado, uma vez que supõe tempo de escuta, de proposição e de acompanhamento. Não é só realizar eventos, cursos ou empreendimentos pontuais. Fazer Pastoral é acompanhar os grupos, as comunidades em seu dia a dia, de fase em fase, como agente que secunda a ação de Cristo. É uma atividade séria, muito séria, e precisa de agentes que vivam uma verdadeira espiritualidade. Percebe-se, então, a importância da Pastoral na Formação integral da pessoa, quando é levada a sério e bem articulada ao processo formativo. Nessa perspectiva, nota-se que o seguimento de Jesus é fruto de uma fascinação que responde ao desejo de vida plena. Ninguém faz Pastoral sem impulso que venha de dentro.

* **Irmão Romero José da Silva** é pós-graduando em Teologia (curso de Formadores e Formadoras da Vida Religiosa) pelo Instituto Santo Tomás de Aquino (ISTA), Belo Horizonte-MG. **Endereço do autor:** Rua Itutinga, 300, Bairro Minas Brasil, CEP 30535-640, Belo Horizonte-MG.

** **Padre Manoel Godoy** é professor orientador.

A Ação Pastoral afeta todos os âmbitos da vida social, dinamiza a vida da sociedade e, ao mesmo tempo, põe-se a serviço desta: “Nem todo aquele que me diz: ‘Senhor! Senhor!’, entrará no Reino dos Céus, mas só aquele que põe em prática a vontade de meu Pai que está nos céus” (Mt 7,21). A vontade do Pai, nós a conhecemos: é amar o próximo em ações e não só em palavras. Dizer “Senhor! Senhor!” é o que nós fazemos sem cessar nas nossas orações e liturgias. Tudo isso terá sentido se levar ao agir concreto, e para isso é preciso sólida vida espiritual dos agentes, sem a qual a Igreja não será mais do que uma empresa de serviços religiosos. Segundo Karl Rahner, “o cristão de amanhã ou será místico, ou não será cristão”. Nessa direção, emerge a seguinte questão: os agentes não são meros “tocadores” de obras “religiosas”, são pessoas que fazem uma profunda experiência de Cristo na Igreja. A partir disso temos um novo jeito de ser cristão: colocar-se a serviço da *comunidade cristã*, efetivar o processo de saída, ou seja, sair de si mesmo e colocar-se a caminho a serviço dos outros. Para isso se faz necessária uma abertura de espírito para acolher o outro como irmão e irmã e caminharem juntos na construção da fraternidade.

Dessa maneira, o amor deve ser o sentido fundamental de tudo que se propõe fazer e realizar. Como diz São Paulo: “Mesmo que tenha o dom da profecia, o saber de todos os mistérios e de todo o conhecimento, mesmo que tenha a fé mais total, a que transporta montanhas, se me falta o amor, nada sou” (cf. 1Cor 13,2). Em outras palavras, pode-se dizer: ainda que fosse o maior místico, o maior teólogo, a pessoa mais religiosa, ainda que dedicasse toda a minha vida à oração e tivesse a maior fé do mundo, se não tivesse a caridade eu nada seria. O verdadeiro amor a Deus é o amor ao próximo, não há outra maneira de amar verdadeiramente a Deus. O próximo a gente pode ver, a Deus ninguém vê. O amor é corporal, não é feito de atos puramente espirituais.

Contexto e desafios pastorais

A Igreja no Brasil conheceu ampla renovação pastoral após o Concílio Vaticano II, que serviu de inspiração para uma

renovada presença na sociedade, confortada também pelas Conferências Episcopais Latino-Americanas de Medellín, Puebla e Santo Domingo. Podemos enumerar rapidamente algumas das iniciativas mais significativas desse período: a reforma litúrgica; a valorização de formas de piedade mais articuladas com a liturgia e a piedade popular da Igreja; a difusão da Bíblia e a multiplicação dos círculos bíblicos, sementes de Comunidades Eclesiais de Base; a criação de novos ministérios e a multiplicação dos agentes de Pastoral, especialmente na área catequética e social; a dinamização da Pastoral Vocacional, com a superação da fase mais crítica dos Seminários e Casas de Formação desde o final da década de 1970; a extensão da Ação Pastoral a categorias e ambientes até então pouco assistidos (índios, negros, posseiros, pescadores, menores abandonados, mulheres marginalizadas, famílias incompletas...); a articulação da Pastoral de Conjunto e o Planejamento Pastoral; a defesa dos Direitos Humanos, mesmo a preço de grandes sacrifícios e do risco de vida; a promoção de muitos organismos de participação e corresponsabilidade; a solidariedade entre Igrejas irmãs; os novos empreendimentos missionários; o ensinamento episcopal, com pronunciamentos oportunos sobre os grandes temas nacionais.

Esse quadro, do recente passado, no conjunto fortemente positivo, não deve esconder as fraquezas do presente e, principalmente, os desafios do futuro. As transformações recentes da sociedade não deixaram de repercutir no interior da Igreja e do povo cristão: a fragmentação, o pluralismo e o subjetivismo penetraram também na Pastoral; visões diferentes da eclesiologia trazidas às vezes por algumas Pastorais ou movimentos transnacionais que não conheceram a experiência Pastoral brasileira provocaram polarizações e conflitos e poderão ajudar na reflexão sobre e a motivar o enfrentamento de novas situações emergentes.

Nos últimos anos, outras dificuldades surgiram no interior de experiências bem-sucedidas, que começam a revelar-se menos preparadas às novas condições sociais e culturais. Existem tendências divergentes na sociedade e no âmbito

religioso: individualismo de um lado e rivalidades do outro. O contínuo e generalizado empobrecimento espiritual criou outras dificuldades, tornando mais árduo o trabalho dos *ministros* e *agentes*, cujo número não acompanhou proporcionalmente o aumento da população.

A partir dessa realidade considerada, constata-se a “complexidade da relação entre Formação presbiteral e o diálogo entre Igrejas e religiões. Em poucos ambientes o diálogo é compreendido positivamente por formadores, por formandos e pelos que já estão ordenados” (Wolff, 2004, p. 20), o que pode favorecer a predominância de atitudes negativas e, em alguns casos, de hostilidade, vindo a tornar-se o horizonte comum do comportamento nas Casas de Formação e na prática Pastoral dos ministros ordenados. Para que se evite isso, é fundamental a sensibilidade para o diálogo de quem trabalha na Formação.

O desafio primeiro na Formação para o diálogo é ter formadores(as) conscientes dessa necessidade, desenvolvendo, consequentemente, atitudes que explicitem sua convicção ecumênica. Isso exige a tomada de posições concretas em algumas direções. Em relação aos vocacionados: ajudar no desenvolvimento de convicções sobre o diálogo como algo constitutivo da sua identidade cristã e eclesial; em relação às Igrejas e religiões: conhecer sua história e doutrina, conhecer o seu significado na vida da sociedade atual, compreender que a realidade do pluralismo eclesial e religioso produz efeitos na vida dos vocacionados.

A percepção dos novos desafios expressa-se particularmente na formulação das Diretrizes Gerais da Ação Pastoral (DGAP) de 1991-1994. Antes de tudo, percebe-se que, em face de uma sociedade complexa, também a ação da Igreja deve necessariamente diversificar-se. Contudo, para evitar o perigo real da fragmentação e da dispersão, é necessário, ao mesmo tempo, melhorar os instrumentos de comunicação e de articulação da Ação Pastoral e da vida eclesial. As novas exigências não encontrarão resposta sem a atuação de novos sujeitos ou agentes. Uma teologia reflexiva e clara e o número dos presbíteros não permitem pensar numa



Ação Pastoral centrada exclusivamente na atuação do *ministério presbiteral*. Além disso, as próprias características da sociedade moderna exigem uma atuação cristã e apostólica no coração do mundo, nos centros nevrálgicos da sociedade, por parte dos fiéis leigos. O papel do presbítero e do(a) religioso(a) tenderá, portanto, a modificar-se em sua atuação concreta, exatamente para que possam realizar mais plenamente a missão que Cristo lhes confiou. Os leigos deverão assumir seriamente o protagonismo que o *Documento de Santo Domingo* lhes atribui e espera ver efetivado em curto espaço de tempo.

Fica evidente que a interação com os desafios e dificuldades diárias encontrados no interior da Pastoral, quando levada a sério, possibilita aos agentes o crescimento, o autoconhecimento, a maturidade, o respeito, a escuta, o partilhar das experiências.

Diante desse contexto, percebe-se que a exigência mais clara do fim da Pastoral da Formação dos futuros presbíteros e religiosos(as) é que ela se faça na proximidade de Cristo Pastor e, ao mesmo tempo, na proximidade do povo e de suas realidades, a quem os pastores e os(as) consagrados(as), a exemplo de Cristo, têm de servir. Nesse serviço Pastoral, aceitam como confiados a si, de modo particular, os pobres e mais humildes, aos quais o próprio Senhor se associou, sendo a evangelização dos pobres dada como sinal da obra messiânica (*PO*, n. 6, 1157, p. 448). Portanto, a valorização da prática Pastoral na Formação deve ser uma constante nos projetos dos Seminários, das Casas Formativas e do ensino teológico, fazendo dela mais explicitamente elemento integrante do processo global da Formação.

Definindo o termo e suas implicações

Depois de algumas considerações mais gerais acerca da Pastoral, de como ela deve ser visualizada e refletida no contexto de Formação de pessoas e de grupos, serão tecidas algumas palavras para tentar responder à seguinte questão: O que é mesmo Pastoral?

Etimologicamente, o termo “Pastoral” deriva de pastor. No início de seu uso (finais do século XVIII e princípios do século XIX) referia-se basicamente à doutrina e prática de formar pastores (presbíteros), e ao modo de realizar o ofício da *cura animarum* (cuidado das almas) próprio do pároco. A partir daí, este conceito foi evoluindo, ganhando grande variedade de significados, alguns reducionistas, outros ambíguos ou mesmo errôneos (Fuentes, 2008, p. 19).

Fuentes (2008, p. 20) considera que Pastoral é o *ministério* da Igreja, Povo de Deus, sob o impulso do Espírito Santo, que atualiza a práxis evangelizadora de Jesus, voltada para a autoedificação dela mesma e para expansão do Reino de Deus no mundo. Nesse sentido, é o *ministério* o grande serviço pelo qual a Igreja, diaconal por natureza, expressa-se como comunidade de servidores, convertendo-se em sinal daquele que veio não para ser servido, mas para servir (cf. Mc 10,45). Aqui, pode-se também vislumbrar a ação de todo o Povo de Deus, não sendo exclusivo da hierarquia, mas de todos os membros da comunidade crente, cada qual a partir de seus carismas e vocação específica, por meio de sua cooperação livre e responsável, na resposta à comunhão e ao serviço, na edificação da fé.

Também segundo os estudos da CNBB (2002, p. 62), a palavra “Pastoral” associa-se à ideia do Pastor, metáfora que Jesus usou de forma privilegiada em suas parábolas para definir as relações entre ele e sua primeira comunidade e a Igreja de todos os tempos. Toda Pastoral da Igreja é reprodução e perpetuação da Ação Pastoral de Jesus Cristo. Ele é o modelo perfeito de Pastor. Para Libanio (1982, p. 37), “a Pastoral concebe-se fundamentalmente como uma ação religiosa e exclui de seu âmbito práticas que pareçam afastar-se do campo do ensinamento da doutrina e do exercício das virtudes, da piedade dos atos de culto, do cumprimento das obrigações religiosas e morais”.

Nessa perspectiva, Boff (1987, p. 17) afirma que o contato orgânico com o povo, longe de ser um obstáculo, é antes uma mediação educativa privilegiada na Formação para a

Vida Religiosa. Nessa direção, a Pastoral ajuda a trabalhar com situações adversas, aceitando as mudanças em situação favorável e, ainda, ajuda a abrir os olhos para a realidade, para novas leituras, para ter senso crítico da situação presente e para tomar posição, uma nova atitude compromissada com a justiça.

A dimensão Pastoral, assim, dá-se no ser irmão uns dos outros. Todos devem ser irmãos uns dos outros (cf. Mt 23,8-9), ajudando-se mutuamente no caminho em direção a Jesus. Dessa forma, o serviço consistiria em escutar juntos e em procurar juntos a vontade de Deus. Fazer Pastoral é estar em diálogo com as pessoas, partindo de uma atitude de escutar, amar e acreditar. É proporcionar uma colheita farta, abundante, não entendendo a palavra colheita como rendimento e o resultado palpável, mas o trabalho fecundo que convém realizar.

A Pastoral aponta valores que vão permear a ação, na sua intensidade: vida em comum, confiança, esperança e amor compartilhados. Então, uma verdadeira Pastoral deve sempre trazer em seu bojo a comunhão de vida e fé. A pessoa, na Pastoral, passa por um processo dinâmico de mão dupla, pelo qual ela ajuda e é ajudada, ensina e aprende, doa e recebe. As práticas têm, assim, duplo caráter: são práticas sociais, políticas, no sentido mais amplo do termo; e práticas de uma Instituição religiosa (Libanio, 1982, p. 136).

Ao falar em práticas pastorais, indiretamente está-se também falando do agente de Pastoral. O que vem a ser um agente de Pastoral? A palavra “agente” vem do latim *agens* e significa “o que faz, o que conduz, guia, põe em movimento”. Em seu sentido mais amplo, “agente” é a pessoa que trabalha em prol de outra ou que tem sob sua orientação a disponibilidade e empenho para coordenar e animar a vida Pastoral. Portanto, agente de Pastoral é todo membro da Igreja, sacerdote, religioso(a), leigo(a), a quem são designadas tarefas ou funções específicas, voltadas à realização do ministério pastoral da Igreja.

O papel do agente é aproximar-se dos conflitos sociais com um olhar religioso, ético, para captar-lhes a estrutura, a

origem, a causa, a maneira de superá-los. Outra prática inerente ao agente é cuidar da doutrina correta, da ortodoxia, de um lado, e, de outro, convocar as pessoas à conversão pessoal, procurando, então, valorizar a doutrina e o exercício das virtudes, recorrendo aos meios espirituais de que a Igreja dispõe. O agente deve ser também um mediador que esteja sempre atento às necessidades do(a) outro(a). Nos dias atuais, as pessoas necessitam de alguém que tenha tempo para elas, que se interesse por elas, que as escute e que lhes transmita bondade e amabilidade. Enfim, de homens e mulheres de Deus.

É importante ressaltar que, durante o *ministério* Pastoral, não se trata apenas de conhecer os valores definitivos, mas de vivê-los e de um aproveitamento e vivência desses valores na própria vida. Jesus disse:

Em verdade, eu vos digo, não haverá ninguém que tenha deixado casa, irmãos, irmãs, mãe, pai, filhos ou campos por minha causa e por causa do Evangelho, e não receba ao cêntuplo agora, no tempo presente, casas, irmãos, irmãs, mães, filhos e campos, com perseguições, e no mundo futuro a vida eterna. Muitos primeiros serão últimos e os últimos serão os primeiros (cf. Mc 10, 29-31).

Essas palavras ajudarão o agente a levar a sério a dignidade e a liberdade de cada pessoa humana, respeitando-a, considerando-a e valorizando-a como a um igual, como dom de Deus, juntamente com ele, na caminhada e na construção da vida plena. Por isso, faz-se necessário, na Pastoral, estar imbuído de uma atitude de diálogo em que o agente tome a sério o outro como pessoa com sua própria filosofia de vida.

A experiência Pastoral, portanto, oferece elementos que ajudam na maturidade humano-afetiva e espiritual dos formandos (CNBB, 2002, p. 143-144). Aos poucos, a Pastoral vai-se tornando o eixo integrador de todo o processo de Formação, e podemos elencar três componentes essenciais do *ministério* Pastoral: *práxis, reflexão e mística*. Instrumentos possibilitadores que vão dar a direção ao serviço pastoral

com qualidade, eficiência e responsabilidade, repercutindo na vida do(a) formando(a).

A práxis constitui o conjunto de atividades concretas, tarefas ou serviços que a comunidade eclesial e cada agente de Pastoral realiza em favor das pessoas, comunidades, grupos, instituições, organizações, cooperativas, segundo sua vocação específica e os carismas que Deus lhes tenha outorgado. Tudo isso deve ser orientado ao objetivo comum: implantação do Reino de Deus.

A reflexão diz respeito à teoria que sustenta a ação, mediante princípios científicos surgidos tanto das ciências teológicas como das ciências humanas, que vão fornecer parâmetros para conduzir e ampliar a reflexão no âmbito da ação, bem como da investigação e do estudo acerca da mesma ação e da realidade existente. Isso significa, então, dizer que a Pastoral, além de ser ação, é também uma tarefa de estudo e reflexão contínua.

Por último, a espiritualidade ou mística constitui a “alma da Pastoral”, é o motor que impulsiona e dinamiza todo o *ministério* eclesial. É a construção de uma caminhada de afeto e amor àquilo que é mais sagrado, o ser humano. Lida-se com pessoas em suas necessidades, com seus conflitos e crises. Assumir esse elemento como constitutivo do *ministério* é um imperativo Pastoral de primeira ordem. Fuentes (2008, p. 43), lembrando São Paulo, diz que *Pastor* é um homem em cujo coração, mente, ossos e sangue Jesus entrou. Ele respira Jesus, pensa e sente por meio do filtro Jesus. Pode-se dizer que a espiritualidade Pastoral é o conjunto de convicções de fé, motivações, opções, atitudes e valores que animam todo agente de Pastoral no desempenho de seu trabalho e o capacitam a vivê-lo como experiência de Deus e realizá-lo no espírito de Jesus Bom Pastor.

Elementos fundantes na caminhada pastoral

É possível ressaltar algumas perspectivas para uma espiritualidade Pastoral, na conjuntura atual, que explicitarão elementos fundantes para a efetivação de uma ação com

qualidade, dando repostas aos desafios existentes: uma espiritualidade da esperança pascal e da confiança; uma espiritualidade da fidelidade; uma espiritualidade do serviço oculto; uma espiritualidade do fazer sossegado (não do ativismo); uma espiritualidade do essencial e da interioridade (não das aparências nem de sentimentalismos); uma espiritualidade do amor à cruz; uma espiritualidade da comunhão e uma espiritualidade reinocêntrica.

Mas, de outro lado, existem os riscos, os obstáculos, as tentações na vida da Pastoral, que, se levadas a fundo, desandam toda a ação, seja ela qual for: o idealismo ingênuo, o espetacularismo, a instalação, o fundamentalismo, o despotismo, a centralização, o egoísmo, o individualismo, a inveja, o ciúme e o sectarismo, dentre outros. Esses são, portanto, antivaleores que minam a vida Pastoral, deixando-a sem forças, sem vida, sem ânimo para continuar sua missão, aquém de uma caminhada, de um processo de construção que prima pelas dimensões da solidariedade e fraternidade. Portanto, todo agente de Pastoral, sendo um evangelizador verdadeiro, deve ser: testemunha fiel de Cristo; cheio do Espírito Santo; amigo(a) de Deus, sendo pessoa orante e amigo(a) de todos os homens e mulheres, sendo instrumento de comunhão e paz, transmitindo o Evangelho com alegria, na liberdade de espírito, valentia, confiança e entusiasmo incontidos.

A Formação especificamente Pastoral, como toda dimensão da Pastoral, comporta um aspecto teórico e um aspecto prático, vivencial. O estudo da Teologia Pastoral alcançará sua plenitude no curso teológico, que deverá ser precedido por uma iniciação à reflexão, na medida em que o(a) formando(a) vivenciar experiências Pastorais, tendo em vista, principalmente, os critérios a seguir.

Quanto aos objetivos a serem perseguidos pelos(as) formandos(as), estes(as) deverão:

- crescer na assimilação pessoal das atitudes do Cristo Bom Pastor e no seguimento de sua missão (João Paulo II, 1992, n. 12), aprendendo a ter os mesmos sentimentos de Cristo (Fl 2,5);

- crescer no compromisso pessoal no serviço do Povo de Deus e na caridade pastoral;
- abrir-se mais à comunhão com a vida do povo, com a *comunidade cristã* e com o seu estado de vida;
- promover abertura de espírito para outras expressões espirituais, dentro da Igreja Católica, e para outras confissões religiosas, numa atitude ecumênica;
- ser fermento de transformação da sociedade, pelo testemunho e ação solidária, na promoção da justiça e da fraternidade;
- abrir-se ao relacionamento com pessoas e setores influentes da sociedade (formadores de opinião, artistas, intelectuais, políticos...);
- integrar sua dimensão humano-afetiva nas relações humanas e nos contatos Pastorais;
- capacitar-se para uma visão de conjunto da Ação Pastoral;
- adquirir um espírito missionário e a consciência da prioridade da evangelização.

Quanto à metodologia, a Formação estritamente Pastoral não deve reduzir-se a uma série de tarefas ou de experiências Pastorais, desconexas entre si e mal justapostas a outros aspectos da Formação. O(a) formando(a), ao longo de sua Formação, deve ter a possibilidade de desenvolver organicamente sua experiência Pastoral, através de um engajamento em comunidades das quais procurará conhecer a história para respeitar sua caminhada, e ter experiência Pastoral diversificada, sempre a partir da convivência e partilha da vida de uma comunidade cristã, para assumir gradativamente alguns ministérios juntamente com outros agentes Pastorais. É oportuno também que ele(a) tenha contato com pessoas em situação de sofrimento (doentes, presos, migrantes, sem casa), com movimentos sociais e populares e com os desafios da inculturação e das realidades emergentes. Finalmente, assumirá os *ministérios* próprios de sua condição, ajudando a ampliar a sua caminhada vocacional.

O trabalho Pastoral será devidamente planejado, acompanhado e avaliado. Devem ser evitados o imediatismo, a improvisação, o empirismo etc. Por isso, a Equipe de Formação terá o cuidado de escolher comunidades ou situações pastorais em que o(a) formando(a) possa encontrar condições para uma reflexão crítica e para uma Ação Pastoral não marcada por orientações demasiadamente unilaterais.

Através da revisão e reflexão sobre as experiências pastorais, orientadas pelos centros de estudos, párocos e formadores, o(a) formando(a) poderá compreender também as dificuldades e as deficiências humanas, discernir os apelos para mudar e progredir, reconhecer e acolher os sinais de Deus e as opções da Igreja. Seu engajamento Pastoral deve prolongar-se durante todo o ano letivo, mas sem prejudicar os estudos. Os períodos de férias escolares sejam também valorizados para contatos com a própria família e a comunidade de origem, e para estágios, seja na diocese, seja em áreas missionárias de sua Congregação ou Instituto etc.

Além dos critérios já citados, na escolha dos engajamentos Pastorais dos(as) formandos(as), serão consideradas:

- as aptidões e inclinações dos(as) próprios(as) formandos(as);
- as aptidões e condições dos presbíteros e formadores(as) que os(as) acolherão e acompanharão;
- as opções Pastorais da Igreja local;
- as situações de maior necessidade ou carência.

É conveniente que os(as) formandos(as) participem da elaboração dos Planos de Pastoral da Igreja local e que as Casas de Formação articulem suas atividades Pastorais com o Planejamento Pastoral Diocesano. É necessário, portanto, diante dessa exigência, uma integração entre as dimensões espiritual e Pastoral como condições básicas para uma correta Formação intelectual dos futuros presbíteros e religiosos(as).

As experiências Pastorais devem favorecer também o convívio fraterno com os leigos, o conhecimento melhor de suas aspirações religiosas e de suas atividades apostólicas e o

desenvolvimento da capacidade de comunicação e relacionamento. Convém que o(a) formando(a) não se restrinja às atividades já rotineiras ou até burocratizadas, mas procure o contato pessoal, a convivência familiar, as iniciativas espontâneas; dedique especial atenção aos mais humildes e marginalizados, e aos que mais precisam de aproximação solidária e fraterna; entre os leigos, tenham mais espírito de aprendizes que de mestres. Assim sendo, a Pastoral passa a ser uma grande aliada na Formação da Vida Religiosa Consagrada.

O engajamento Pastoral é também uma oportunidade para que os agentes de Pastoral, as Comunidades Eclesiais de Base e o povo participem da Formação dos(as) futuros(as) consagrados(as), estimulando-os(as) com seu testemunho e seu apoio e também participando da avaliação do seu desempenho. A opinião favorável da comunidade ou de seus representantes qualificados seja considerada um requisito necessário para a consagração de um(a) candidato(a). Ninguém seja considerado(a) apto(a) à consagração se não tiver feito uma experiência Pastoral encarnada na realidade e vida das pessoas, no chão onde se pisa. Na efetivação dessa exigência, comunga-se com uma espiritualidade libertadora, e essa espiritualidade libertadora só frutificará num *ministério* Pastoral de solidariedade com a causa dos pobres se o próprio processo de Formação, por uma experiência de vida, estiver de fato encarnado na realidade de vida do povo simples.

É interessante ressaltar que depois do Concílio Vaticano II não se pode pensar mais num tipo de Formação presbiteral e também religiosa puramente teórica e acadêmica, como em grande parte se fazia nas instituições de ensino teológico do passado. Uma primeira e importante exigência é que se dê uma atenção particular ao problema da pluralidade na Formação presbiteral e religiosa de nosso tempo. Uma Formação presbiteral e religiosa essencialmente Pastoral não se identifica com a prática Pastoral irrefletida, empírica e superficial. A Igreja terá sempre a responsabilidade de preparar devidamente gente especializada para a tarefa da Formação presbiteral e religiosa que atenda às necessidades atuais.

É importante frisar que a integração entre teoria e prática tem de ser a primeira preocupação das instituições de ensino de teologia e de Formação para o *ministério presbiteral* e para a Vida Consagrada. Com isso grandes passos podem ser dados para uma Formação compromissada com o resgate e promoção da vida. Portanto, o engajamento Pastoral dos futuros presbíteros e consagrados(as) não deve permanecer como uma espécie de apêndice da Formação intelectual-doutrinal. É urgente caminhar para o ensino de uma teologia que, num sentido autêntico, seja teoria e reflexão feitas a partir da prática Pastoral e da realidade da Igreja. Não se deve deixar de, sempre de novo, fazer da prática e do engajamento Pastoral instrumento essencial e eixo integrador da Formação para o *ministério presbiteral* e para a Vida Religiosa Consagrada.

A contribuição da caminhada Pastoral na Formação humano-afetiva

O documento *Optatam Totius* traça o perfil dos formadores, da seriedade na escolha dos mestres e superiores dos Seminários:

A formação dos estudantes depende não apenas de leis sábias, mas também e sobretudo de educadores idôneos. Sejam, pois, os superiores e mestres dos Seminários escolhidos dentre os melhores, diligentemente preparados por sólida doutrina, adequada experiência pastoral e peculiar formação espiritual e pedagógica. É mister, pois, que se promovam institutos com tal finalidade, ou que ao menos se façam cursos adequados e se realizem, em tempos preestabelecidos, reuniões de superiores dos Seminários (*OT*, 1294:5, p. 512).

É importante que se exponham aos(às) formandos(as) as responsabilidades que hão de tomar, sem ocultar nenhuma das dificuldades da vida Formativa. Todavia, que não olhem quase só para os perigos da atividade futura, mas sejam preparados para saber fortalecer a vida espiritual com

o exercício da Ação Pastoral, esta de fundamental importância no processo formativo do(a) candidato(a). É necessário que formandos(as) entendam bem claramente que não se destinam às imposições, nem às honras, mas que devem ocupar-se totalmente no serviço de Deus e no Ministério Pastoral. Sejam educados na obediência ao serviço, na pobreza de vida e abnegação de si mesmos com particular solicitude, de tal maneira que se habituem a renunciar generosamente mesmo àquilo que, sendo lícito, não é conveniente, e a conformar-se com Cristo Crucificado.

A disciplina das Casas de Formação deve ser tida não só como válida defesa da vida comum e da caridade, mas também como parte necessária de toda a Formação para adquirir o domínio de si mesmo, promover a sólida maturidade da pessoa e formar as demais disposições de espírito que tornam mais ardente e frutuosa a atividade Pastoral. Seja, assim, observada de tal maneira que se torne disposição interna dos(as) formandos(as) para interagir com os superiores com consciência e maturidade na dinâmica formativa do dia a dia. As normas de disciplina, porém, sejam aplicadas de tal maneira, segundo as idades dos(as) formandos(as), que estes(as), aprendendo a dirigir-se gradualmente a si mesmos(as), habituem-se a usar sabiamente da liberdade, a tomar iniciativas e responsabilidades e a colaborar com os seus companheiros e com os(as) leigos(as). Isso se expressa, no interior da Pastoral, como lugar privilegiado de relações de mútua ajuda.

A solicitude Pastoral que deve perpassar toda a Formação dos(as) formandos(as) exige também que sejam instruídos no que respeita especialmente ao sagrado *ministério*, sobretudo na catequese, na pregação, no culto litúrgico e na administração dos sacramentos, nas obras de caridade, no dever de ir ao encontro de pessoas carentes do amor a Deus, assim como nos demais deveres pastorais. Sejam os formandos cuidadosamente instruídos na arte de orientar as pessoas, na sua caminhada de fé, pela qual possam, primeiro que tudo, formar os filhos da Igreja numa vida cristã consciente e apostólica e levá-los ao cumprimento dos deveres

próprios do seu estado. Com igual solicitude, saibam ajudar os religiosos e as religiosas a perseverar na graça da própria vocação.

Diante disso, cultivem-se, em geral, nos(as) formandos(as), as convenientes aptidões que mais concorrem para o diálogo com homens e mulheres, como a capacidade de estar presentes e ouvir os outros. Isso pode contribuir para novas possibilidades, em espírito de caridade nas várias circunstâncias das relações humanas, ampliando, assim, novos horizontes na construção de uma sociedade mais humana e justa.

É necessário que os(as) formandos(as) aprendam a arte do apostolado não só de maneira teórica, mas também prática, e saibam comportar-se com responsabilidade própria e em colaboração com os outros. Para isso, sejam iniciados, já durante os estudos e até no tempo de férias, na prática pastoral com exercícios convenientes, que devem ser levados a cabo em harmonia com a idade dos(as) formandos(as) e circunstâncias dos lugares, segundo o prudente juízo dos superiores, de forma pedagógica e sob a orientação de homens(mulheres) peritos(as) em assuntos Pastorais, não esquecendo a força superior do Espírito, que é o formador por excelência.

Portanto, sem uma adequada Formação humana toda a Formação religiosa ficaria privada do seu necessário fundamento, pois o(a) religioso(a) fala a homens e mulheres concretos. Então, para que o seu *ministério* seja crível e aceitável é necessário que ele(a) modele a sua personalidade humana de modo a torná-la ponte e não obstáculo para os outros. Que seja, assim, capaz de conhecer em profundidade a alma humana com seus problemas e dificuldades, e ser um(a) facilitador(a) através do diálogo.

Nessa perspectiva, o(a) formando(a) deve, ainda, cultivar uma série de qualidades humanas necessárias à construção de personalidades equilibradas, fortes e livres, capazes de comportar o peso das responsabilidades Pastorais. Isso exige, entre outras coisas, que sejam afáveis, hospitaleiros(as), sinceros(as) nas palavras e no coração, que

sejam verdadeiros(as) donos de si mesmos(as), decididos(as) a combater e a superar as diversas formas de egoísmo e de individualismo que atacam a vida de cada um(a), prontos(as) a abrir-se aos outros, generosamente na dedicação e no serviço do próximo. Isso uma Pastoral bem articulada é capaz de incrementar na vida do(a) formando(a). Daí a importância da Pastoral na Formação.

A maturidade humano-afetiva, jamais alcançada definitivamente e sempre em processo de amadurecimento, é o fundamento de toda a convivência comunitária, seja na vida da Casa Formativa, seja, depois, nas comunidades em que o(a) futuro(a) consagrado(a) continuará a Ação Pastoral.

Considerando-se que “o carisma dos votos”, mesmo quando é autêntico, deixa intactas as tendências da afetividade e as excitações do instinto, os(as) candidatos(as) à consagração precisam de maturidade afetiva capaz de prudência, de renúncia a tudo o que pode atrapalhar, no cuidado do corpo e do espírito, estima e respeito pelos relacionamentos interpessoais com homens e mulheres. Uma ajuda preciosa pode ser dada por uma adequada educação e Ação Pastoral para a verdadeira amizade, à imagem dos vínculos de fraterno afeto que o próprio Cristo viveu (cf. Jo 11,5). Duas atitudes geradoras de comunhão e estabilidade psicológica precisam ser particularmente cultivadas: o diálogo, como processo de inter-relação e aperfeiçoamento na convivência humana, pela capacidade de ouvir e responder, na compreensão e estreitamento das relações de estima e amizade; e a fortaleza de ânimo, segurança e autoconfiança, que permitam aos(às) formandos(as) integrar suas opções e experiências vitais com firmeza e assumir as renúncias sem frustrações desagregadoras; habituando-se “a renunciar generosamente mesmo àquilo que, sendo lícito, não é conveniente” (João Paulo II, 1992, n. 49, p. 135).

Por isso, o desenvolvimento sadio requer um contato regular da pessoa com a realidade sociopolítica-econômica, com o ambiente cultural de origem, especialmente com a própria família. Deve-se evitar uma distância muito grande entre as condições de vida das famílias dos(as) formandos(as)

e o ambiente formativo. O(a) futuro(a) consagrado(a) deve conhecer e partilhar, o quanto possível, a cruz e o sofrimento, as alegrias e as esperanças do povo. Isso se efetiva, também, na Ação Pastoral com qualidade.

Considerações finais

Ninguém pode ser profeta sem primeiro ser testemunha do Deus vivo, ou seja, sem primeiro encantar-se com ele e dialogar “como um amigo conversa com seu amigo”. Esse diálogo tem espaço e tempo bem determinados, nos quais se vai gestando a história de salvação pessoal de toda pessoa que se considera anunciadora do Evangelho.

No entanto, todas as tentações Pastorais, de uma ou de outra forma, encontram sua explicação em uma grave carência de convicções espirituais e de “mística” evangélica, do mesmo modo que a autenticidade do *ministério* Pastoral sustenta-se pelo contínuo cultivo dessas mesmas convicções. Assim, o futuro presbítero, o(a) formando(a), para crescer na Formação, com a ajuda da Pastoral, como um instrumento integrador, que o oriente no convívio social e no compromisso com a vida um do outro, precisa, necessariamente, de uma percepção clara da compreensão de seu papel diante da realidade atual. Isso implica, naturalmente, estar atento ao cuidado da espiritualidade.

Nessa perspectiva, a Formação de presbíteros e religiosos(as) da Igreja no Brasil continua sendo um desafio. Se se considerar a situação atual, as grandes transformações, as mudanças aceleradas, pode-se afirmar, com toda a convicção e sem nenhum medo, que não é fácil educar os(as) futuros(as) consagrados(as). Afirmar o contrário seria pura ingenuidade, otimismo descabido, falta de realismo e de honestidade para com cada um.

Outro elemento que merece ser reafirmado na dinâmica do processo formativo é o *ministério* Pastoral com todas as suas implicações. Este, com sua dinâmica própria, alicerçado na fé, orientado pela esperança e consumado no amor, torna-se um meio eficiente no processo formativo dos(as)

futuros(as) consagrados(as), pois no círculo hermenêutico da Pastoral Jesus é luz para ver, critério para julgar e norma para agir. É interessante ressaltar que, no exercício do *ministério* Pastoral, é mais sublime o que Deus faz em e por meio de cada um do que aquilo que cada um faz. Por isso é importante o trabalho Pastoral na cotidianidade da Vida Religiosa, como uma dádiva de amor e um canto de comunhão e de entrega no serviço ao outro, à comunidade, à sociedade.

Nesse sentido, o serviço, a *diaconia*, de modo particular aos pobres, precisa ser a principal característica dos(as) religiosos(as), do contrário eles(as) não podem ser *sinal sacramental* de Cristo, que deu a vida por seu rebanho. Portanto, para que os(as) futuros(as) consagrados(as) sejam formados(as) nesse dinamismo, é preciso que o processo formativo se dê em Igrejas locais onde os espaços de comunhão e de participação são valorizados. Sem isso haverá, sim, muitas “vocações”, mas voltadas para a realização pessoal somente, confundindo vocação religiosa com profissão. Numa Igreja sem rosto, sem fidelidade aos princípios evangélicos, haverá invasão de “vocações”, movidas mais pela emoção do que por autêntica experiência de chamamento divino. Tais vocações serão frágeis, incapazes de doação radical. Por isso, com a mesma facilidade com que entraram na Vida Religiosa, afastam-se depois de terem saciado parte da sede religiosa. Assim, é necessário um envolvimento sério na Ação Pastoral.

A experiência de Pastoral é indispensável para formar religiosos(as) servidores(as), segundo Jesus Cristo, Servidor do Pai e dos irmãos e irmãs, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida em favor de todos (cf. Mc 10,45). Quando faltam a espiritualidade de comunhão e a práxis Pastoral, corre-se o risco de formar religiosos(as) carreiristas, elitistas, autoritários(as), pouco identificados com os anseios e os sofrimentos das pessoas da comunidade. Não mais que simples *funcionários do sagrado*, sem sentido, sem vida, sem expectativas. Por isso, há que se comungar a convicção de que no Cristianismo a prática e a vida são mais

importantes do que a teoria e a reflexão, mas sem reflexão e sem discussão toda prática e toda vida tornam-se sempre estranhamente apáticas, instintivas e sem inspiração. Assim, faz-se necessário buscar um crescimento sem distorções, com decisões livres, relacionando-se adequadamente com as pessoas, comunidades, irmãos e irmãs nas Casas Formativas, criando atitudes geradoras de comunhão. A Pastoral, com sua dinâmica e potencialidade, oferece aos formandos elementos para esse crescimento, habilitando-os para o acolhimento do outro, nas várias experiências da vida Formativa.

Referências

- BÍBLIA SAGRADA. Tradução ecumênica. São Paulo: Loyola, 1994.
- BOFF, Clodovis. *Inserção, formação, trabalho*. Rio de Janeiro: CRB, 1987.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Compêndio do Vaticano II*; constituições, decretos, declarações. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1968. 741p.
- _____. *Optatam Totius*. Decreto sobre a formação sacerdotal. In: *Compêndio do Vaticano II*; constituições, decretos, declarações. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1968.
- _____. *Presbyterorum Ordinis*. Decreto sobre o ministério e a vida dos presbíteros. In: *Compêndio do Vaticano II*; constituições, decretos, declarações. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1968.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Caminhos de vida: a reflexão teológica na trajetória da CRB*. Equipe de Reflexão da CRB. São Paulo: Paulinas, 2004.
- _____. *Metodologia do processo formativo: a formação presbiteral da Igreja no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2002. (Estudos da CNBB, n. 83.)
- FUENTES, Salvador Valadez. *Espiritualidade pastoral: como superar uma pastoral “sem alma”?* São Paulo: Paulinas, 2008.
- JOÃO PAULO II. *Pastores Dabo Vobis*. Exortação apostólica pós-sinodal sobre a formação dos sacerdotes. São Paulo: Paulinas, 1992. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_25031992_pastores-dabo-vobis_po.html>.

- LIBANIO, João Batista. *Pastoral numa sociedade de conflitos*. Petrópolis: Vozes, 1982.
- MARMILICZ, André. *Modelos de intervenção pedagógica na formação e suas implicações pastorais*. Disponível em apostila de aula, preparada em 10 jul. 2009.
- RITO, Frei Honório. *A pastoral como eixo integrador da formação presbiteral*. Disponível em apostila de aula, preparada da fonte da REB, Petrópolis: Vozes, v. 47, set. 1987.
- SCHELLENBERGER, Bernardini. *Diante de uma urgência espiritual*. São Paulo: Paulus, 1994.
- WOLFF, Elias. *Ministros do diálogo; o diálogo ecumênico e inter-religioso na formação presbiteral*. São Paulo: Paulus, 2004.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Qual o conceito de Pastoral que de fato estamos adotando e assumindo na Vida Religiosa Consagrada hoje em dia?
2. Que lugar ocupa a Pastoral nos programas de Formação (inicial, permanente etc.) para a Vida Religiosa Consagrada atualmente?
3. Nossos(as) jovens religiosos(as) estão sendo formados(as) efetivamente para a diaconia ou para serem meros(as) funcionários (as) do Sagrado?